

DOCTRINAS BÍBLICAS

INTRODUÇÃO À TEOLOGIA



TEOLOGIA

CURSO BÁSICO DE TEOLOGIA

DOUTRINAS BÍBLICAS

Uma Introdução à Teologia

DOCTRINAS BÍBLICAS

Uma Introdução à Teologia

Autoria de

Raimundo Ferreira de Oliveira

Adaptado para curso pela equipe redatorial da EETAD



Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus

Caixa Postal 1031 • Campinas - SP • 13012-970

Livro autodidático do Curso de Teologia da EETAD
Nível Básico

Consultor Teológico

Pastor Antonio Gilberto, M. Teol.

Equipe Editorial

Diagramação: Matheus dos Santos
Revisão de Textos: Martha Jalkauskas
Revisão Geral: Miriam Estevan

Supervisão de Produção

Márcio Matta

Coordenação Geral

Pr. Josué de Campos

Ilustrações

As ilustrações das páginas 111, 112, 114, 115, 117, 120 e 146 foram publicadas com a devida permissão da “Cook International Ministries” – Colorado Springs, CO (EUA).

As ilustrações das páginas 170, 175, 176, 177, 178, 188 e 189 foram publicadas com a devida permissão da Rev. Clarence Larkin – Glenside, PA (EUA).

Todos os Direitos Reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP - Brasil)

Oliveira, Raimundo Ferreira de

Doutrinas bíblicas: uma introdução à teologia / autoria de Raimundo Ferreira de Oliveira; adaptado para curso pela equipe redatorial da EETAD. 2ª ed. – Campinas, SP: Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus, 2008.

Bibliografia.

ISBN 85-87860-37-2 (brochura)

1. Bíblia – Crítica e interpretação 2. Bíblia – Doutrinas 3. Bíblia – Estudo e ensino 4. Bíblia – Leitura I. Título.

06-6435

CDD 220.07

Índices para catálogo sistemático

1. Bíblia: Estudo 220.07



Filiação

AETAL – Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina



ASEC – Associação de Editores Cristãos

© Copyright 2006 • 2ª Edição 2008 • Reimpressão 2010

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial.

Impresso no Brasil • Printed in Brazil • Impreso en Brasil

COMO ESTUDAR ESTE LIVRO

Às vezes, estudamos muito e aprendemos ou retemos pouco ou nada. Isto, em parte, acontece pelo fato de estudarmos sem ordem nem método. Embora sucintas, as orientações a seguir lhe serão muito úteis.

1. Busque ajuda divina

Ore a Deus dando-Lhe graças e suplicando direção e iluminação do alto. Deus pode vitalizar e capacitar nossas faculdades mentais quanto ao estudo da Sua santa Palavra, bem como assuntos afins e legítimos. Nunca execute qualquer tarefa de estudo e trabalhos desta matéria, sem primeiro orar.

2. Tenha à mão materiais auxiliares

Além da matéria a ser estudada neste livro-texto, tenha à mão as seguintes fontes de consulta e referência:

a) Bíblia. Tenha mais de uma versão para leitura e meditação para que fundamente sua fé na Palavra de Deus; A EETAD utiliza a versão ARA (Almeida Revista e Atualizada), publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil. Na eventualidade de alguns versículos citados serem de outra versão, esta é citada entre parênteses.

b) Dicionários Bíblico e Teológico. Para a devida compreensão de termos inerentes;

c) Dicionário da Língua Portuguesa. Para a compreensão do significado de algumas palavras utilizadas esporadicamente;

d) Atlas Bíblico. Para situar os fatos bíblicos no espaço geográfico.

e) Concordância Bíblica. Para a rápida localização de referências bíblicas;

f) Livros de apoio. Faça uso de bons livros de referência, publicados pelas principais editoras evangélicas. Veja, na Bibliografia Indicada, no final deste livro, os títulos mais indicados para lhe auxiliarem no estudo desta matéria.

g) Livro ou caderno de apontamentos individuais. Habitue-se a sempre tomar notas durante suas aulas, estudos e meditações, a partir da Bíblia, de tudo que venha a ser útil no avanço do seu conhecimento teológico e no desempenho do seu ministério.

3. Seja organizado ao estudar

a) Ao primeiro contato com a matéria, procure obter uma visão global da mesma, isto é, como um todo. Nessa fase do estudo, não sublinhe nada. Não faça apontamentos. Não procure referências na Bíblia. Procure, sim, descobrir o propósito da matéria em estudo, isto é, o que ela visa comunicar-lhe.

b) Passe então ao estudo minucioso de cada Lição, observando a seqüência dos Textos que a compõem. Agora, sim, à medida que for estudando, sublinhe palavras, frases e trechos-chaves. Faça anotações no caderno a isso destinado. Se essas anotações forem desorganizadas, nenhum benefício você terá.

c) Ao final de cada Texto, feche o livro e procure recompor de memória suas divisões principais. Caso tenha alguma dificuldade, volte ao Texto. O aprendizado é um processo metódico e gradual. Não é algo automático como apertar um botão da máquina para funcionar. Pergunte aos que sabem, como foi que aprenderam.

d) Ao término de cada Lição, responda os exercícios do Questionário da Lição sem consultar os Textos correspondentes. Em seguida volte aos Textos, comparando suas respostas. Tanto as perguntas que ficaram em branco como aquelas com respostas erradas, só deverão ser completadas ou corrigidas após sanadas as dúvidas pelo estudo paciente e completo dos Textos correspondentes.

e) Reexamine a Lição estudada, bem como seus exercícios.

f) Passe para a Lição seguinte.

g) Ao final do livro, reexamine toda a matéria estudada; detenha-se nos pontos que lhe foram mais difíceis, ou que falaram mais profundo ao seu coração.

Observando sempre todas estas orientações, você chegará a um resultado satisfatório em seu estudo, tanto no aprendizado quanto no crescimento espiritual.

INTRODUÇÃO

Escrito em linguagem de fácil compreensão, o presente livro apresenta um resumo das doutrinas cardeais da fé cristã, visando a oferecer ao aluno e ao obreiro que militam pela causa do Senhor uma visão da grandeza e da importância dos elementos essenciais dessa fé, que são as doutrinas bíblicas.

O que se destaca mais na Bíblia é o seu conteúdo doutrinário. Suas doutrinas são enfáticas na condenação dos falsos ensinamentos, como, nas passagens que advertem contra: a “... *tradição dos homens...*” (Cl 2.8); contra a “... *doutrina dos fariseus...*” (Mt 16.12); contra os “... *ensinamentos de demônios...*” (1Tm 4.1); contra os que ensinam “... *doutrinas que são preceitos de homens.*” (Mc 7.7); contra os que são “*levados ao redor por todo vento de doutrina...*” (Ef 4.14).

Entretanto, se por um lado a Bíblia condena o falso, por outro admoesta com veemência à aquisição do conhecimento sobre a prática da sã doutrina. “*Toda a Escritura é... útil para o ensino ...*” (2Tm 3.16). Portanto, segundo as Escrituras, a doutrina é “*boa*” (1Tm 4.6); “*sã*” (1Tm 1.10); “*segundo a piedade*” (1Tm 6.3); “*de Deus*” (Tt 2.10); e “*de Cristo*” (2Jo v. 9).

É mister que, na qualidade de guardiões da verdade, ensinemos ao rebanho do Senhor “*todo o conselho de Deus*” (At 20.27 – ARC), em especial pela época em que nos encontramos, marcada pela crescente proliferação de doutrinas heréticas, que confundem até mesmo um grande número de pessoas salvas.

Evitamos aqui realçar exageradamente alguns aspectos da doutrina cristã e, de igual modo, subestimar outros. Toda Escritura é boa e útil para o ensino e para a educação dos santos. O conhecimento que a Igreja adquire da vontade de Deus para a sua vida como um todo, ou para os seus membros em particular, depende do ensino constante, abundante e equilibrado da doutrina cristã como a temos na Bíblia.

No tocante à Trindade Santa, este livro apresenta: a Doutrina de Deus, definindo Sua natureza e seus principais atributos naturais e morais; a Doutrina de Cristo, Sua humanidade, humilhação, obra e glorificação, com ênfase em Sua pessoa face ao contexto geral da doutrina cristã; a Doutrina do Espírito Santo, nos dias do Antigo e do Novo Testamento, como também nos dias de hoje, com especial enfoque ao batismo no Espírito Santo, aos dons e ao fruto do Espírito.

O presente estudo inclui uma abordagem à Doutrina dos Anjos, o papel que desempenham na obra do Senhor e a relevância que exercerão na consumação dos séculos; à Doutrina do Homem, enfatizando-se os elementos de sua natureza e as consequências resultantes de sua queda no Éden; à Doutrina do Pecado, diferenciando-se o “pecado original” do “pecado praticado” e suas decorrências sobre a vida do homem.

Quanto à Doutrina da Salvação, são destacados os principais elementos nela operantes, lançando luz sobre a controversa questão da “predestinação” e da possibilidade de o crente perder a salvação por não perseverar na fé em Cristo até o fim; a Doutrina da Igreja e o papel que exerce no plano da salvação; e, finalmente, a Doutrina das Últimas Coisas, como elemento catalisador de esperança e bênçãos para a Igreja de Cristo, em sua condição de peregrina na terra.

Que o Espírito Santo nos acompanhe ao longo das páginas deste estudo, revelando-nos as verdades bíblicas que nos tornam aptos para o desempenho da responsabilidade de sermos “*sal da terra*” e “*luz do mundo*”.

ÍNDICE

LIÇÃO		TEXTO	PÁG.
1. “TEOLOGIA” – A DOCTRINA DE DEUS			01
A Existência de Deus	1		03
A Revelação de Deus	2		05
A Natureza de Deus e seus Atributos	3		08
A Natureza de Deus e seus Atributos (Cont.)	4		12
A Santidade de Deus	5		17
A Trindade Divina	6		19
As Obras de Deus	7		24
2. “CRISTOLOGIA” – A DOCTRINA DE CRISTO			27
Cristo no Antigo Testamento	1		29
A Divindade de Cristo	2		32
A Humanidade de Cristo	3		34
A Morte de Cristo	4		37
A Ressurreição de Cristo	5		39
O Sacerdócio de Cristo	6		41
3. “PNEUMATOLOGIA” – A DOCTRINA DO ESPÍRITO SANTO			45
A Natureza do Espírito Santo	1		47
O Espírito Santo no Antigo Testamento	2		49
O Espírito Santo no Novo Testamento	3		51
O Espírito Santo no Crente	4		55
O Batismo no Espírito Santo	5		57
Os Dons do Espírito Santo	6		58
4. “ANGELOLOGIA” – A DOCTRINA DOS ANJOS			63
A Natureza dos Anjos	1		65
Os Anjos Como Agentes de Deus	2		67
Origem, Rebeldia e Queda de Lúcifer	3		69
Satanás, o Agente da Tentação	4		71
Satanás na Consumação dos Séculos	5		74
5. “ANTROPOLOGIA” – A DOCTRINA DO HOMEM			79
A Origem e a Criação do Homem	1		81
A Natureza do Homem	2		83
O Homem – Imagem e Semelhança de Deus	3		86
O Destino do Homem	4		88
Provação e Queda do Homem	5		91

6. “HAMARTIOLOGIA” – A DOCTRINA DO PECADO	95
A Origem do Pecado	1 97
A Natureza do Primeiro Pecado do Homem	2 99
A Descrição Bíblica do Pecado	3 101
O Pecado Original e o Pecado Praticado	4 103
O Pecado e o Crente	5 105
7. “SOTERIOLOGIA” – A DOCTRINA DA SALVAÇÃO	109
A Providência Salvadora	1 111
Quatro Aspectos da Provisão de Cristo Quanto à Salvação	2 113
O Lado Divino da Conversão do Pecador	3 116
A Participação do Homem na Conversão	4 120
A Justificação	5 124
8. “SOTERIOLOGIA” – A DOCTRINA DA SALVAÇÃO (CONT.)	131
A Regeneração	1 133
A Adoção	2 136
A Santificação	3 138
Advertências e Promessas	4 144
A Glorificação	5 149
9. “ECLESIOLOGIA” – A DOCTRINA DA IGREJA	153
A Origem da Igreja	1 155
O Que É a Igreja	2 157
O Fundamento da Igreja	3 159
Formação e Administração da Igreja	4 161
A Missão da Igreja	5 163
10. “ESCATOLOGIA BÍBLICA” – A D. BÍB. DAS ÚLT. COISAS	167
O Arrebatamento da Igreja	1 169
Após o Arrebatamento da Igreja	2 172
A Grande Tribulação	3 175
A Volta de Jesus	4 180
O Milênio	5 182
Eventos Finais	6 187
Gabarito – Questionário das Lições	193
Bibliografia Indicada	194
Referências Bibliográficas	196
Currículo do Curso de Teologia – Nível Básico	197
Currículo do Curso de Teologia – Nível Médio	198



"TEOLOGIA" A DOCTRINA DE DEUS

Não obstante ser um livro que trate essencialmente sobre Deus e o Seu relacionamento com o homem, a Bíblia não assume como objetivo maior provar a existência de Deus. A existência de Deus é fato indiscutível, e, portanto pacífico, no decorrer de toda a narrativa bíblica.

Assim como a Bíblia, a sã teologia não se propõe a dissecar o Ser de Deus, mas a apresentá-lo ao nível da compreensão do homem. Evidentemente, como Ser eterno, onisciente, onipresente e santo, Deus não pode ser aquilatado em Sua plenitude pelo homem, cuja capacidade é limitadíssima em si mesma.

Se a própria Bíblia diz que nem os céus, nem o céu dos céus podem conter Deus (1Rs 8.27), como a nossa ínfima compreensão seria capaz de aquilatá-lo? Comece onde começar, a nossa jornada na pesquisa sobre Deus será consumada quando nos virmos diante da declaração de Jesus à mulher samaritana: *"Deus é Espírito..."* (Jo 4.24).

Diante desta declaração de Jesus Cristo, concluímos quão magnífico e ilimitado é Deus, e quão insignificante e resumida é a nossa capacidade no que tange explicá-lo.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Existência de Deus
2. A Revelação de Deus
3. A Natureza de Deus e seus Atributos
4. A Natureza de Deus e seus Atributos (Cont.)
5. A Santidade de Deus
6. A Trindade Divina
7. As Obras de Deus

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Listar duas formas de negação da existência de Deus;
2. Citar como Deus se revela por meio da natureza;
3. Dizer o que a Bíblia ensina sobre a personalidade de Deus;
4. Enumerar os atributos divinos;
5. Explicar a santidade de Deus revelada na Lei Moral;
6. Mencionar três conceitos falsos sobre a Trindade;
7. Discorrer sobre as características do Decreto Divino.

TEXTO 1**A EXISTÊNCIA DE DEUS****Formas de negação da existência de Deus**

Ao fazer um estudo comparativo entre as religiões, podemos afirmar que existem aqueles que não creem em Deus como um Ser Supremo e pessoal, e há os que não creem nEle como a Bíblia ensina. Vejamos as formas de negação da existência de Deus:

1. Ateísmo: os ateístas negam a existência de Deus e estão subdivididos em duas classes: o ateu prático e o ateu teórico.

2. Agnosticismo: palavra de origem grega que significa não saber. Os agnósticos alegam crer unicamente no que se pode ver e apalpar.

3. Deísmo: admite que Deus existe, contudo, rejeita por completo a Sua revelação à humanidade.

4. Materialismo: afirma que os diferentes comportamentos físicos e psíquicos humanos são simplesmente movimentos da matéria.

5. Panteísmo: ensina que, no Universo, Deus é tudo e tudo é Deus. Deus é não apenas parte do Universo, mas o próprio Universo.

Provas bíblicas da existência de Deus

Na Bíblia, em sua primeira página, encontramos a inequívoca declaração: “No princípio... Deus...” (Gn1.1). Ainda que tenha a existência de Deus como fato plenamente razoável, independente da fé, a sã teologia não se propõe a demonstrá-la por meio de argumentos humanamente lógicos. A pessoa que, para provar a existência de Deus, vai além do que a Bíblia diz e do que a criação testifica, pode levar o inquiridor a resultados inúteis ou desnecessários.

Fé na revelação bíblica

O cristão que teme a Deus através da fé, aceita a verdade da Sua existência segundo a revelação contida na Bíblia, pois ela não só revela Deus como Criador de tudo, mas também como e como Dirigente. A Bíblia mostra esta revelação como a base da fé em Sua existência.

Deus estava em Cristo

Inspirado pelo Espírito Santo, o apóstolo Paulo escreveu que “... *Deus estava em Cristo...*” (2Co 5.19). Desta forma, temos na Pessoa de Jesus Cristo a maior expressão da existência de Deus; a maior revelação que o próprio Deus poderia fazer ser de Si mesmo ao homem (Jo 1.1,14).

Cristo, a expressão humana de Deus

Sendo, pois, a pessoa de Jesus Cristo a maior revelação de Deus ao homem, no Novo Testamento, e principalmente no Evangelho Segundo João, Ele declara ser igual ao Pai quanto à Sua essência, natureza e eternidade.

A Bíblia e o próprio Jesus identificam-nO como Deus nas passagens: “*Eu e o Pai somos um.*” (Jo 10.30). Em diversos lugares da Bíblia, Cristo é identificado como:

- Deus (Hb 1.8);
- Filho de Deus (Mt 16.16,17);
- Primeiro e Último – Alfa e Ômega (Is 41.4; Ap 1.8);
- Santo (At 3.14; Os 11.9);
- Senhor (At 9.17);
- Perdoador de pecados (Mc 2.5,10);
- Doador da vida imortal e da ressurreição (Fp 3.21) e
- Juiz dos vivos e dos mortos (2Tm 4.1).

Evidências racionais da existência de Deus

Filósofos e pensadores têm buscado na filosofia argumentos racionais sobre a existência de Deus. Alguns desses aspectos provêm de Platão e de Aristóteles. Vejamos:

1. Argumento Ontológico: diz que o homem tem imanente em si a ideia de um ser absolutamente perfeito e, por conseguinte, deve existir um Ser absolutamente perfeito.

2. Argumento Cosmológico: em geral, encerra a ideia de que tudo o que existe no mundo deve ter uma causa primária ou uma razão de ser.

3. Argumento Teológico: mostra que o mundo, ao ser considerado sob qualquer aspecto, revela inteligência, ordem e propósito, denotando a existência de um Ser sábio.

4. Argumento Moral: parte do raciocínio que deduz a existência de um Supremo Legislador e Juiz, com absoluto direito de governar e corrigir o homem.

5. Argumento Histórico: a exposição principal é a que sustenta que, entre todos os povos e tribos da terra, é comum a evidência de que o homem é um ser religioso em potencial.

O testemunho do Espírito Santo no crente

Para o crente é difícil entender como as pessoas não creem na existência de Deus e como elas aceitam a mentira em detrimento da verdade e, com isso, cumprem as palavras de Romanos 1.22,28; 1 Timóteo 4.1; e 2 Tessalonicenses 2.10-12.

Como provar a realidade de Deus? Não se pode provar a existência de Deus por meios naturais, mas sim, por meio da fé.

O Espírito Santo é a chave da revelação de Deus. A Palavra apresenta-O como o "... *Espírito da verdade...*" (Jo 16.13). Notemos aqui que a declaração do Espírito é verdadeira.

TEXTO 2

A REVELAÇÃO DE DEUS

Deus Se revela através da natureza

Em Salmos 19.1-6, o rei Davi descreve a natureza como o primeiro embaixador divino, mostrando que os céus narram a glória de Deus.

A Natureza é o espelho de Deus. A criação toda revela o Criador. Gênesis 1 e Salmos 104 mostram que Deus fez cada coisa para um fim determinado, colocando cada uma também em seu devido lugar.

A Bíblia apresenta também o perigo da rejeição desta revelação. Em Romanos, temos a denúncia divina contra os que, tendo contemplado as maravilhas da Sua criação não O glorificaram como Deus, mas consideraram-se "sábios" ante seus próprios olhos (Rm 1.18-21).

Ainda em Romanos 1.23-28, vemos uma lista dos pecados cometidos por esses “sábios” infiéis, que ativa e atrevidamente prosseguem desviados de Deus. Os versículos mencionados dizem que:

a) Eles mudaram a glória de Deus, incorruptível, em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de animais;

b) Eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo à criatura, em lugar do Criador;

c) Por causa das suas perversões, tais homens foram abandonados por Deus e entregues às paixões vis;

d) Deus os entregou a uma disposição mental reprovável para praticarem coisas inconvenientes.

Deus Se revela a Israel

Deus fez do povo de Israel o centro de revelação para, através dele, abençoar toda a humanidade.

A revelação de Deus na história de Israel é constante e patente. Deus atesta o favor divino, bem como Sua provisão para com o povo que Ele escolheu para Si.

A base da atitude religiosa de Israel foi a aliança que Deus estabeleceu entre Si e a descendência de Abraão. Aliança com a qual Deus se comprometeu perante a descendência de Abraão de ser o Seu Deus, dispondo-a a invocá-Lo como o Senhor Todo-Poderoso. Em Gênesis 15, vemos as bases estabelecidas através de Seu ancestral Abraão. A principal ênfase da revelação de Deus a Israel recai sobre a Sua fidelidade à aliança feita com o patriarca, Sua paciência e misericórdia, e Sua lealdade aos Seus próprios propósitos (Hb 6.13,14).

Deus Se revela aos profetas

O homem pode conhecer a Deus por meio de Sua expressa revelação, manifesta através do auxílio dos seguintes termos: Deus Se revela (Gn 37.7,13); Deus Se deixa ver (Gn 12.7); Deus torna conhecida a Sua vontade; Deus também fala, fato atestado pela tão conhecida expressão bíblica: “Assim diz o Senhor”.

Deus dá ao homem a liberdade de conhecê-Lo, com o objetivo de revelar-Se como bem lhe apraz através da criação.

Deus se revela para os que são Seus escolhidos, que O buscam, que O servem e

andam em comunhão com Ele. Amós escreveu que “... o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3.7). Deus manifestou seus segredos não só pelo que lhes deu a ver, mas também pelas palavras que lhes fora dita.

Deus Se revela aos apóstolos

Foram os apóstolos os primeiros a receber o impacto da revelação divina em pessoa – a pessoa de Cristo. O apóstolo Paulo foi quem recebeu de Deus profundas revelações (Cl 1.26,27; Gl 1.11,12).

A revelação transformadora foi a que fez com que os apóstolos se tornassem diferentes, humildes, fervorosos, destemidos e vitoriosos. De posse de tal revelação, pregaram o Antigo Testamento, escreveram, viveram e morreram pelo Novo Testamento. Pela visão que tiveram de Deus, de frágeis se tornaram valentes bandeirantes da fé, com a decisão de mudar o mundo.

Deus Se revela à igreja

Quanto à revelação de Deus nos últimos dias à Igreja, a Epístola aos Hebreus diz: “*Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho. a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.*” (Hb 1.1,2)

Ao precisar Se ausentar fisicamente, Jesus disse que Sua ausência seria ocupada por um Agente revelador de Deus à Igreja (Jo 14.16,17).

Se grandiosa foi a revelação dada por Deus a Israel através da Lei, por intermédio de Moisés, maior é a revelação de Deus através de Cristo, comunicada pelo Espírito Santo à Igreja, para nos dar provas da grandeza de Deus, não apenas aos homens, mas aos principados e potestades que pertencem aos lugares celestiais.

TEXTO 3

A NATUREZA DE DEUS E SEUS ATRIBUTOS

A vida de Deus

+ Jo. 10.10-16

A expressão “EU SOU” (Êx 3.14) já seria suficiente para atestar a vida de Deus. Porém, inúmeras outras passagens bíblicas reiteram Sua existência, como em Hebreus 11.6, que diz que “*é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe...*”.

Deus é a própria vida (Jo 5.26): dEle, nEle, por Ele e para Ele emana tudo e todos os seres criados, animados e inanimados. Todos nós dependemos de pelo menos duas pessoas para existir – nossos pais. Deus não, Ele existe por si mesmo. Eis porque Ele pode, com autossuficiência, dizer de si próprio: “*Eu sou o que sou*”. Apesar de ser uma realidade espiritual, Deus pode assumir qualquer forma visível, entretanto homem algum jamais viu sua face (Êx 33.20; Mt 1.23; 11:27; Jo 1.18).

A Bíblia apresenta Deus como um Ser supremo, vivo e Todo-Poderoso que faz com que as coisas aconteçam de acordo com a Sua vontade (Jr 10.10-16).

No Antigo Testamento, era comum os profetas falarem da existência de Deus comparando-a com a de os deuses pagãos. Exemplos:

1. Moisés disse que o Deus vivo falou do meio do fogo (Dt 5.26);
2. Davi disse que Golias estava afrontando os exércitos do Deus vivo (1Sm 17.36);
3. Ezequias disse que Rabsaqué, mensageiro do rei da Assíria, fora enviado para afrontar o Deus vivo (2Rs 19.4).

Quanto à vida de Deus no Novo Testamento, encontramos os seguintes registros:

- a) Pedro declarou ser “...Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16);
- b) Paulo exortou os habitantes de Listra a se converterem ao Deus vivo (At 14.15);
- c) Paulo declarou que os cristãos de Tessalônica haviam deixado os ídolos, convertendo-se ao Deus vivo (1Ts 1.9);
- d) Paulo chama a Igreja de propriedade do Deus vivo (1Tm 3.15);
- e) Paulo diz termos postos a nossa esperança no Deus vivo (1Tm 4.10).

A espiritualidade de Deus

Deus é Espírito: possui personalidade plena, podendo ter uma comunhão direta com Suas criaturas, feitas à Sua imagem. Não está sujeito a limitações, como os seres humanos. Não é composto de nenhum elemento material, não pode ser visto com os olhos naturais e nem aprendido pelos sentidos naturais. Isso se opõe ao falso ensino do Materialismo, pois Deus não pode ser entendido pela lógica humana.

Aparições Teofânicas: “*Ninguém jamais viu a Deus...*” (Jo 1.18) declara o apóstolo João em seu Evangelho. O que ele quer dizer é que nenhum homem viu a Deus como Ele é, isto é, Sua essência. Deus pode manifestar-se em forma corpórea, o que chamamos de “Teofania”. No Antigo Testamento, Deus apareceu em forma de anjo – anjo do SENHOR (Gn 16.9); “Anjo” da Sua presença (Êx 32.34; 33.14); “o anjo da Aliança” (Mt 3.1).

A personalidade de Deus

O ensino de que Deus é um Ser pessoal se opõe ao Panteísmo, doutrina filosófica que defende que Deus é tudo e tudo é Deus, que Deus é o Universo e o Universo é Deus, que Ele não existe separado daquilo que se alega ser Sua criação.

Personalidade é o conjunto das características que define a individualidade de uma pessoa, ela abarca aspectos visíveis que distinguem uma pessoa de outra, é a identidade pessoal. Em relação a Deus, a revelação da Sua personalidade se deu já pelos vários nomes e títulos dados a Ele que muito revelam Seu caráter, Suas ações e relações pessoais e governo. Um dos nomes que Deus Se faz conhecer é “Jeová”. Vejamos outros títulos pelos quais Deus é conhecido:

- a) Eu Sou (Êx 3.14);
- b) Jeová-Jiré = O Senhor proverá (Gn 22.13,14);
- c) Jeová-Nissi = O Senhor é minha bandeira (Êx 17.15);
- d) Jeová-Rafá = O Senhor que sara (Êx 15.26);
- e) Jeová-Shalom = O Senhor é nossa paz (Jz 6.24);
- f) Jeová-Raa = O Senhor é meu pastor (Sl 23.1);
- g) Jeová-Tisidiquênu = Senhor, Justiça Nossa (Jr 23.6);
- h) Jeová-Sabaot = O Senhor dos Exércitos (1Sm 1.3);
- i) Jeová-Samá = O Senhor está presente (Ez 48.35);
- j) Jeová-Elion = O Senhor Altíssimo (Sl 97.9);
- l) Jeová-Mikadiskim = O Senhor que vos santifica (Êx 31.13).

A personalidade de Deus pode ser reconhecida através dos seguintes aspectos:

1. Pelos pronomes pessoais empregados para distingui-*l*O: Tu e Te (Jo 17.3) e Ele e *l*O (Sl 116.1,2).

2. Pelas características e propriedades de personalidade que *L*he são atribuídas: tristeza (Gn 6.6); ira (1Rs 11.9); zelo (Dt 6.15); amor (Ap 3.19); e ódio (Pv 6.16).

3. Pelo relacionamento que mantém com o Universo e com os homens: como Criador de tudo (Gn 1.1); como Preservador de tudo (Hb 1.3); como Benfeitor de todas as vidas (Mt 10.29,30); como Governador e Dominador das atividades humanas (Rm 8.28) e como Pai de Seus filhos espirituais (Gl 3.26).

A autoexistência de Deus

Sabemos que Deus existe por Si mesmo. Estudos errôneos em torno desse ensino, como, por exemplo, o de Lactâncio (apologista africano do século III), que afirma que antes de todas as coisas, Deus foi procriado de Si mesmo. Um erro parte de que a existência de Deus deve ser explicada, pois tudo parte de um princípio, isto é, tudo tem uma causa, um porquê.

Observamos que Deus é independente de tudo fora de Si mesmo. Para Pendleton, as causas da existência de Deus estão nEle mesmo, e que nEle há vida inerente. Diferente da vida das criaturas, a vida de Deus não provém de fontes externas. Se no universo não existissem criaturas, essa não-existência em nada afetaria a existência de Deus. A Bíblia afirma que antes que existisse vida em qualquer outro lugar, Ele “... *tem vida em si mesmo*” (Jo 5.26). A existência das criaturas depende do Criador. A razão de Sua existência encontra-se nEle e não pode se encontrar o mistério de Sua existência.

A eternidade de Deus

Do princípio ao fim, a Bíblia nos mostra que Deus não tem princípio nem fim de dias: é um Deus eterno (Gn 1.1; Dt 33.27).

A Bíblia descreve a eternidade de Deus de maneira que Sua duração corresponde a idades sem fim (Sl 90.2; Ef 3.21). Eternidade, no sentido estrito da palavra, aplica-se ao que transcende a todas as limitações temporais. A eternidade de Deus é diferente do tempo cronológico. Ele é o “*EU SOU*”. Podemos definir a Sua eternidade como a perfeição divina pela qual Ele se eleva sobre as limitações temporais.

Nas Sagradas Escrituras, a palavra eternidade é usada em três sentidos diferentes: o figurado, o limitado e o literal. O tempo cronológico tem passado, presente e futuro. Deus não é assim. Para Ele, o passado e futuro se fazem no eterno presente.

A imutabilidade de Deus

O fato de Deus existir por si mesmo, bem como Sua eternidade, são argumentos legítimos em abono de Sua imutabilidade. Na qualidade de um Ser infinito, absolutamente independente e eterno, Deus não está sujeito à mudança (Mt 3.6).

Imutabilidade é a perfeição através da qual Deus não está sujeito a qualquer mudança no Seu Ser, Sua natureza, Sua essência, Sua perfeição, Seus propósitos e promessas (Tg 1.17).

Deus é imutável, isto é, Deus não muda. Mas, então, o que nos diz Gênesis 6.6? *“então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração”*. Aqui, o termo arrepender-se significa mudança de atitude de Deus em consequência do arrependimento do homem. O homem arrepende-se daquilo que cometeu, enquanto Deus se arrepende no sentido de suspender uma ação que é para abençoar os pecadores.

Portanto, cumpre o que a Bíblia diz: *“Deus não é homem para que minta; nem filho do homem para que se arrependa.”* (Nm 23.19).

A onisciência de Deus

A Bíblia afirma que Deus é perfeito em todo o conhecimento e sabedoria (Is 40.28). Seu conhecimento é imensurável (Sl 147.5; Mt 10.29,30).

A palavra *onisciência* deriva de duas palavras latinas, *omnis* e *scientia*, e significa *conhecimento de tudo*, isto é, Deus tem o conhecimento sobre todas as coisas.

A onisciência de Deus inclui tudo, desde a eternidade, o plano total dos séculos, o que acontece em todos os lugares, tanto o bem como o mal e conhece os filhos dos homens, seus caminhos e suas obras. Pela Sua capacidade de saber de todas as coisas, Deus conhece a natureza e tudo o que se refere às atitudes dos seres humanos. Não há nada em que os olhos de Deus não estejam presentes.

A onipotência de Deus

A palavra *onipotência* provém de dois termos latinos: *omnis* e *potentia*, que, juntos, significam *tudo poder*. A Bíblia declara: *“Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.”* (Jó 42.2).

A onipotência de Deus não significa o exercício de Seu poder para fazer aquilo que é incoerente aos Seus atributos e à natureza das coisas, como, por exemplo, fazer com que um acontecimento histórico passado volte a acontecer.

Podemos ver a onipotência de Deus aplicada no domínio da natureza; no domínio da experiência humana; no domínio das coisas celestiais e no domínio dos espíritos malignos.

A onipresença de Deus

O atributo da *onipresença* significa que Deus está *em todos os lugares ao mesmo tempo*. Ele vê todas as nossas ações e atitudes não importa o lugar onde nós estejamos (Sl 139.7-12). No entanto, Deus não está presente em vários lugares com um mesmo sentido e propósito.

A onipresença de Deus aplicada à vida e experiências humanas tem a ver com a verdade que consola os corações dos crentes. A Sua infalível presença é constituída em gloriosa porção e possessão. É também uma verdade sondadora (Hb 4.13; Sl 139).

TEXTO 4

A NATUREZA DE DEUS E SEUS ATRIBUTOS (CONT.)

A veracidade de Deus

Ao longo da narrativa bíblica são manifestas Sua veracidade, que é transparecer a verdade, e a fidelidade de Deus (Sl 31.5).

A veracidade é um dos múltiplos aspectos da perfeição divina, pois Deus é ao mesmo tempo veraz e perfeito. A mentira não faz parte da natureza de Deus, pois ao tratarmos com Ele estamos tratando com um Ser verdadeiro e que está disposto a cumprir com todas as Suas santas e boas palavras (Jr 1.12).

Fidelidade é outro aspecto da veracidade divina. Deus é fiel, pois nEle se cumprem todas as Suas promessas feitas ao Seu povo (Sl 117.2).

O conselho de Deus

O conselho de Deus é eterno em relação ao mundo material e espiritual que abrange todos os Seus eternos propósitos e decretos, inclusive a criação e a redenção, levando em consideração o livre arbítrio do homem (Ef 1.11).

A abrangência do conselho divino é limitada à compreensão do homem, mas Deus, ainda que em parte, aprouve revelar ao homem o Seu plano.

O conselho divino é aplicado a todas as coisas em geral (Is 14.26,27) e também às coisas em particular, que estão subdivididas em naturais e espirituais.

Redenção é um dos propósitos do conselho de Deus, que diz respeito à salvação do homem. Ler Efésios 1.3-5. O propósito de Deus para com o homem inclui os seguintes elementos:

- a) Criar o homem;
- b) Prover a salvação em Cristo, suficiente para todos;
- c) garantir a salvação a todos aqueles que O aceitarem livre e espontaneamente;
- d) julgar aqueles que livre e voluntariamente rejeitarem a graça salvadora de Deus em Cristo, por meio do Evangelho.

Ao surgir a Reforma Protestante, várias doutrinas foram reexaminadas e colocadas em confissões de fé. Dentre elas podemos destacar a predestinação, que foi difundida por João Calvino. Mas este ensino foi questionado e discordado pelo teólogo holandês Jacob Arminius que, segundo ele, a salvação é um ato soberano do conselho de Deus que o homem pode aceitar ou rejeitar, pois o homem é dotado do livre arbítrio.

Jacob Arminius teve em John Wesley a maior expressão do seu pensamento e doutrina quanto à predestinação, como parte do conselho de Deus.

A sabedoria de Deus

Podemos considerar a sabedoria de Deus como aspecto particular do Seu perfeito conhecimento. Faz-se necessário saber que a sabedoria e o conhecimento são distintos. Conhecimento é adquirido através do estudo, enquanto que a sabedoria é o resultado do conhecimento adquirido pela prática da vida e pela intuição. Isso é imperfeito no homem, mas em Deus se caracteriza por Sua absoluta perfeição. Ler Jó 12.13.

A sabedoria de Deus estabelece uma relação com a Sua inteligência; aquela perfeição de Deus por meio da qual Ele aplica o Seu conhecimento para alcançar Seus fins, conforme a maneira que Lhe glorifica.

Podemos encontrar a Sua manifestação na obra de Criação (Sl 19.1-4), na providência (Sl 33.10,11) e na redenção (Rm 11.33).

A soberania de Deus

A soberania de Deus é a soma de alguns dos Seus atributos, dentre os quais se destacam: a onipotência, onisciência e onipresença. O Criador e Sua vontade são apresentados como a causa de todas as coisas. À soberania de Deus submetem-se todos os exércitos dos céus e os habitantes da terra (Is 33.22).

A soberana vontade de Deus é aquela perfeição do Ser divino, da qual por um simples ato, deleita-se em Si mesmo como Deus.

O soberano poder de Deus não só encontra expressão na vontade divina, mas no Seu poder de executar a Sua vontade.

A vontade de Deus

Como um ser existente em Si mesmo, dominador e sustentador do Universo que criou pelo seu poder, Deus é soberano e dotado de vontade própria. Sua vontade e seu querer independem de motivação exterior (Sl 135.6).

O querer divino envolve fatos como os seguintes:

- a criação dos anjos (Ne 9.6; Cl.1.16);
- a criação dos céus e da terra (Gn1.1);
- a recriação do planeta Terra (Gn 1.2-23);
- a formação do homem (Gn 1.26);
- a formação da mulher (Gn 2.18,21-25);
- a sustentação do Universo; e
- a renovação dos céus e da terra na consumação dos séculos (2Pe 3.13;

Ap 21.1).

A vontade de Deus concernente a Israel envolve os seguintes elementos: a chamada de Abrão para sair da sua terra; a promessa de um filho e o nascimento miraculoso de Isaque; a eleição de Jacó como cabeça da família e como pai dos doze patriarcas; a eleição de José ao elevado posto de governador do Egito, a libertação de Israel do Egito; a condução de Israel durante quarenta anos pelo deserto, até sua monumentosa entrada em Canaã, a Terra Prometida, e a preservação histórica de Israel, (apesar de rejeitar Jesus como o Messias) para fazê-la nação próspera na consumação do século.

A justiça de Deus

Alguns teólogos conceituam que a justiça de Deus é como “uma forma de Sua santidade” ou “santidade transitiva”, termos que costumamos chamar de justiça relativa ou absoluta. A ideia principal de justiça está ligada à da Lei. Lei à qual Deus não está sujeito, mas que entre os homens ela deve ser seguida e obedecida.

A justiça divina, antes de qualquer outra coisa, é governativa de Deus. Ela tem a ver com aqueles que Deus usa como governante dos bons ou dos maus. Por causa dessa virtude, Deus tem instituído um governo moral no mundo e imposto uma lei justa ao homem, com recompensa para aqueles que são obedientes e castigo para os que são transgressores (Rm 6.23). Relacionadas à justiça governativa de Deus encontram-se as justiças:

a) distributiva (se relaciona com a distribuição das recompensas e dos castigos – Is 3.10; Rm 2.6 e 1Pe 1.17);

b) remunerativa (recompensa aos homens e aos anjos – Dt 7.9,12,13; 2Cr 6.15; Sl 58.11; Mq 7.20; Mt 25.21,34; Rm 2.7; Hb 11.26);

c) retributiva (aplicação de castigo da Sua parte. É uma manifestação da ira divina – Rm 1.32; 2.9; 12.19; 2Ts 1.8).

Bondade de Deus

À luz das Escrituras, a bondade de Deus é tratada de duas formas: genérica e específica. Portanto, a Sua bondade se manifesta em diversos níveis, abrangendo os santos anjos, os filhos de Israel, a Igreja, etc.

A bondade de Deus não deve ser confundida com Sua ternura. A ideia principal é que Ele, em todo o sentido, corresponde perfeitamente ao ideal expresso na Sua Palavra. A bondade, no sentido transcendente da palavra, mostra absoluta perfeição e perfeita felicidade em Si mesmo.

A bondade de Deus para com as Suas criaturas pode ser definida como a perfeição que O leva a manter o cuidado com as Suas criaturas (Sl 145.9,15,16).

A bondade de Deus, quando manifestada, assume o mais elevado caráter de amor, amor que distingue aos quais se destina. Podemos definir o amor divino como a perfeição de Deus pela qual Ele é impulsionado a comunicar-se com as Suas criaturas. Deus é absolutamente bom em Si mesmo, Ele ama o homem mesmo quando ele está fraco (Jo 3.16).

A graça de Deus

A palavra graça é uma tradução do hebraico *hessed*, do grego *charis* e do latim *gratia*. No geral, pode-se dizer que graça é dádiva gratuita da generosidade para com alguém que não tem o direito de reclamá-la.

A graça de Deus é o manancial de bênçãos espirituais concedidas aos pecadores. (Ef 1.6,7; 2.7-9; Tt 2.11; 3.4-7). No entanto, a Bíblia com frequência fala da graça de Deus como salvadora, e outras vezes ela aparece com um sentido mais amplo (Is 26.10; Jr 16.13).

A misericórdia de Deus

A misericórdia de Deus é definida como bondade ou amor de Deus para com aqueles que precisam de uma ajuda espiritual. Tratando de misericórdia, Deus Se revela compassivo e piedoso para aqueles que estão em situação de miséria espiritual e precisando de um socorro (Dt 5.10; Sl 57.10, 86.15; 103.13).

A longanimidade de Deus

Longanimidade é indicada pela expressão *erek aph*, significando literalmente *grande rosto* e também *lento para ira*. Na Sua longanimidade Deus contempla o pecador em seu estado de pecado, apesar das admoestações, chamando-o ao arrependimento (Êx 34.6).

TEXTO 5

A SANTIDADE DE DEUS

Deus é santo

A palavra hebraica *kadosh* é traduzida por *santo*, e, de acordo com os dicionários teológicos, denota *apartar-se* ou *separar-se do mal e dedicar-se ao serviço divino*.

A santidade de Deus significa Sua pureza moral, isto é, Ele não pode pecar nem tolerar o pecado. Uma vez que a palavra santo é separado, isto quer nos mostrar separados quanto ao espaço; Ele está no céu, e o homem na terra. Ele está separado quanto à natureza e caráter. Ele é perfeito e o homem, imperfeito; Ele é divino, o homem é humano e carnal; Ele é moralmente perfeito, o homem é pecaminoso.

Deus é santo em Si mesmo. Só Deus possui em Si mesmo a santidade. Quando a palavra santo é aplicada a pessoas e objetos é um termo que expressa relacionamento com Jeová, pelo fato de estarem separados para o Seu serviço. E quando separados devem viver em consagração e de acordo com a lei da santidade divina.

A natureza da santidade de Deus

A santidade de Deus é um dos atributos transcendentais e é falada, algumas vezes, como uma perfeição central e suprema.

A Bíblia enfatiza a santidade de Deus. Não associemos a santidade de Deus com os outros aspectos: amor, graça, misericórdia, etc. Podemos chamá-la de "*a majestosa santidade*" de Deus (1Sm 2.2).

Reconhece-se que a santidade de Deus é parte daquilo que está fora do alcance da razão humana, "absoluta impossibilidade de aproximação". Santidade que faz com que o homem reconheça a sua inferioridade perante a majestade do altíssimo.

A santidade de Deus e os Dez Mandamentos

Ao libertar Israel do Egito, no Sinai, Deus outorgou-lhe leis e fez com a nação uma aliança de proteção que tinha como base a Sua santidade. Proteção que acompanharia o povo e, a partir disso, Israel seria tratado de acordo com a atenção que desse aos mandamentos de Deus.

Resumo dos Dez Mandamentos (Êx 20):

1. “Não terás outros deuses diante de mim” (v. 3);
2. “Não farás para ti imagem de escultura...” (v. 4);
3. “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão...” (v. 7);
4. “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar” (v. 8);
5. “Honra teu pai e tua mãe...” (v. 12);
6. “Não matarás” (v. 13);
7. “Não adulterarás” (v. 14);
8. “Não furtarás” (v. 15);
9. “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (v. 16);
10. “Não cobiçarás a casa do teu próximo...” (v. 17).

A santidade de Deus é estabelecida em moldes compreensíveis e o interesse em Deus é revelado em comunicar uma partícula desse Seu atributo àqueles que Ele escolhe como povo Seu e propriedade Sua. Os três primeiros mandamentos expressam o “santo zelo”; o quarto lembra Israel da guarda do sábado e dia do descanso e o quinto é uma ordem para os filhos em relação aos pais.

A manifestação da santidade de Deus

O homem, ao reagir perante a santidade de Deus, é tomado de pasmo e sentimento de insignificância, sentindo, assim, seu pecado. Um exemplo está em Isaías 6. 1-7.

Mediante a um Deus tremendamente Santo, o homem em seu estado de “profano”, não é digno de estar na presença dEle, pois a indignidade do homem poderia manchar a santidade de Deus.

Revelada na lei moral manifesta nas consciências, a santidade de Deus ela é gravada por Deus nos corações e revelada através da Sua Palavra.

A mais sublime revelação da santidade de Deus está em Jesus Cristo, a quem a Bíblia apresenta como “O Santo e o Justo ” (At 3.14). Vemos também a santidade de Deus através do corpo vivo de Cristo, revelada na Igreja.

TEXTO 6

A TRINDADE DIVINA

Falsos conceitos sobre a Trindade

O falso e o verdadeiro andam sempre em posição paralela. Durante séculos, as verdades doutrinárias sempre tiveram quem fossem contra. Da mesma forma, a doutrina da Trindade também sempre teve inimigos para combatê-la.

1. O Conceito Ariano. Por volta dos idos de 320 d.C., Ário, um dos presbíteros da Igreja de Alexandria, na África, combateu a Trindade inicialmente negando a eternidade e a divindade de Cristo. Esse ponto de vista o colocou em choque com Alexandre, que cria na Trindade constituída pelo Pai, Filho e Espírito Santo, como três pessoas igualmente incriadas e eternas.

2. O Concílio de Niceia. Este embate entre Ário e Alexandre alcançou proporções tão exacerbadas que foi necessário o Concílio de Niceia para combater a opinião de Ário, que negava a divindade de Cristo.

3. As “Testemunhas de Jeová” e a Trindade. Diversos pensamentos têm sido expressos em oposição à Trindade, dentre eles podemos destacar os “Russellitas”, que chamam a si mesmos de “Testemunhas de Jeová”, as quais negam a divindade de Cristo e a pessoa do Espírito Santo.

O que a bíblia nos ensina sobre a Trindade

Depois de trazer à existência a todas as coisas através de um simples e poderoso “HAJA”, quis Deus formar o homem, quando disse: “...FAÇAMOS o homem à NOSSA imagem, conforme a NOSSA semelhança...” (Gn 1.26). A respeito do homem após a queda, disse Deus: “... Eis que o homem se tornou como um de NÓS...” (Gn 3.22). No relato bíblico da confusão das línguas em Babel, lemos ainda Deus dizendo: “Vinde, DESÇAMOS E CONFUNDAMOS ali a sua linguagem...” (Gn 11.7). Na visão de Isaías, quando de seu chamado, lemos que Deus perguntou: “... A quem enviarei, e quem há de ir por NÓS?...” (Is 6.8).

Foi a propósito que pusemos em DESTAQUE os verbos e pronomes pessoais e possessivos, tais como: FAÇAMOS, NOSSA, NÓS, DESÇAMOS E CONFUNDAMOS, para mostrar que em todos os casos bíblicos citados, mais de uma pessoa,

portanto a Trindade, fizeram-Se presentes em ação. Além dos casos citados, é no Novo Testamento que encontramos o maior número de provas que ratificam o ensino bíblico sobre a Trindade, como: Mateus 3.16,17; 28.19; 1 Coríntios 12.4-6; 2 Coríntios 13.13; Efésios 4.4-6; 1 Pedro 1.2; Judas 20,21; Apocalipse 1.4,5.

A Trindade Definida

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, títulos divinos são atribuídos, distintamente, às três pessoas da Trindade.

1. A respeito do Pai: *“Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.”* (Êx 20.2).

2. A respeito do Filho: *“Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!”* (Jo 20.28).

3. A respeito do Espírito Santo: *“Então, disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? ... Não mentiste aos homens, mas a Deus.”* (At 5.3,4).

Cada pessoa da Trindade é descrita na Bíblia como sendo:

Descrição	O Pai	O Filho	O Espírito Santo
Onipresente	Jr 23.24	Mt 18.20	Sl 139.7
Onipotente	Gn 17.1	Ap 1.8	Rm 15.19
Onisciente	At 15.18	Jo 21.17	1Co 2.10
Criador	Gn 1.1	Jo 1.3	Jó 33.4
Eterno	Rm 16.26	Ap 22.13	Hb 9.14
Santo	Ap 4.8	At 3.14	1Jo 2.20
Santificador	Jo 10.36	Hb 2.11	1Pe 1.2
Fonte da Vida Eterna	Rm 6.23	Jo 10.28	Gl 6.8
Ressuscitador	1Co 6.14	Jo 2.19	1Pe 3.18
Inspirador dos Profetas	Hb 1.1	2Co 13.3	Mc 13.11
Supridor de Ministros à Sua Igreja	Jr 3.15	Ef 4.11	At 20.28
Salvador	2Ts 2.13	Tt 3.4-6	1Pe 1.2

Na CONFISSÃO DE FÉ PRESBITERIANA, encontra-se o consenso geral do Cristianismo a respeito da Trindade: “Na unidade da divindade há três Pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade – Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. O Pai não é de ninguém; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Filho”.

Deus-Pai

O título “Pai” nem sempre é dado a Deus, nas Escrituras, com o mesmo sentido. Vejamos.

1. Deus – o Pai de toda a criação: aplica-se à primeira pessoa da Trindade a quem, de maneira especial, a revelação divina atribui a obra da criação (1Co 8.6).

2. Deus – o Pai de Israel: aplica-se a Deus para expressar a relação teocrática, na qual Ele permanece com Israel, Seu povo do Antigo Testamento (Dt 32.6).

3. Deus – o Pai dos Crentes: no Novo Testamento, “Pai”, referente a Deus, assume uma dimensão completamente nova, quando fala da paternidade de Deus para aqueles que nasceram da Palavra e do Espírito (Mt 5.45).

4. Deus – o Pai de Jesus Cristo: num sentimento diferente, “Pai” se aplica à primeira pessoa da Trindade em relação à segunda pessoa, isto é, Cristo (Mt 3.17).

Deus-Filho

Das três pessoas da Trindade, o Senhor Jesus Cristo foi a segunda a ser revelada corporalmente aos homens.

Os atributos inerentes a Deus-Pai relacionam-se harmoniosamente com Cristo, provando a Sua divindade; por isso, a Bíblia O apresenta como sendo:

01. O Primeiro e o Último (Is 41.4; Cl 1.15,18; Ap 1.17; 21.6);
02. O Senhor dos senhores (Ap 17.14);
03. O Senhor de todos e Senhor da glória (At 10.36; 1Co 2.8);
04. O Criador (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2,10; Ap 3.14);
05. O Rei dos reis (Is 6.1-5; Jo 12.41; 1Tm 6.15; Ap 1.5; 17.14);
06. O Juiz (Mt 16.27; 25.31,32; 2Tm 4.1; At 17.31);
07. O Pastor (Is 40.10,11; Sl 23.1; Jo 10.11,12);
08. O Cabeça da Igreja (Ef 1.22);
09. A Verdadeira Luz (Lc 1.78,79; Jo 1.4,9);
10. O Fundamento da Igreja (Is 28.16; Mt 16.18);
11. O Caminho (Jo 14.6; Hb 10.19,20);

12. A Vida (Jo 11.25; Cl 3.4; 1Jo 5.11,12);
13. O Perdoador de pecados (Sl 103.3; Mc 2.5; Lc 7.48-50);
14. O Preservador de tudo (Hb 1.3; Cl 1.17);
15. O Doador do Espírito Santo (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33; At 1.5);
16. O Eterno (1Tm 1.17; Ap 22.13);
17. O Santo (At 3.14);
18. O Verdadeiro (Ap 3.7);
19. O Onipresente (Ef 1.20-23);
20. O Onipotente (At 1.8);
21. O Onisciente (Jo 21.17);
22. O Santificador (Hb 2.11);
23. O Mestre (Lc 21.15; Gl 1.12);
24. O Ressuscitador de Si mesmo (Jo 2.19);
25. O Inspirador dos profetas (1Pe 1.11);
26. O Supridor de ministros à Sua Igreja (Ef 4.11);
27. O Salvador (Tt 3.4-6).

O Filho como mediador entre Deus e os homens

Como enviado do Pai e mediador entre Deus e o homem:

1. O Filho dependia do Pai (Jo 5.19,36; 6.57);
2. O Filho foi enviado pelo Pai (Jo 6.29; 9.29);
3. O Filho estava sob a autoridade do Pai (Jo 10.18);
4. O Filho recebeu autoridade delegada pelo Pai (Jo 10.18);
5. O Filho recebeu do Pai a Sua mensagem (Jo 17.8; 8.26,40);
6. O Reino do Filho foi estabelecido pelo Pai (Lc 22.29);
7. O Filho entregará o Seu reino ao Pai (1Co 15.24);
8. O Filho, como enviado do Pai, lhe está sujeito (1Co 11.3; 15.27,28)

Deus-Espírito Santo

A Bíblia apresenta a pessoa do Espírito Santo, quando diz que:

01. Ele cria e dá vida (Jó 33.4);
02. Ele nomeia e comissiona ministros (Is 48.16; At 13.2; 20.28);
03. Ele aponta o lugar onde os ministros devem pregar (At 16.6,7);
04. Ele instrui sobre o que os ministros devem pregar (1Co 2.13);
05. Ele falou através dos profetas (At 1.16; 1Pe 1.11,12; 2Pe 1.21);
06. Ele contende com os pecados (Gn 6.3);

07. Ele reprova (Jo 16.8);
08. Ele consola (At 9.31);
09. Ele nos ajuda em nossas fraquezas (Rm 8.26);
10. Ele ensina (Jo 14.26; 1Co 12.3);
11. Ele guia (Jo 16.13);
12. Ele santifica (Rm 15.16; 1Co 6.11);
13. Ele testifica de Cristo (Jo 15.26);
14. Ele glorifica a Cristo (Jo 16.14);
15. Ele tem poder próprio (Rm 15.13);
16. Ele tudo sonda (Rm 11.33,34; 1Co 2.10,11);
17. Ele age segundo a Sua vontade (1Co 12.11);
18. Ele habita com os santos (Jo 14.17);
19. Ele pode ser entristecido (Ef 4.30);
20. Ele pode ser envergonhado (Is 63.10);
21. Ele pode sofrer resistência (At 7.51);
22. Ele pode ser tentado (At 5.9).

Por toda a Bíblia, atributos divinos conferidos ao Pai e ao Filho são também conferidos ao Espírito Santo, entre os quais se destacam:

1. Eternidade (Hb 9.14);
2. Onipresença (Sl 139.7-10);
3. Onipotência (Lc 1.35);
4. Onisciência (1Co 2.10).

TEXTO 7**AS OBRAS DE DEUS****Os decretos divinos em geral**

No plano divino, existem obras que envolvem o próprio Deus e a Ele exclusivamente pertencem. Mas também há aquelas que envolvem as Suas criaturas.

O CATECISMO MENOR DE WESTMINSTER faz uma definição concernente ao decreto de Deus, como: “Seu propósito eterno, segundo o conselho de sua própria vontade, em virtude da qual tem preordenado para sua própria glória tudo o que sucede”. Desse modo, devemos entender que: o decreto divino é único; está relacionado com o conhecimento de Deus; está relacionado a Deus e ao homem, e tem a ver com a capacidade de Deus operar.

Para entendermos o decreto divino, devemos caracterizá-lo como:

1. fundado na sabedoria de Deus;
2. eterno;
3. eficaz;
4. imutável;
5. incondicional;
6. absoluto;
7. universal.

A criação em geral

A fé da Igreja em relação à criação é expressa no primeiro artigo do Credo dos Apóstolos.

A palavra criação pode ser definida como aquele que ato livre de Deus, por meio do qual, segundo o conselho de Sua soberana vontade é para Sua própria glória, no princípio produziu todo o Universo, visível e invisível, sem o uso de matéria preexistente e assim lhe deu existência distinta da Sua própria existência. Segundo as Escrituras, a criação foi um Ato do Deus Trino, um Ato Livre de Deus e um Ato Temporal de Deus.

A criação do mundo espiritual

Há muitas indagações a respeito dos anjos. Seriam eles seres reais? Segundo a Bíblia, eles foram criados por Deus como seres especiais e com propósitos claramente mostrados ao longo das narrativas bíblicas.

Quanto à natureza dos anjos, podemos considerar o seguinte: eles são seres criados, espirituais, inteligentes, gloriosos e poderosos.

A criação do mundo material

"No princípio, criou Deus os céus e a terra." (Gn 1.1). Aqui, Moisés faz um resumo da obra criadora de Deus que, ao longo da narrativa bíblica, observamos com mais detalhes. É o dogma fundamental da verdadeira religião, que é o oposto das falsas filosofias e religiões.

Semana da recriação

Ao observarmos o relato de Moisés, vemos que ele descreve as variadas fases da ação divina, em um período de seis dias, nos quais três são dedicados à formação dos espaços habitáveis e três, para o povoamento. Vejamos um a um.

- 1º. dia: a Luz (Gn 1.3);
- 2º. dia: o Firmamento (Gn 1.6-8);
- 3º. dia: a Terra Firme (Gn 1.9-13);
- 4º. dia: o Sistema Solar (Gn 1.14-19);
- 5º. dia: a Fauna Marinha (Gn 1.20-23);
- 6º. dia: os Animais Terrestres (Gn 1.24,25).

A criação do homem

A Bíblia nos dá um duplo aspecto da origem do homem. Vejamos as seguintes conclusões:

- a) A criação do homem foi precedida de um solene conselho divino;
- b) A criação do homem é um ato imediato de Deus;
- c) O homem foi criado segundo um tipo divino;
- d) Os elementos da natureza humana se distinguem;
- e) O homem foi criado coroa da criação.

QUESTIONÁRIO DA LIÇÃO

I. Assinale com “X” a alternativa correta.

- 1.01 Dentre as formas da negação da existência de Deus, os panteístas
___ a) creem unicamente no que podem ver e apalpar.
☒ b) ensinam que no Universo Deus é tudo e tudo é Deus.
___ c) ensinam que Deus existe, mas rejeitam a Sua revelação à humanidade.
___ d) Nenhuma das alternativas está correta.
- 1.02 Estudiosos têm buscado na filosofia evidências racionais sobre a existência de Deus e algumas delas vieram de
___ a) Sócrates e Freud. ☒ b) Platão e Aristóteles.
___ c) Freud e Platão. ___ d) Sócrates e Aristóteles.
- 1.03 Deus se revela para aquele que
___ a) O busca. ___ b) anda em comunhão com Ele.
___ c) O serve. ☒ d) Todas as alternativas estão corretas.
- 1.04 Os primeiros a receberem o impacto da revelação divina em pessoa – a pessoa de Cristo, foram
☒ a) os apóstolos. ___ b) os povos pagãos.
___ c) os escribas. ___ d) os profetas.

II. Marque “C” para certo e “E” para errado.

- ☒ 1.05 A Bíblia relata Deus como um ser supremo que faz com que as coisas aconteçam de acordo com a vontade dEle.
- ☒ 1.06 O ensino de que Deus é um ser supremo está ligado ao Panteísmo.
- ☒ 1.07 Um dos propósitos do conselho de Deus é a Salvação.
- ☒ 1.08 A palavra hebraica *kadosh* é traduzida por *santo*, e denota *apartar-se* ou *separar-se do mal e dedicar-se ao serviço divino*.
- ☒ 1.09 Nem sempre o título de “Pai” é dado a Deus, nas Sagradas Escrituras, com o mesmo sentido.
- ☒ 1.10 Segundo a Bíblia, os anjos foram criados por Deus como seres espirituais, inteligentes, gloriosos e poderosos.

**"CRISTOLOGIA"
A DOCTRINA DE CRISTO**

Toda a discussão cristológica parte da resposta que se dá à pergunta: "Quem diz o povo ser o Filho do homem?", e à crença na declaração: "... o Verbo era Deus." A esta pergunta Pedro respondeu solenemente: "... Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo"; ao que Cristo respondeu: "... não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus." (Mt 16.16, 17).

A revelação de Cristo não ocorre por canais humanos e naturais, mas é produto da revelação divina através de vidas transformadas pelo Espírito Santo.

Para João Batista, Cristo é: "... o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29). Para os samaritanos que O viram junto ao poço de Jacó, Ele é "... verdadeiramente o Salvador do mundo" (Jo 4.42). Para Maria Madalena, Ele é "o meu Senhor" (Jo 20.13). Para Tomé, Ele é o "Senhor meu e Deus meu!" (Jo 20.28). Para o apóstolo Paulo Ele é aquele no qual "subsiste" (Cl 1.17). Para o escritor da Epístola aos Hebreus, Ele é o "sumo sacerdote ..., santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus." (Hb 7.26). Para Deus, o Pai, Ele é "o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17). Para os seres celestiais, Ele é o "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 19.16). E para você, o que Cristo é?

A encarnação de Deus na pessoa de Jesus Cristo é, sem dúvida, um dos maiores mistérios da doutrina cristã. Deus encarnou-se em Cristo para que no Seu próprio corpo pudesse levar à cruz as penalidades às quais você e eu estávamos sujeitos (Is 53).

A revelação do que Cristo foi, é, fez e fará brota sobrenaturalmente de Deus, através de um coração convertido e de uma alma salva, que mantém contato ininterrupto com Deus. Quanto maior a revelação que o aluno tiver da pessoa e da obra de Cristo, mais útil lhe será para o bem da Sua obra na terra.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. Cristo no Antigo Testamento
2. A Divindade de Cristo
3. A Humanidade de Cristo
4. A Morte de Cristo
5. A Ressurreição de Cristo
6. O Sacerdócio de Cristo

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Mencionar as profecias do nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo;
2. Citar as provas da divindade de Cristo;
3. Discorrer sobre a humanidade de Cristo em seus vários aspectos;
4. Destacar o que propiciou a cruz com a morte de Cristo à humanidade;
5. Apresentar fatos importantes sobre a ressurreição de Cristo;
6. Explicar o sacerdócio de Cristo e sua superioridade em relação ao de outros servos de Deus.

TEXTO 1**CRISTO NO ANTIGO TESTAMENTO****Cristo revelado na tipologia**

Tipologia refere-se a pessoas, eventos ou instituições do Antigo Testamento que servem de sombra ou prefiguração de pessoas e eventos do Novo Testamento. A representação inicial é o “tipo” e a realização é o “antítipo” (Hb 10.1).

Hebreus 5 nos mostra que tanto Arão como Melquisedeque foram “tipos” de Cristo no que diz respeito ao sacerdócio. Um estudo mais detalhado, no entanto, mostrará que Melquisedeque era tão somente um tipo.

Profecias do nascimento de Cristo

Ao longo do Antigo Testamento, há profecias que falam a respeito do nascimento de Cristo. As primeiras profecias são veladas, mas, ao se aproximar o momento determinado para o nascimento do Messias, elas se tornam mais claras.

Em Miquéias 5.2, há uma profecia referente ao nascimento de Cristo, mostrando o Messias encarnado: *“E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”*.

Para Daniel foi dada uma profecia referente ao tempo de vida terrestre do Messias (Dn 9.24-27):

Profecias sobre a vida de Cristo

As profecias messiânicas do Antigo Testamento manifestam as muitas funções desempenhadas por Cristo aqui na terra como:

1. Profeta. Moisés (Dt 18.15) nos mostra o papel de Cristo como profeta. Jesus (Jo 5.46) confirma ser Ele mesmo o profeta prometido. Portanto, o termo profeta aplicado a Jesus refere-se ao Seu ministério como Mensageiro de Deus. Outro sentido para profeta é o de predizer eventos futuros.

2. Sacerdote. Em 1 Samuel 2.35, lemos uma profecia sobre Samuel: *“Então suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o que tenho no coração e na*

mente... e andar^á ele diante do meu ungido para sempre.”. Desta maneira, Samuel prefigura o sacerdote perfeito: Jesus, o Messias (o Ungido). Hebreus 6.20 confirma o sacerdócio de Jesus: “*onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre...*”.

3. Rei. Jeremias 23.5,6 vaticina o papel de Cristo como Rei: “... *levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra... será este o seu nome, com que será chamado: SENHOR, Justiça Nossa*”. Ele foi chamado de “*Rei de Israel*” (Jo 12.13). Muitas referências proféticas a Cristo como Rei da terra serão cumpridas ainda por ocasião da Sua segunda vinda.

4. Alicerce. Isaías vaticina o papel de Cristo como alicerce e pedra angular da revelação divina: “... *Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada...*” (Is 28.16). Citando este trecho na sua primeira epístola, capítulo 2 e versículo 6, Pedro mostra-o como profecia já cumprida em Cristo.

5. Servo. Isaías também se refere a Cristo como “servo” (Is 52.13), papel por Ele desempenhado inúmeras vezes por Ele, como na ocasião em que lavou os pés de Seus discípulos (Jo 13).

6. Operador de Milagres. Isaías foi quem profetizou os milagres de cura que seriam realizados por Cristo (Is 35.5,6).

Profecias sobre a morte e ressurreição de Cristo

O salmo 22 não se encaixa bem na experiência vital de Davi; embora sofresse certos problemas na vida, é evidente que, neste texto, ele está se referindo a padecimentos mais severos. Também as primeiras palavras do salmo: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? ...*” são exatamente as palavras de Jesus na cruz do Calvário (Mt 27.46).

Isaías 53 mostra-nos uma descrição do Messias sofredor, sublinhando o sacrifício de Cristo em substituição aos pecadores (vv.4,5,6). O versículo 9 anuncia o sepultamento de Jesus no sepulcro de José de Arimateia e o versículo 10 explica o motivo teológico da morte do Cristo.

Quanto à ressurreição de Cristo, a profecia mais notável no Antigo Testamento se encontra em Salmos 16.10. Já no Novo, tanto Pedro (At 2.25-31), como Paulo (At 13.34-37) referem-se a este versículo como uma profecia da ressurreição de Jesus dentre os mortos.

Profecias da volta de Cristo

Vejamos a seguir que o Antigo Testamento contém muitas profecias a serem cumpridas por ocasião da volta gloriosa de Cristo à terra:

1. Jacó diz que Ele descenderá de Judá e declara como o povo Lhe obedecerá e irás após Ele (Gn 49.10-12).

2. Balaão profetizou acerca do segundo advento de Cristo, proclamado em Números 24.17 .

3. Jó fala da volta de Cristo à terra (Jó 19.25).

4. Salomão. Este salmista dedica o salmo 72 ao glorioso reinado terrestre do Messias no futuro. Muitas das suas profecias são confirmadas também pelos profetas Isaías e Zacarias.

5. Jeremias fala do futuro reinado do Messias (Jr 23.3-8). Suas palavras enfocam especificamente a volta dos israelitas à sua própria terra, durante o reinado do Messias, a quem o profeta chama “*Senhor Justiça nossa*”.

6. Outros. Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Miquéias, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias também vaticinaram sobre o ministério terreno de Cristo de inúmeras formas e sob diversos enfoques.

TEXTO 2

A DIVINDADE DE CRISTO

Apresentaremos neste Texto algumas provas da divindade de Cristo. Desejamos mostrar que, ao tornar-se homem, Cristo em nada limitou a Sua divindade, mesmo ao deixar o esplendor da Sua glória por algum tempo, para assumir a forma humana.

Nomes divinos atribuídos a Cristo

A divindade de Cristo é comprovada pelos nomes divinos a Ele aplicados, conforme consta da Bíblia Sagrada em diversas passagens. Cristo é chamado

1. “*Deus*”, em João 1.1; Hebreus 1.8; João 20.28.
2. “*Senhor*”, em Atos 9.17; Atos 16.31.
3. “*Filho de Deus*”, em Mateus 16.16.

Atributos divinos conferidos a Cristo

Um dos sinais dos tempos tem sido a negação feita por pseudocristãos quanto à divindade de nosso Senhor Jesus Cristo. Para os tais, tem sido irracional a afirmação da teologia neotestamentária de que Cristo era verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Porém, acima do que eles creem e pregam está o testemunho insofismável das Escrituras Sagradas, que apresentam Cristo nascido de carne como todo homem e, ao mesmo tempo, dotado de atributos inerentes a Deus, o Pai.

A Palavra de Deus declara que Cristo é:

- a) Eterno: Apocalipse 22.13; Hebreus 1.12;
- b) Onipotente: Mateus 28.18;
- c) Onisciente: João 16.30; 21.17; Apocalipse 2.2,19; 3.1,8,15;
- d) Onipresente: Mateus 28.20.

Testemunhas quanto à deidade de Cristo

Desde cedo o judeu era instruído a ouvir: “*Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.*” (Dt 6.4). Depois do cativeiro na Babilônia, nunca mais a nação israelita se entregou à idolatria. Ainda que Israel como nação tivesse muitas falhas, quando Jesus começou o Seu ministério terreno, a idolatria e o politeísmo não se evidenciaram entre elas.

Diante deste fato histórico, destaca-se a importância do culto divino que os judeus convertidos dedicavam a Cristo, o que não fariam se tivessem dúvida da Sua divindade, nos seguintes âmbitos:

- a) No Início: Hebreus 1.6; Mateus 2.11; João 1.34;
- b) Pelo Povo: João 9.38; Mateus 8.2; 9.18; 15.25; João 11.27;
- c) Pelos Discípulos: Mateus 14.33;
- d) Pelos Demônios e Ímpios: Mateus 27.54; Marcos 3.11; 5.7; Lucas 4.41; 8.28;
- e) Por Deus o Pai: Mateus 3.17; Marcos 9.7.

Ofícios divinos atribuídos a Cristo

Vejamos agora cinco ofícios ou ministérios divinos desempenhados por Cristo, cada um dos quais evidencia Sua divindade:

- 1. Criador: Colossenses 1.16;
- 2. Sustentador de Todas as Coisas: Colossenses 1.17; Hebreus 1.3;
- 3. Perdoador: Mateus 9.2;
- 4. Ressuscitador: João 6.40;
- 5. Juiz: João 5.22; 2 Timóteo 4.1.

Cristo mesmo Se proclamou divino

Lucas 2.41-52 diz que Jesus Cristo, aos doze anos de idade, já era ciente da Sua relação toda especial com Deus-Pai e da Sua missão específica aqui na terra.

Em João 8.58, vemos que Jesus afirma a Sua própria preexistência. Temos ainda muitas outras palavras de Jesus, como: “*Eu e o Pai somos um*” (Jo 10.30). Mais tarde esta afirmação de Jesus seria esclarecida quando Ele disse: “*Sou Filho de Deus*”? (Jo 10.36). Podemos ver ainda outras referências como Mateus 11.27, Marcos 14.61,62; João 10.37,38; 14.9; 17.5.

TEXTO 3

A HUMANIDADE DE CRISTO

Ao falarmos da humanidade de Cristo, de modo algum diminuímos a Sua divindade. Jesus Cristo era Deus-Homem; a união destas duas naturezas numa só pessoa é para a mente humana algo inexplicável, porém uma verdade indiscutível.

Nestes últimos dois mil anos, têm-se disseminado muitas doutrinas falsas, formuladas por líderes religiosos que se recusam a aceitar a humanidade-divindade de Cristo. Alguns religiosos acreditavam ser uma simples ilusão a Sua humanidade; outros, não queriam aceitar a Sua eterna divindade. Inventaram absurdas explicações, numa tentativa de apelar para o raciocínio humano. Uma das tais teorias foi a de que Cristo oscilava entre as duas naturezas, sendo, ora divino, ora humano!

Cristo teve parentesco humano

Já se tem falado muito acerca do nascimento de Jesus Cristo do ventre da virgem Maria. Evidentemente, tal fato carece de explicação natural, uma vez que foi um acontecimento sobrenatural. Aceitamos pela fé a Palavra de Deus, que diz simplesmente, “... Maria... achou-se grávida pelo Espírito Santo.” (Mt 1.18).

Por outro lado, não há base bíblica para a suposição de que o nascimento de Jesus fosse diferente do nascimento de qualquer outro ser humano. Apesar de certas apresentações artísticas bem intencionadas, a Bíblia não indica a presença de auréola ao redor da cabeça do menino Jesus. Foi por revelação divina, não por evidências físicas, que os profetas Ana e Simeão reconheceram que o recém-nascido era de fato o Messias prometido por Deus (Lc 2). O menino Jesus não Se diferenciava fisicamente em nada das outras crianças da Sua idade.

Os evangelistas Mateus e Lucas proporcionam genealogias bem detalhadas no sentido de identificarem Cristo com a raça humana, especificamente com Abraão e Davi. Mateus traça a linhagem de Jesus através de José, esposo de Maria, mostrando que Jesus herdou o direito legal de ser rei, por ser José descendente de Salomão e ter-se casado com Maria, pouco antes de Seu nascimento.

Lucas mostra também que Maria era descendente direta de Davi; quando diz que José era filho de Heli (Lc 3.23), quer dizer, na realidade, que era genro de Heli. Como não era costume incluir nome de mulher nas genealogias, Lucas coloca o nome

de José em vez do de Maria. Além disso, era comum entre os judeus o genro ser chamado de filho, por afinidade.

Maria e José guardavam para si o segredo maravilhoso do nascimento miraculoso de Jesus; por isso, os habitantes da Sua cidade viam nele apenas o filho do carpinteiro José que, por sinal, tinha outros filhos.

Cristo submeteu-se às leis do desenvolvimento humano

Dos quatro Evangelhos, somente o de Lucas dá um resumo da infância de Jesus. Lucas 2.40 diz o seguinte: “*Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.*”. Em 2.52 acrescenta: “*E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.*”.

Esses dois versículos mostram que Jesus era sujeito às leis normativas do desenvolvimento humano. Face a eles, pode-se perguntar, logicamente: “Se Jesus é divino e onisciente, como pode Ele crescer em sabedoria?”. A resposta encontra-se em Filipenses 2.7: “*antes, a si mesmo se esvaziou, ... tornando-se em semelhança de homens...*”

Lucas 2.46 diz que quando os pais de Jesus voltaram a Jerusalém em busca do filho, que julgavam perdido em meio à multidão, “... *o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os.*”. Este detalhe da adolescência de Cristo indica que Ele aprendeu muito das Sagradas Escrituras por meio da instrução recebida na sinagoga, no templo e no lar de Seus pais terrenos. Sem dúvida, Jesus aprendeu a ler e a escrever como toda criança da Sua idade. Cresceu em sabedoria, como consequência de Seu estudo pessoal das Escrituras e da Sua comunhão com o Pai.

Com exceção de Sua natureza impecável, parece que a infância de Jesus Cristo decorreu de forma normal. De fato, foram os moradores da Sua própria cidade, Nazaré, os que mais custaram a acreditar que esse menino, cuja infância tinham observado, pudesse ser o Messias: “*E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.*” (Mt 13.58).

Não há qualquer registro bíblico de Jesus haver feito algum milagre durante Sua infância ou juventude. De fato, João 2.11 refere-se à transformação da água em vinho nas bodas de Caná, como sendo o primeiro dos sinais por Ele manifestados.

Cristo apresentou aspectos humanos

As passagens a seguir evidenciam as características essencialmente humanas de Jesus Cristo:

1. Aparência de Homem. Hebreus 2.14-17 diz que Jesus tornou-Se carne e sangue como seus irmãos, em todos os aspectos (Mc 6).

2. Chamado “Filho do Homem”. Jesus referiu a Si mesmo como Filho do Homem pelo menos oitenta vezes, identificando-Se com a raça humana. Paulo declara haver um só mediador entre Deus e os homens, “...*Cristo Jesus, homem.*” (1Tm 2.5).

3. Sentiu-se Cansado. Em João 4, lemos que os discípulos deixaram-nO junto à fonte de Jacó para descansar, após intenso dia de trabalho. Cansado, Cristo adormeceu no barco em que, junto com Seus discípulos, atravessaram o mar da Galileia (Mt 8. 24,25).

4. Sentiu Tristeza. Jesus sentiu profundamente a dor humana, pois, em pelo menos duas ocasiões, Ele chorou publicamente (Lc 19.41; Jo 11.35).

Porque Cristo Fez-se homem

O estudo sobre a humanidade de Cristo seria incompleto se não nos dirigíssemos à questão fundamental: “Por que Ele fez-se homem?”.

a) Para tornar-Se o sacrifício perfeito para remissão do pecado humano. João Batista chamou Jesus de “... *o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!*” (Jo 1.29). Jesus reconheceu esta Sua missão em Marcos 10.45 como sendo Ele mesmo a realização, o antítipo dos sacrifícios transitórios do Antigo Testamento.

b) Para ser o perfeito mediador entre Deus e os homens. Jó já desejava um tal mediador: “*Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós...*” (Jó 9.33). Sendo Deus, Cristo pode interceder junto ao Pai; sendo homem, pode sentir nossas fraquezas e enfermidades.

c) Para vencer a morte. A morte é consequência do pecado (Gn 2.17) para toda a humanidade. Só Cristo passou por esta vida sem pecado; por isso, a morte não exerceu domínio permanente sobre o Seu corpo.

TEXTO 4**A MORTE DE CRISTO**

Lembremo-nos de que a principal missão de Cristo, ao tornar-Se homem quando veio à terra, não foi a de ensinar, nem de realizar milagres. É verdade que Ele fez ambas as coisas, mas Deus poderia ter ungido profetas, como no Antigo Testamento, para tais fins. A principal missão de Cristo foi de morrer pelos pecados do mundo, tarefa que nenhum profeta poderia cumprir.

Eis o motivo da encarnação de Jesus Cristo: a restauração do homem à perfeita comunhão com Deus Pai, através do perfeito sacrifício do Seu Filho. Cristo mesmo declarou: "... o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos." (Mc 10.45).

O que Cristo proclamou, da cruz

Muitas vezes, no decorrer do Seu ministério, Jesus Cristo vaticinou a própria morte, especialmente quando previu que a Sua hora se aproximava. Seus discípulos, porém, pareciam não compreender a realidade, nem o significado da morte do Seu Mestre.

Crucificado no Calvário, Jesus declarou o propósito da Sua morte, tanto para os discípulos, como para todos os ouvintes. Vejamos esse propósito em quatro destaques:

1. Perdão (Lc 23.34);
2. Paraíso (Lc 23.43);
3. Deus Não Pode Suportar Pecado (Mt 27.46);
4. Vitória (Jo 19.30; Lc 23.46).

A cruz trouxe expiação

Expiar implica cobrir as culpas mediante um sacrifício exigido. A palavra é empregada 77 vezes no Antigo Testamento.

Antes mesmo do uso bíblico da palavra expiação (Êx 29.33), o conceito já aparece em Gênesis 3.21, onde temos o sacrifício de animais pelo próprio Deus, para vestir Adão e Eva com suas peles. Isaías 53.6,7 prova que Cristo é nossa expiação.

A cruz trouxe redenção

Redimir quer dizer comprar de volta, readquirir uma pessoa ou coisa, mediante pagamento do preço exigido. Tal conceito de redenção, ou resgate, com relação a escravos, foi decretado pela Lei Mosaica (Lv 25.47,48).

A quem é devido o preço da redenção? Evidentemente não é a Satanás. Ele simplesmente escraviza aqueles que escolhem uma vida de pecado. O preço do resgate é devido à santidade de Deus; a nossa dívida é com Deus mesmo. Foi Deus, não Satanás, quem aceitou o “pagamento” mediante o sacrifício de Cristo. O resultado disso foi a derrota eterna de Satanás.

Jesus declarou-se Redentor da humanidade, quando disse que Sua missão era a de “... *dar a sua vida em resgate por muitos*”. (Mt 20.28). A passagem de 1 Timóteo 2.6 fala-nos de Cristo, “*o qual a si mesmo se deu em resgate por todos...*”. Vejamos ainda 1 Pedro 1.18,19 e Gálatas 3.13.

A cruz trouxe reconciliação

Reconciliar significa harmonizar as relações interrompidas entre dois indivíduos, promovendo o mútuo entendimento através da remoção de barreiras e restaurando a comunicação entre ambos. O ato, ou processo de reconciliação, geralmente abrange o ofensor, o ofendido e o mediador.

No caso espiritual, o ofensor é toda a humanidade. A Bíblia afirma: “... *todos pecaram e carecem da glória de Deus*.” (Rm 3.23). O ofendido é o Deus Santo, que, dado o estado pecaminoso de Adão e Eva, expulsou-os do Jardim do Éden.

A natureza santa e justa de Deus não tolera a comunhão com pecadores impenitentes, cujo destino é a morte, a separação eterna de Deus (Rm 6.23), a menos que se arrependam e sigam a Cristo, nosso Reconciliador, que veio reconciliar com Deus não os justos, mas os pecadores!

A cruz trouxe propiciação

Lemos, em Êxodo 25.17-22, a respeito do propiciatório construído por Moisés para cobrir a Arca da Aliança. A posição do propiciatório como cobertura da Arca ressalta o fato de, em Cristo, a misericórdia de Deus sobrepor-se à maldição da Lei. Cristo foi dado por Deus Pai como propiciação pelos pecados daqueles que viessem a ter fé no Seu sangue derramado (Rm 3.24-26).

TEXTO 5

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Neste Texto, veremos a importância da ressurreição de Jesus Cristo. Mas, qual a evidência que comprova a sua autenticidade? Qual o real significado da ressurreição? Qual a importância desse evento para a vida pessoal do crente?

Na era da ciência, muitos chamados “cristãos” não aceitam a ressurreição de Cristo como evento literal, por não ser ela suficientemente “popular” ou “racional” no seu entender. A Igreja do primeiro século, porém, pregava a ressurreição com convicção e fervor, sendo sempre esse o tema da sua pregação, pois viviam ainda testemunhas oculares desse fato histórico e incomparável! Tais testemunhas preferiam o martírio a abjurar sua própria experiência com o Cristo ressurreto!

O apóstolo Paulo vê a ressurreição corporal de Jesus como o fundamento da pregação cristã. Ele declara que, se a ressurreição de Jesus não tivesse ocorrido, o Evangelho inteiro e sua pregação seriam em vão.

A ressurreição de Cristo e sua importância

De todas as religiões existentes no mundo, o Cristianismo é a única que tem seu fundador ressurreto. De fato, os primeiros apóstolos demonstravam a autenticidade do Cristianismo baseado na ressurreição do Senhor Jesus Cristo. É interessante notar que a maioria das mensagens apresentadas no Livro de Atos enfatiza a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo (At 1.22; 4.33 e 17.18-31).

Em 1 Coríntios, o apóstolo Paulo mostra que, sem Cristo ressurreto, não teríamos Evangelho nenhum para anunciar! (1Co 15.14).

Cristo mesmo afirmou que Sua futura ressurreição seria o sinal pedido pelos judeus. Em João 2.19, Ele responde a Seus ouvintes nos seguintes termos: “... *Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei*.”. Os versículos seguintes esclarecem esta declaração como sendo referência à Sua ressurreição corpórea.

A contestação do relato da ressurreição

A recusa de muitos em admitir e confessar o fato da ressurreição não é novidade ainda no século XXI, pois tal atitude se manifestou logo após a ressurreição do Mestre!

Lemos em Mateus 28.12-15 que os guardas que fugiram do túmulo de Jesus, após verem o anjo que removera a pedra da porta do sepulcro, foram contar aos chefes dos sacerdotes o que acontecera.

É mais correto concluir que aqueles que não creem, nem aceitam a ressurreição corporal do Senhor Jesus Cristo, adotam tal atitude para, por meio dela, tentarem acalmar a sua consciência e daí evitarem a responsabilidade de responder à chamada pessoal e insistente de Jesus Cristo em seus corações, para que se arrependam, abandonem as vis imaginações humanas e recebam a salvação que Ele lhes oferece graciosamente.

A veracidade do relato da ressurreição

Havendo examinado vários argumentos contrários à ressurreição, as evidências que comprovam a veracidade desse fato histórico são:

1. O túmulo vazio.
2. Os lençóis deixados em ordem.
3. O testemunho dos soldados.
4. Os discípulos como testemunhas.

Os resultados da ressurreição

A ressurreição serve como selo de Deus no ministério e pessoa de Cristo, conforme declara Romanos 1.4: “... *foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor*”.

Assim, dentre os muitos resultados da ressurreição de Cristo, destacamos:

- a) A obra de Cristo aceita pelo Pai;
- b) A certeza da justificação;
- c) Sua presença no céu como nosso Sumo Sacerdote;
- d) Poder ao crente para viver de forma vitoriosa;
- e) Garantia da nossa ressurreição;
- f) A certeza de um futuro Dia de Juízo.

TEXTO 6**O SACERDÓCIO DE CRISTO**

Ao considerarmos o ministério de Cristo glorificado, vemos a importância do Seu ministério sacerdotal a nosso favor. Nossa comunhão com Cristo no presente resulta do Seu ministério como nosso sumo sacerdote perante Deus Pai. Disso está escrito em Hebreus 7.25: “... *vivendo sempre (isto é, Cristo) para interceder por eles.*”.

Evidentemente, o conceito de sacerdócio remonta ao Livro de Gênesis no Antigo Testamento, sendo comum ao Judaísmo e ao Cristianismo. Neste Texto, porém, visamos a estabelecer a unicidade do sacerdócio de Jesus Cristo, que não é somente diferente, como também superior ao sacerdócio aarônico (ou arãoico).

A superioridade do sacerdócio de Cristo é o assunto principal da Epístola aos Hebreus. Como preparo para o estudo deste Texto, é recomendável lermos toda a Epístola aos Hebreus.

Cristo, sumo sacerdote qualificado

No Novo Testamento, a Epístola aos Hebreus trata profundamente do sacerdócio de Jesus Cristo. Em Hebreus 5.1-4 encontram-se enumerados os critérios para o exercício do sacerdócio da ordem levítica:

Qualificações:

1. Tomado dentre os homens.
2. Chamado por Deus.

Funções primordiais:

1. Oferecer tanto dons como sacrifícios pelo pecado.
2. Compadecer-se dos ignorantes e dos errados

O sacrifício expiador de Cristo

Para entendermos bem a Epístola aos Hebreus, devemos ler também o Livro de Levítico, pois em Hebreus vemos plenamente realizado em Cristo o tipo de sacerdócio levítico, prefigurado em seus múltiplos aspectos no Antigo Testamento.

Em Levítico, o Dia da Expição tem destaque especial, prefigurando a obra da redenção por Cristo. Uma vez por ano, naquele solene dia, o sumo sacerdote apresentava dois bodes no altar de Deus. Um deles era imolado e ao outro se imputavam os pecados do povo; após isso, o segundo bode era conduzido do acampamento israelita para o deserto. Esses dois bodes representavam dois aspectos da obra de Cristo em lugar do pecador: o bode morto, a morte de Cristo em lugar do transgressor; o bode vivo (o bode emissário) é uma figura da obra de Cristo removendo para longe as nossas iniquidades, para que não sejam mais lembradas por Deus (Hb 8.12). Por fim, o ato do sumo sacerdote entrar no Lugar Santíssimo tipifica a entrada de Jesus Cristo no céu, levando o sacrifício do Seu próprio sangue por nós (Hb 9.24).

A superioridade sacerdotal de Cristo

Vejamos agora como o sacerdócio de Cristo é superior em todo sentido ao sacerdócio levítico. A Epístola aos Hebreus mostra de maneira magistral a superioridade da obra de Cristo como nosso Sumo Sacerdote, ao revelar:

1. O caráter de Cristo. Em primeiro lugar, o caráter pessoal de Jesus Cristo é superior ao de qualquer todo sacerdote. Só Cristo foi Deus encarnado; só Ele levou uma vida humana sem pecado (Hb 7.26).

2. O perfeito sacrifício de Cristo. Em segundo lugar, o sacrifício oferecido por Cristo foi incomparavelmente superior ao oferecido por outro sacerdote. Todos os demais sacerdotes ofereciam sacrifícios provisórios, que apenas prefiguravam o perfeito sacrifício que Cristo ofereceria de Si mesmo.

Cristo, isento de pecado, como está declarado em Hebreus 7.26, nada precisava oferecer em sacrifício por Si mesmo. Isto O qualificou para ser o eterno antítipo do cordeiro repetidamente sacrificado conforme o ritual judaico.

3. A nova aliança. Hebreus 9.13-15 confirma a superioridade do sacrifício de Cristo e mostra como Seu sacrifício supremo e eterno O qualificou para ser o divino mediador de uma nova e perfeita aliança entre Deus e os homens.

4. O superior santuário de Cristo. Os sacerdotes levíticos desempenhavam suas responsabilidades no tabernáculo levantado no deserto, e, mais tarde, nos templos judaicos. Cristo, porém, não somente ofereceu um sacrifício, como também o ofereceu num santuário superior (Hb 8.1,2).

5. O ministério de intercessão de Cristo é superior. Ao considerarmos a superioridade do ministério intercessor de Jesus Cristo em nosso lugar, ficamos deslumbrados por seu alcance e eficácia (Hb 4.16; 7.25). O ministério intercessor de

Cristo é superior porque somente Ele pode interceder por nós, face a face com Deus Pai. Os sacerdotes levíticos não podiam aproximar-se de Deus face a face, por serem pecadores.

QUESTIONÁRIO DA LIÇÃO

I. Marque "C" para certo e "E" para errado.

- ☒ 2.01 Arão e Melquisedeque foram "tipos" de Cristo no que diz respeito ao seu sacerdócio.
- ☒ 2.02 A profecia mais notável a respeito da ressurreição de Cristo está em Salmos 16.10.
- ☒ 2.03 "Filho de Deus" é um dos nomes divinos atribuídos a Cristo.
- ☒ 2.04 Sustentador de todas as coisas é um dos ofícios divinos atribuídos a Cristo.
- ☒ 2.05 A Lição em estudo nos mostra que, ao falarmos da humanidade de Cristo, podemos diminuir a Sua divindade.
- ☒ 2.06 Cristo se fez homem para ser o mediador entre Deus e os homens.

II. Assinale com "X" a alternativa correta.

- 2.07 No Calvário, Jesus revelou o propósito da Sua morte aos Seus discípulos e aos ouvintes, qual seja:
- ☐ a) Perdão.
 - ☐ b) Paraíso.
 - ☐ c) Vitória.
 - ☒ d) Todas as alternativas estão corretas.
- 2.08 De acordo com a Lição estudada, a única religião que tem seu fundador ressurreto é o
- ☐ a) Ateísmo.
 - ☒ b) Cristianismo.
 - ☐ c) Deísmo.
 - ☐ d) Agnosticismo.

- 2.09 A veracidade do relato da ressurreição é comprovada pelas seguintes evidências:
- ☐ a) túmulo vazio.
 - ☐ b) lençóis deixados em ordem.
 - ☐ c) testemunho dos soldados.
 - ☒ d) Todas as alternativas estão corretas.
- 2.10 O assunto principal da Epístola aos Hebreus é
- ☐ a) A Galeria dos Heróis da Fé.
 - ☒ b) A Superioridade do Sacerdócio de Cristo.
 - ☐ c) A Ressurreição de Cristo.
 - ☐ d) Nenhuma das alternativas está correta.

ANOTAÇÕES

[illegible]

"PNEUMATOLOGIA" A DOCTRINA DO ESPÍRITO SANTO

O século XX foi assinalado por crescente interesse a respeito do Espírito Santo. Nesse século, muitas pessoas foram despertadas a buscar a Deus por um reavivamento espiritual que, afinal, veio emanado profusamente do Espírito Santo. Esse reavivamento estendeu-se rapidamente por toda parte, de modo que o mundo inteiro tem sentido o impacto deste movimento realizado por Deus. Numerosos movimentos evangélicos têm participado desse reavivamento, sob a crença comum de que as experiências do dia do Pentecostes, no primeiro século da Era Cristã, podem ser ou estão sendo duplicadas nestes dias.

O testemunho específico dos chamados pentecostais é a Doutrina do Batismo no Espírito Santo, cujo recebimento é atestado inicialmente por evidências físicas, mediante o falar em línguas estranhas.

A Bíblia ensina que, antes da Segunda Vinda de Cristo, o Espírito Santo deverá ocupar um lugar preeminente na Igreja. É tarefa do Espírito Santo adornar a Igreja – a noiva de Cristo, para o iminente encontro com Ele. Portanto, como crentes participantes da gloriosa experiência pentecostal, precisamos de instrução adequada a respeito da natureza e dos ministérios do Espírito Santo com todas as bênçãos que Ele nos concede. Precisamos saber tudo o que Ele pode e quer ser na Igreja, como um todo e em cada crente, individualmente.

Os que são batizados no Espírito Santo precisam saber tudo acerca dEle e de Seu trabalho, pois uma coisa é havermos recebido uma maravilhosa experiência, e outra, bem diferente, é estarmos aptos para falar dela a outros, de modo inteligível e convincente. Necessitamos, portanto, de aptidão para falarmos com segurança, não somente para defendermos nossa posição relativa à doutrina, como também conduzirmos outros à mesma experiência da qual desfrutamos.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Natureza do Espírito Santo
2. O Espírito Santo no Antigo Testamento
3. O Espírito Santo no Novo Testamento
4. O Espírito Santo no Crente
5. O Batismo no Espírito Santo
6. Os Dons do Espírito Santo

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Citar três referências bíblicas que mostrem a personalidade do Espírito Santo;
2. Mencionar como o Espírito Santo exerceu Sua atividade no Antigo Testamento;
3. Dizer como foi a atuação do Espírito Santo no Novo Testamento;
4. Discorrer sobre a ação do Espírito Santo na vida do crente;
5. Falar sobre o batismo no Espírito Santo;
6. Listar os dons do Espírito Santo.

TEXTO 1**A NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO****A personalidade do Espírito Santo**

Considerando o que a Bíblia expõe quanto à personalidade do Espírito Santo, certificamo-nos de que Ele não é simplesmente uma influência, como alguns creem e ensinam erradamente. Passemos ao estudo das declarações bíblicas a respeito da personalidade do Espírito Santo.

O título “*Consolador*” dado ao Espírito Santo não pode ser atribuído a nenhuma influência ou força impessoal e abstrata. Em 1 João 2.1, a mesma palavra é traduzida por “*Advogado*” e tem relação com Cristo. Em João 14.16, o Espírito Santo é o “*outro*” Consolador, enviado pelo Pai, para substituir a Cristo, uma pessoa divina.

A prova da identificação do Espírito Santo com o Pai, com o Filho e com os cristãos encontra-se no pronunciamento do batismo cristão e na bênção apostólica (Mt 28.19; 2Co 13.13). Na referência de Coríntios, Paulo fala da comunhão do Espírito Santo. Notemos que na passagem de Mateus, lê-se: “*em nome*”, e não “*nos nomes*”, significando que todos os três são pessoas, igualmente.

Observemos a seguir os atributos e atividades pessoais do Espírito Santo. Ao lermos todos os textos cuidadosamente, vemos que o Espírito Santo é descrito de modo tal que não pode haver dúvida alguma quanto à Sua personalidade. Vejamos:

1. O Espírito Santo possui atributos de uma personalidade que pensa (Rm 8.27), que tem vontade (1Co 12.11) e que sente tristeza (Ef 4.30).

2. O Espírito Santo exerce atividades pessoais: revelando (2Pe 1.21); ensinando (Jo 14.26); testificando de Jesus (Jo 15.26); comandando (At 16.6,7); intercedendo (Rm 8.26); dando testemunho de nossa filiação com Deus (Gl 4.6); e falando (Ap 2.7).

3. O Espírito Santo é suscetível de trato pessoal: pode-se mentir perante Ele (At 5.3) e também blasfemar-se contra Ele (Mt 12.31,32).

A deidade do Espírito Santo

As Escrituras revelam ser o Espírito Santo uma pessoa divina. O próprio Espírito indica a Sua deidade, quando age como Deus.

No incidente que envolve o erro e a punição de Ananias e Safira, em Atos, temos uma manifestação da deidade do Espírito Santo (At 5.3,4). No versículo 3, Pedro fala a Ananias acusando-o de haver mentido “*ao Espírito Santo*” e, no 4, diz que mentiu a Deus. Logo, o Espírito Santo é Deus!

Outras provas da deidade do Espírito Santo podem ser encontradas nas qualidades ou atributos divinos que Lhe são dados, os quais são:

- a) Eternidade (Hb 9.14);
- b) Onipresença (Sl 139.7-10);
- c) Onipotência (Lc 1.35);
- d) Onisciência (1Co 2.10).

Foi o Espírito Santo quem deu vida à criação (Gn 1.2); é o Espírito Santo quem transforma os homens em novas criaturas, por meio do novo nascimento (Jo 3.3-8); foi o Espírito Santo quem levantou Cristo da morte, mediante a ressurreição.

Nomes do Espírito Santo

São vários os nomes dados ao Espírito Santo que comprovam a Sua natureza divina. Ele é chamado de Espírito de Deus (1Co 3.16; Gn 1.2), Espírito de Cristo (Rm 8.9), Espírito Santo (At 1.5), Espírito de Vida (Rm 8.2), e Espírito de Adoção (Rm 8.15,16; Gl 4.5,6).

Símbolos do Espírito Santo

Citamos alguns dos símbolos do Espírito Santo que representam a Sua ação através dos vários ministérios que exerce em favor do povo de Deus. São eles: fogo (Lc 3.16), vento (At 2.2), água (Jo 7.37-39), óleo (Lv 8.12), selo (Ef 1.13), pomba (Mt 3.16-17).

TEXTO 2

O ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO

Atualmente, a dispensação em que vivemos é tempo oportuno para as atividades especiais do Espírito Santo entre os homens; sobre Ele pesa a responsabilidade de alcançar todo este vasto mundo, dirigindo os homens para Deus. Sua ação, no Antigo Testamento, é evidente nos seguintes advenços:

1. O Espírito Santo na Criação. Muito antes de o homem aparecer na terra e mesmo antes da terra existir o Espírito Santo já existia. Gênesis 1.2 apresenta uma cena tenebrosa: a terra era sem forma, vazia e escura. Foi então que um raio de esperança brilhou, iluminando-a, antes mesmo que Deus ordenasse o aparecimento da luz. Lemos: “... e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas...” (Gn 1.2). Foi este aspecto diferente o primeiro prenúncio da perfeição das obras do Criador.

2. Desempenho da Trindade na Criação. Cada membro da Trindade divina desempenhou um papel na criação. A mente do Pai desejou e planejou todas as coisas; o poderoso braço direito do Filho completou a execução do trabalho e, o Espírito Santo, ao lado da primeira e da segunda pessoa da Trindade, contribuiu efetivamente com a Sua parte na obra da criação.

3. O Trabalho Particular do Espírito Santo. O principal propósito do Espírito Santo é comunicar vida. Ele deu vida ao Universo (Gn 1.2) e ressuscitou Cristo da morte (Rm 1.4; 8.11). Ele produz um novo nascimento (Jo 3.1-8); é o Espírito quem dá vida espiritual a um indivíduo e a uma igreja (Ez 37.14). Esta gloriosa verdade não deve jamais ser esquecida.

4. A atividade do Espírito Santo na Natureza. O Espírito Santo também exerce proeminente atividade na natureza. O Livro de Jó contém algumas passagens relativas a esse trabalho do Espírito. “Pelo seu Espírito ornou os céus” (Jó 26.13 – ARC).

5. O Espírito Santo Antes do Dilúvio. Gênesis 6 mostra um quadro muito sombrio. A terra estava corrompida. A maldade do homem era muito grande. Parecia haver uma depravação total. Todos os pensamentos do coração humano eram maus, continuamente (Gn 6.5). Diante disto, vemos resistência, persistência e desistência do Espírito Santo.

O Espírito Santo nos líderes do Antigo Testamento

Numerosos fatos assinalam a presença do Espírito Santo depois do advento do Dilúvio. Vejamos a manifestação do Espírito Santo sobre várias pessoas, em épocas diversas, habilitando-as para as diferentes funções:

1. Em José do Egito. Quando tem liberdade de ação na vida de um servo de Deus, o Espírito Santo pode habilitá-lo para os maiores empreendimentos, como, a José, a quem deu capacidade para revelação de mistérios e sabedoria para administrar.

2. Em Moisés. O Espírito Santo deu a Moisés a autoridade para liderar (Is 63.11) e dotou-o de sabedoria.

3. Nos Setenta Anciãos. *“Disse o SENHOR a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos... Então, descerei e ali falarei contigo; tirarei do Espírito que está sobre ti e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo...”* (Nm 11.16,17). Quando isto aconteceu, foi reconhecido que o Espírito que habitava em Moisés se havia transportado para os setenta anciãos. Em Números 11.25, podemos confirmar tal afirmação: *“... quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram...”*.

O Espírito Santo pode habilitar homens de Deus para trabalhos materiais relacionados à Sua causa. Exemplos: Bezalel, a quem Deus habilitou para realizar e para ensinar (Êx 31.1-4) e Josué, que recebeu autoridade divina para comandar (Nm 27.18).

O Espírito Santo sobre os juízes

No Livro de Juízes, encontramos vários exemplos de como o Espírito de Deus veio poderosamente a realizar grandes feitos, de valor individual extraordinário. Entre eles: Otniel (Jz 3.10,11), Gideão (Jz 6.34), Jefté (Jz 11.29) e Sansão (Jz 14.6,19; 15.14).

O Espírito Santo em Saul e Davi

É possível reconhecer a ação do Espírito Santo no período monárquico de Israel nas seguintes ocasiões:

a) Em Saul: Autoridade para reinar. Duas lições se destacam sobre a importância da presença do Espírito quanto ao êxito de um homem em todo trabalho feito para Deus. Por exemplo, as vitórias (1Sm 11.6) e as derrotas de Saul (1Sm 13.8-18).

b) Em Davi. Indicado por Samuel como sucessor de Saul no reino de Israel, *“daquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apossou de Davi ...”* (1Sm 16.13). Considerado um homem segundo o coração de Deus, Davi estava apto a guiar sabiamente o

seu povo pelo caminho do sucesso, triunfando sobre todos os inimigos. Para tanto, fora habilitado por Deus.

O Espírito Santo nos profetas

O Espírito Santo operou na vida dos profetas por três modos: trabalharam e agiram no poder do Espírito Santo, na pregação da palavra falada e na palavra escrita deixada para a posteridade.

TEXTO 3

O ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO

Durante quatrocentos anos, parecia que o Espírito Santo estava em silêncio. Nenhuma voz profética, inspirada pelo Espírito Santo, era ouvida a proclamar a mensagem de Deus ao seu povo. Essa época de silêncio, no entanto, foi seguida por um período de atividades espirituais sem precedentes.

O Espírito Santo em João Batista

No Novo Testamento, temos a história de um velho sacerdote, Zacarias, e sua esposa, Isabel. Zacarias ouviu, através de um mensageiro celestial (o anjo Gabriel) que, a despeito das circunstâncias naturalmente desfavoráveis, iriam ganhar um filho. Assim, temos a manifestação do Espírito Santo em João:

1. Antes do Nascimento. Ao anunciar o nascimento do precursor de Cristo, o anjo disse: “... *será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno.*” (Lc 1.15). Já antes do nascimento, a natureza de João Batista era influenciada pelo Espírito Divino. Disto resultou ser ele um menino diferente dos demais (Lc 1.80).

2. Na Ocasão do Nascimento. Zacarias foi castigado pela sua incredulidade, pois duvidou das palavras do anjo do Senhor ao anunciar o nascimento do filho que seria chamado João. Ficou mudo até ao dia em que o menino nasceu. A incredulidade é sempre um obstáculo à operação do Espírito Santo.

3. No Seu Ministério. A presença do Espírito Santo no ministério de João Batista se evidencia pela:

- a) autoridade com que exortava o povo a preparar o caminho do Senhor (Lc 3.2-4);
- b) firmeza com que anunciava a salvação de Deus, a manifestar-se em Cristo (Lc 3.5,6);
- c) energia com que denunciava o pecado do seu povo, conclamando-o ao arrependimento, para escaparem do juízo prestes a manifestar-se, qual machado já posto na raiz da árvore (Lc 3.7-9);
- d) segurança com que ensinava o caminho do retorno a Deus (Lc 3.10-14);
- e) convicção com que predizia o caráter sobrenatural do ministério de Jesus, de quem era o precursor (Lc 3.16);
- f) imparcialidade com que protestava contra o pecado de Herodes (Lc 3.19).

O Espírito Santo em Cristo

Um anjo apareceu a uma jovem virgem de Nazaré, chamada Maria, revelando que ela conceberia, pela virtude do Espírito Santo e daria à luz um filho. O anjo do Senhor também apareceu a José, seu noivo, para confortar-lhe o coração atribulado, dizendo que a gravidez dela era resultado da ação do Espírito Santo.

O anjo Gabriel foi enviado a Maria para anunciar o nascimento do Messias. Esse nascimento sobrenatural era o cumprimento de Isaías 7.14, confirmado em Mateus 1.23. Duas coisas são esclarecidas nas palavras do anjo Gabriel, quanto ao Espírito Santo, em relação ao nascimento de Jesus:

- 1. A concepção do menino Jesus, sem pecado;
- 2. Seria chamado Filho de Deus.

O Espírito Santo e a identificação de Cristo

Depois da apresentação de Jesus no templo, logo após o seu nascimento, o Espírito Santo mais uma vez esteve em evidência. São registradas sublimes verdades relativas a Jesus, para identificá-LO como o Messias prometido. A Simeão, um homem justo e piedoso, o Espírito Santo deu a revelação: *“Revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor.”* (Lc 2.26).

O Espírito Santo no batismo e na tentação de Jesus

Maravilhosa foi a cena presenciada por João! Quando Jesus foi batizado, ao sair o Filho de Deus da água, viu o sinal: “... *Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo.*” (Jo 1.33). Lucas, por sua vez, informa: “... *estando ele a orar, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba...*” (Lc 3.21,22). Assim, quando viu este sinal, João sabia que diante dele estava o Cristo.

Antes lançar-Se ao Seu ministério público “... *foi Jesus levado pelo Espírito no deserto, para ser tentado pelo Diabo.*” (Mt 4.1).

O Espírito Santo e o ministério de Cristo

Lucas descreve o caráter maravilhoso do ministério de Jesus e o relaciona com o Espírito Santo, dizendo: “*Então, Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galileia, e a sua fama correu por toda a circunvizinhança.*” (Lc 4.14). O ministério de Jesus, que durou cerca de três anos e meio, foi exercido no poder do Espírito Santo. Com este poder dominou todos os inimigos do gênero humano, como: poder sobre os demônios, sobre as enfermidades, sobre a natureza, sobre as circunstâncias e sobre a morte.

O Espírito Santo na Igreja

Já observamos que Jesus não somente foi cheio do Espírito Santo, como também é o batizador com o mesmo Espírito (Mt 3.11). A unção que Jesus recebeu por ocasião do Seu batismo no Jordão foi mais que um revestimento espiritual temporário para o exercício de Seu ministério (Jo 1.33).

Jesus completou Sua obra redentora e tornou-Se o intermediário dessa gloriosa bênção para os Seus discípulos ou Sua Igreja. Em seu discurso no dia de Pentecostes, Pedro disse: “... *Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.*” (At 2.33).

O derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, descrito em Atos 2, foi o cumprimento da promessa de envio do Consolador. Jesus assim prometera antes da Sua morte (Jo 14 e 16). Era a vinda do Espírito Santo, dessa maneira especial, que quase cento e vinte pessoas esperavam no Cenáculo (At 1.15). Era este o meio de habilitá-las para o cumprimento da grande missão que haviam recebido.

O Espírito Santo é invisível, porém podem ser vistas as manifestações de Sua presença e do Seu poder. No dia de Pentecostes, o Espírito sobreveio aos discípulos como o som como de um vento veemente e impetuoso. Também foram vistas línguas

como que de fogo. As suas mentes e os seus corpos foram dominados. *“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.”* (At 2.4).

O Livro de Atos dos Apóstolos tem sido chamado acertadamente de “Atos do Espírito Santo”. O impacto que sofreram os discípulos com a morte de Jesus e a predominância da versão de que os discípulos tinham roubado Seu corpo do túmulo seria o suficiente para levá-los a abandonarem a tarefa de continuar pregando o Evangelho. Mesmo crendo que Jesus ressuscitara de fato fariam, como muitos em nossos dias, que “tudo sabem” e nada fazem. Foi o Espírito Santo a provisão divina para Seus seguidores desanimados.

Os discípulos não foram revestidos do poder do Espírito apenas em caráter temporário. Reconheceram a necessidade de constante revigoramento espiritual. Sentiram que, para serem vitoriosos nas lutas contra o poder de Satanás, precisavam ser fortalecidos no poder do Espírito de Deus.

Os cristãos primitivos consideravam indispensável a operação do Espírito Santo, inclusive para a solução dos problemas surgidos na Igreja. Você, eu, todos nós dependemos deste recurso divino, até a vinda de Cristo. O movimento que começou no Pentecostes e continua até a presente época tem sido resultado direto da operação poderosa do Espírito Santo.

O Espírito Santo no Milênio

Através da dispensação da graça, o Espírito Santo tem sido o Executivo da Igreja. Pela história da Igreja, notamos que, ao longo do tempo, Ele tem sido honrado e a Igreja tem usufruído de reavivamento espiritual.

No Milênio, entretanto, haverá um novo governo. Um rei reinará em justiça. Até mesmo o deserto, tipo da ilegalidade e da opressão, estará debaixo de um governo justo (Is 35.1,6). Haverá renovação total como resultado do ministério do Espírito de Deus durante o milênio. Este é o clímax e a consumação do novo pacto que Deus prometeu fazer com o Seu povo. É, de fato, comovente testemunhar mais e mais a operação do Espírito Santo, pessoa sempre presente em todas as dispensações, por ser a Terceira Pessoa Divina.

TEXTO 4**O ESPÍRITO SANTO NO CRENTE**

O Espírito Santo é, na atual dispensação, o grande Executivo da vontade divina no plano da redenção, relativamente aos crentes.

O conteúdo deste Texto tem a finalidade de conscientizar-nos sobre o quão maravilhoso é sabermos o que o Espírito Santo pode realizar no crente individualmente.

O Espírito Santo traz convicção

Há muitas coisas que o Espírito Santo pode fazer no homem para despertar inteira convicção de suas relações com Deus. Ele leva o homem a sentir que é pecador, desperta-lhe a consciência de pecador, constrange-o a admitir a insensatez de trilhar no caminho do pecado e de morrer sem Cristo e enternece-lhe o coração humano. O Espírito Santo também convence o mundo da justiça de Cristo. O Espírito ainda convence os homens do julgamento, *“porque o príncipe deste mundo já está julgado.”* (Jo 16.11).

O Espírito Santo produz regeneração

Depois que é convencido do pecado, da justiça e do juízo, o homem sente sua própria necessidade de renascer. Através deste acontecimento, o homem pode tornar-se filho de Deus.

A regeneração é de natureza espiritual. É obra do Espírito Santo. A natureza humana corrompeu-se e, por isso, precisa sofrer mudança radical. Esta mudança começa com o novo nascimento.

As novas atitudes, as decisões sensatas e o comportamento correto do homem sob o controle do Espírito Santo são efeitos da regeneração por Ele operada, a qual atinge os três aspectos da natureza humana: o pensamento, o sentimento e a vontade. Tudo isto acontece como efeito das ações do Espírito Santo na vida humana.

O Espírito Santo produz santificação

O sangue de Jesus e a Palavra de Deus são meios capitais de santificação.

Essencialmente, santificação significa um ato de Deus separando alguma coisa ou pessoa para um serviço sagrado.

A carne é o grande obstáculo para a santificação. Mas, ao sentirmos os impulsos da velha natureza, podemos ter a certeza de que temos um grande “aliado” na pessoa do Espírito Santo.

O Espírito Santo, agente da cura divina

O Espírito Santo distribui os dons de cura, sustenta a vida do homem e torna reais as provisões de Cristo. A ação do Espírito Santo em favor do nosso corpo está revelada na Palavra de Deus. Conservemo-nos em plena harmonia com a Palavra e com o Espírito de Deus e estejamos certos de que os nossos corpos mortais são vivificados pelo “Espírito de Vida”.

O Espírito Santo e o arrebatamento da Igreja

O arrebatamento da Igreja será um evento glorioso a constituir a consumação da obra salvadora em nós. É também chamado “*a redenção do nosso corpo*” (Rm 8.23).

O arrebatamento será imediatamente precedido da ressurreição dos mortos em Cristo. Por meio de diversos sinais e revelações, o Espírito Santo mantém alerta o exército de Deus na terra, a lutar e crendo que o arrebatamento da Igreja de Cristo não tardará (Hb 10.37).

Quando o relógio de Deus marcar a hora final desta dispensação e o momento exato para o retorno do Senhor Jesus, haverá forte onda de poder do Espírito Santo. Este poder, que um dia levantou Cristo dentre os mortos, ressuscitará a todos os mortos em Cristo (1Ts 4.16) e transformará os crentes que estiverem vivos, num abrir e fechar de olhos, em corpo semelhante ao do Senhor (1Co 15.51-53).

TEXTO 5**O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO**

Aos quase cento e vinte homens e mulheres que esperavam no Cenáculo, sobreveio uma experiência que resultou em completa mudança de vida. Não eram mais as pessoas de outrora. Aquele João que desejava um lugar ao lado do trono de Cristo e aquele Pedro que O negara perante uma serva do Sumo Sacerdote estavam agora dominados pelos melhores sentimentos de altruísmo e abnegação. O Espírito Santo transformara radicalmente a vida daqueles crentes.

Predição profética do batismo no Espírito Santo

O evento do batismo no Espírito Santo não devia surpreender, nem confundir os estudantes das Escrituras do Antigo Testamento, pois já era uma bênção prometida, relacionada com o plano divino da salvação em Cristo, e fora predita por Joel (Jl 2.28,29), Isaías (Is 44.3), João Batista (Mt 3.11) e Jesus (Lc 24.49; At 1.5).

Algumas vezes, pode não haver demora entre conversão e o recebimento do batismo no Espírito Santo, especialmente se a pessoa já está instruída e crê nas duas bênçãos. Quando alguém está faminto das bênçãos de Deus e se entrega a Ele de coração, o céu pode se abrir para essa pessoa de modo maravilhoso. Observemos as atitudes de Jesus com relação ao batismo no Espírito Santo: Ele animou Seus discípulos a pedirem e a esperarem.

O batismo individual no Espírito Santo

O dia de Pentecostes foi e continua sendo um dia modelo para a Igreja. Como resultado dessa experiência, Pedro pregou com tal poder que cerca de três mil almas se converteram. Os pontos básicos destacados por Pedro (At 2.38,39) quanto aos destinatários da promessa do batismo no Espírito Santo foram:

- a) a promessa é para vós;
- b) para os vossos filhos;
- c) para todos os que ainda estão longe.

Todos, indistintamente, necessitam ser batizados no Espírito Santo. A necessidade é real e comum a todos os crentes em Cristo; triste daquele que não a sente. É alguém fraco na fé cuja condição o torna carente das preciosas bênçãos do amor de Deus!

Novo nascimento e batismo no Espírito Santo

O novo nascimento é a experiência espiritual decisiva pela qual a alma é renovada pelo Espírito Santo, mediante a comunicação da vida divina. É o poder do Espírito Santo que transmite ao crente uma nova natureza.

O batismo no Espírito Santo é um ato de Deus pelo qual o Espírito sobrevém ao crente, enchendo-o plenamente. É a vinda do Espírito Santo para encher e apoderar-se dos filhos de Deus, como propriedade exclusivamente Sua.

O propósito do batismo no Espírito Santo

Em sentido amplo, o batismo no Espírito Santo exerce grande poder santificador na vida do crente, mas, primariamente, o ministério de santificação do Espírito é diferente disto.

De acordo com as palavras do Senhor, o principal propósito do batismo é torná-los testemunhas poderosas de Jesus em toda a terra: “... e serei minhas testemunhas...” (At 1.8). O batismo no Espírito Santo habilita os crentes a testemunharem efetivamente de Cristo, inclusive nas circunstâncias difíceis e perigosas.

TEXTO 6

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

Antes de tudo, é necessário definirmos o termo dons. Geralmente, quando pensamos em dons, vem-nos à mente alguma coisa tangível, que nos é dada por possessão, para ser usada quando e como queremos. Os dons do Espírito Santo não são coisas que possam ser guardadas e usadas por qualquer pessoa. Os dons do Espírito Santo encontram-se enumerados na Bíblia em três passagens: Romanos 12.6-8, 1 Coríntios 12.4-11 e Efésios 4.11.

Os dons são importantes para a Igreja, conforme afirma Paulo em 1 Coríntios 12.1, pois, por meio deles, consumam-se: o aperfeiçoamento dos santos, a obra do ministério e a edificação do corpo de Cristo.

Os dons não se destinam à edificação ou ao prazer de quem os detém, mas à edificação da Igreja (1 Coríntios 14.5-12; 12.7) unicamente.

A palavra grega *karisma* não é encontrada em nenhum dos Evangelhos, nem em Atos, mas somente nas Epístolas. Esta palavra significa literalmente *habilitação do favor e da graça de Deus*. Dividimos o estudo dos dons em três grupos: Dons de Revelação; Dons de Alocução; e Dons de Poder.

Dons de revelação

A este grupo de dons referem-se:

1. Palavra da Sabedoria (1Co 12.8). É a participação parcial da infinita sabedoria de Deus, dada a conhecer através da instrumentalidade de um crente, para a solução de problemas.

2. A Palavra do Conhecimento (1Co 12.8). É a revelação dada ao crente de ações e fatos que se baseiam no perfeito conhecimento de Deus.

3. Discernimento de Espíritos (1Co 12.10). Através deste dom, Deus revela ao crente a fonte e o propósito de toda e qualquer forma de poder espiritual presente em determinado ambiente.

Dons de alocução

Dizem respeito a este grupo os seguintes dons:

a) O Dom de Profecia (1Co 12.10). É uma manifestação do Espírito de Deus e não da mente do homem; é concedido a cada um visando a um fim proveitoso para a Igreja.

b) O Dom de Variedade de Línguas (1Co 12.10). Quanto à forma, o falar em línguas como dom, em sua essência, é algo idêntico ao falar em outras línguas, na experiência inicial do batismo, descrita no Livro de Atos, sendo, no entanto, diferente quanto ao seu propósito e operação. Tem como propósito confirmar a palavra ensinada e sua existência é bíblica (1Co 13.8).

c) Interpretação das Línguas (1Co 12.10). O dom de interpretação de línguas é o único dom cuja existência e função depende de outro dom, o da variedade de línguas. Consequentemente, não havendo dom de variedade de línguas não há a operação de interpretação dessas línguas. “Interpretação”, aqui, não é o mesmo que tradução. A interpretação, geralmente, alonga-se mais que uma tradução.

Dons de poder

A concessão de dons por Deus ao homem inclui neste grupo:

1. Dom da Fé (1Co 12.9). Este dom envolve uma fé especial, diferente da fé para a salvação. O dom da fé produz uma fé sobrenatural; verdadeiro apelo a Deus no sentido de que Ele intervenha quando todos os recursos humanos se esgotam.

2. Dom de Curar (1Co 12.9). O poder para curar é muito desejado, em virtude de ser um sinal eloquente e ostensivo na confirmação da mensagem do Evangelho, como também em razão da verdadeira simpatia cristã para com os sofredores e do desejo de pronunciar-lhes alívio, etc. À semelhança de todos os outros, este dom depende da soberania de Deus. A respeito do dom de curar, consideremos que a cura pode ser operada gradualmente.

3. Dom de Operações de Milagres (1Co 12.10). Ambas as palavras, operações e milagres, aparecem no original grego no plural e sugerem que há uma variedade de modos de milagres e atos de poder ligados a esse dom. Por milagres e maravilhas entende-se todo e qualquer fenômeno que altere uma lei divina conhecida e preestabelecida. “Milagres” e “maravilhas” são o plural da palavra “poder” em Atos 1.8 e significam: atos de poder gloriosos, sobrenaturais que vão além do que o homem pode ver ou compreender.

QUESTIONÁRIO DA LIÇÃO

I. Assinale com “X” a alternativa correta.

3.01 O Espírito Santo possui atributos de uma personalidade que

- ☐ a) pensa.
- ☐ b) tem vontade.
- ☐ c) sente tristeza.
- ☒ d) Todas as alternativas estão corretas.

3.02 De acordo a Lição estudada, os símbolos do Espírito Santo são:

- ☐ a) fogo e vento.
- ☐ b) água e óleo.
- ☐ c) selo e pomba.
- ☒ d) Todas as alternativas estão corretas.

3.03 O Espírito Santo se manifestou em várias pessoas como:

- ☐ a) Moisés.
- ☐ b) José do Egito.
- ☐ c) Setenta Anciãos.
- ☒ d) Todas as alternativas estão corretas.

3.04 Uma das evidências da presença do Espírito Santo no ministério de João Batista:

- ☒ a) Autoridade.
- ☐ b) Fé.
- ☐ c) Graça.
- ☐ d) Nenhuma das alternativas está corretas.

II. Marque "C" para certo e "E" para errado.

☒ 3.05 A Regeneração aqui estudada não é de natureza espiritual.

☒ 3.06 Na vida do crente, o Espírito santo produz apenas a Santificação.

☒ 3.07 O dia de Pentecostes continua sendo um modelo para a Igreja.

☒ 3.08 O batismo com o Espírito Santo exerce grande poder santificador na vida do crente.

☒ 3.09 A palavra grega *karisma* significa *habilitação do favor e da graça de Deus*.

☒ 3.10 O dom de interpretação de línguas é o único dom que não depende de outro.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or printed text on the paper. A small dark smudge or mark is visible near the top center of the page.

"ANGELOGIA"
A DOCTRINA DOS ANJOS

O que são os Anjos? O que fazem? Onde habitam? Como são organizados? De que modo agem? Estas perguntas têm sido feitas por diferentes pessoas em diferentes lugares e em diferentes épocas. Essas perguntas, em parte, serão tratadas a seguir, segundo o relato bíblico.

Os anjos foram criados por Deus (Ne 9.6; Cl 1.16). Deus os criou mais elevados do que os homens, em tudo (Sl 8.4,5). Criados em inumerável quantidade (Jó 25.3; Dt 33.2; Ap 5.11; Dn 7.10), eles não devem ser adorados (Ap 22.9; 19.10; Cl 2.18) e estão sujeitos ao Senhorio de Cristo (Ef 1.20,21; Fp 2.9-11; Cl 2.10; 1Pe 3.22).

Por Seu extraordinário poder, Deus tem à Sua disposição todos os meios para fazer com que as coisas aconteçam, entre os quais se destacam os Seus anjos, comparados pelo salmista a "*ventos*" e "*labaredas de fogo*" (Sl 104.4). E Deus os tem usado através da história do Seu povo, tanto nos dias bíblicos como nos dias de hoje, com finalidades as mais diversas, para o bem do Seu povo. Os anjos são Seus agentes, não apenas com o propósito de abençoar os Seus amados, mas também de castigar os inimigos do Seu povo.

Na consumação dos séculos, os anjos terão papel decisivo nos eventos finais. Os anjos bons se manifestarão na glória com Cristo (Mt 16.27), cooperarão na ressurreição dos mortos (1Ts 4.16), no ajuntamento dos escolhidos, na ceifa final, no julgamento das nações e na extinção total da iniquidade (Mt 13). Os anjos maus, sob o comando de Satanás, afligirão os homens com sofrimentos terríveis e, por fim, serão condenados ao inferno de chamas eternas.

Sobre este palpitante assunto trata esta Lição.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Natureza dos Anjos
2. Os Anjos Como Agentes de Deus
3. Origem, Rebeldia e Queda de Lúcifer
4. Satanás, o Agente da Tentação
5. Satanás na Consumação dos Séculos

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Citar três elementos da natureza dos anjos;
2. Mencionar duas funções no exercício das quais os anjos são vistos como agentes de Deus;
3. Dizer qual o pecado que deu origem à queda de Lúcifer;
4. Destacar uma referência bíblica que evidencie Satanás como o agente da tentação;
5. Enumerar dois incidentes nos quais Satanás estará envolvido na consumação dos séculos.

TEXTO 1**A NATUREZA DOS ANJOS**

O plano criador levado a efeito por Deus jamais poderá ser totalmente compreendido pelo homem, principalmente quando analisado à luz da criação universal. Entre as muitas coisas criadas por Deus, a título de estudo, vamos destacar aqui os anjos.

Os anjos não são eternos como Deus, nem autoexistentes, mas criados, como criadas foram as demais coisas no Universo (Ne 9.6; Cl 1.16). Expressões tais como “*exército dos céus*”, “*soberanias*”, “*principados*”, “*potestades*” e outros termos similares são geralmente aplicadas na Bíblia aos anjos.

Quando os anjos foram criados

A Bíblia não informa com exatidão quando os anjos foram criados. Sabemos, porém, que foram criados num passado remotíssimo (Jó 38.4,7) e em inumerável quantidade. Não devem ser adorados (Ap 22.8,9) e estão sujeitos à autoridade de Jesus Cristo (Ef 1.20,21; Cl 2.10).

Os anjos são seres espirituais

Hebreus 1.13,14 destaca os anjos como “*espíritos*” ministradores. O fato dos anjos serem essencialmente espíritos não os impede de assumirem forma humana, dependendo da missão. Nesta condição eles aparecem a Abraão (Gn 18.1,2); Jacó (Gn 32.24-30); Daniel (Dn 8.15,16); Elias (1Rs 19.5-7); Maria, a mãe do Senhor (Lc 1.26-38); Zacarias (Lc 1.11); e aos pastores de Belém (Lc 2.8,9). Como seres espirituais, é evidente que os anjos não se casam (Mt 22.30). Pela mesma razão, são assexuados, certamente.

Os anjos são seres altamente inteligentes

Pela sublime tarefa que os anjos desempenham no tempo e no espaço, desde o princípio, e por aquilo que a respeito deles a Bíblia registra, os anjos em tudo excedem em conhecimento os homens mais brilhantes que a história humana já registrou. A Bíblia os apresenta como mais sábios que Davi (2Sm 14.17,20) e que Daniel (Ez 28.1-5).

Apesar de serem muito inteligentes e sábios, os anjos não são oniscientes (Mc 13.32).

Os anjos são seres gloriosos

Em função do que são, do que fazem e do lugar em que habitam, os anjos são seres dotados de dignidade e glória sobre-humanas. Como seres gloriosos, os anjos fazem parte da manifestação da glória de Deus ao longo de toda a narrativa bíblica. Os anjos são como raios a refletir a glória e o esplendor do próprio Deus.

Dentre os muitos casos mencionados na Bíblia quanto à manifestação da glória dos anjos, associados à glória do próprio Deus, destacamos os seguintes:

- a) No chamamento de Isaías (Is 6.1-4);
- b) Na visão de Ezequiel (Ez 1);
- c) Na visão apocalíptica do apóstolo João (Ap 5.11,12).

Os anjos são seres poderosos

Não obstante detenham de grande poder, os anjos não são onipotentes ou todopoderosos. Quanto à maneira de agir, são como “dinamite de Deus”; e o que podem fazer, têm feito e farão, está registrado no decorrer da narrativa das Escrituras (Sl 103.20; Mt 28.2).

O poder dos anjos no passado e no futuro, de acordo com a narrativa bíblica, destaca-se nos seguintes casos:

- 1. O castigo de Davi (2Sm 24.15,16).
- 2. A destruição do exército assírio (2Rs 19.35).
- 3. O consolo a Daniel (Dn 10.12,13).
- 4. O túmulo de Cristo e a mensagem de Sua ressurreição (Mt 28.2-7).
- 5. A libertação de Pedro e João (At 5.19,20; 12.7).
- 6. A prisão de Satanás antes do Milênio (Ap 20.1-3).

TEXTO 2**OS ANJOS COMO AGENTES DE DEUS**

Entre as múltiplas funções exercidas pelos anjos, destacam-se, de forma particular, as que são estudadas nos tópicos a seguir.

Ministradores a favor dos santos

Acerca deste particular ministério dos anjos, discorre o escritor da Epístola aos Hebreus: *“Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?”* (Hb 1.14).

Nem sempre podemos ter a consciência da presença dos anjos, ainda que estejam ao nosso redor. Nem sempre podemos predizer como aparecerão, mas eles estão bem próximos de nós. Com frequência, para nos assistir, são nossos companheiros em circunstâncias as mais diversas, sem, contudo, apercebermo-nos de sua presença. Pouco é o que sabemos sobre a sua constante assistência. A Bíblia nos garante, entretanto, que, um dia, as escamas serão tiradas de nossos olhos, para que possamos ver e reconhecer em toda a plenitude e atenção que os anjos nos dedicam (1Co 13.12; 2Rs 6.15-17).

Muitas experiências do povo de Deus, tanto nos dias do Antigo como do Novo Testamento, bem como nos dias apostólicos, indicam que os anjos o tem auxiliado. Muitos de nós sequer cogitamos que estamos sendo socorridos pelos anjos, embora sempre demos graças a Deus por eles. A Bíblia nos diz que Deus ordenou Seus anjos que assistissem ao Seu povo – a todos os que foram comprados e redimidos pelo sangue de Jesus Cristo, Seu Filho.

Guardas do povo do Senhor

Outro aspecto de grande relevância e digno de consideração quanto ao ministério dos anjos é aquele que diz respeito à função que exercem como guardas e protetores do povo de Deus, tanto nos dias do Antigo quanto do Novo Testamentos. O testemunho das Escrituras quanto à guarda e proteção angélica é vastíssima (Sl 34.7; 91.11,12).

Os recursos de Deus na defesa do Seu povo são muito mais do que a nossa reduzida imaginação pode aquilatar. E, como vimos mostrando, entre esses inumeráveis recursos destacam-se os anjos, os quais Deus tem usado em nosso favor no decorrer dos milênios.

No Antigo Testamento, os anjos aparecem protegendo Ló da fúria dos habitantes de Sodoma (Gn 19.10,11); guardando Eliseu da destruição dos exércitos inimigos (2Rs 6.17); poupando Daniel na cova dos leões (Dn 6.21,22). No Novo Testamento, eles aparecem protegendo o menino Jesus da fúria de Herodes (Mt 2.13); libertando Pedro da prisão (At 12.6-8); protegendo Paulo em meio a um naufrágio (At 27.23,24).

Executores dos juízos divinos

Deus tem ilimitado poder, não só para edificação, como também para destruição. Nos domínios da natureza em particular, Ele tem usado o vento, a água e o fogo como instrumentos de manifestação de Seu juízo para castigar o mal. Porém, no campo espiritual, Ele usa Seus anjos, principalmente quando a ação visa à defesa do Seu povo e o abatimento por terra dos poderosos que resistem ao Seu propósito.

Nenhum outro texto das Escrituras fala de forma tão conclusiva sobre a ação heroica dos anjos na execução das guerras e dos juízos de Deus como em Salmos 104.4, que diz: *“Fazes a teus anjos ventos e a teus ministros, labaredas de fogo.”*

Na qualidade de executores dos juízos de Deus, no Antigo Testamento, os anjos aparecem em ação destruindo os primogênitos do Egito (Êx 12.29), destruindo Sodoma e Gomorra (Gn 19.12,13,24,25); destruindo o exército assírio (2Rs 19.35). No Novo Testamento, aparecem punindo Herodes Agripa (At 12.21-23) e contendendo com o Diabo acerca do corpo de Moisés (Jd v. 9).

Comunicadores de boas-novas

Deus usa os anjos não só como agentes de destruição e juízo, mas também como agentes comunicadores das boas-novas e da Sua misericórdia. Segundo uma lenda judaica, Miguel, o agente do juízo de Deus, possui só uma asa, enquanto que Gabriel, o agente comunicador das boas-novas e da misericórdia divina, possui duas asas. Querem os rabinos mostrar com isto que Deus tem mais pressa em abençoar os homens do que em os abater por Seu juízo.

A Bíblia apresenta os anjos anunciando o nascimento de Isaque (Gn 18.10); Sansão (Jz 13.2,3); João Batista (Lc 1.11,13); Jesus (Lc 1.30,31); a ressurreição e volta de Jesus Cristo (Lc 24.5,6; At 1.11).

Os anjos na consumação dos séculos

Os anjos têm a ver com os eventos proféticos do porvir relacionados com a Igreja e com o povo de Israel. A Bíblia diz que grandes e terríveis juízos de Deus serão derramados sobre os que habitam na terra nos dias posteriores ao arrebatamento da

Igreja de Cristo. Nesse tempo, os anjos terão papel decisivo como agentes de libertação dos escolhidos e de condenação daqueles que rejeitaram a salvação em Cristo.

Dos Evangelhos ao Apocalipse, vemos as mais diferentes ações dos anjos, que terão lugar na terra durante os dias em torno do arrebatamento da Igreja, da Grande Tribulação e os dias imediatos ao fim do governo milenial de Cristo na terra. Os anjos terão papel de destaque:

- a) na ressurreição dos mortos (1Ts 4.16);
- b) no ajuntamento dos escolhidos (Mt 24.31);
- c) na revelação pessoal de Cristo (Mt 16.27);
- d) na ceifa final (Mt 13.39);
- e) no julgamento das nações (Mt 25.31-33);
- f) na extinção total da iniquidade (Mt 13.40-42).

TEXTO 3

ORIGEM, REBELDIA E QUEDA DE LÚCIFER

Nos dois Textos anteriores, estudamos sobre a natureza dos anjos e a posição que exercem como agentes que Deus usa para fazer como que determinadas coisas aconteçam. Neste Texto, trataremos de um anjo denominado Lúcifer, um dos seres mais elevados dentre os demais anjos criados por Deus no princípio.

O querubim ungido de Deus

Ao tratarmos dos anjos, estamos lidando com o mundo invisível dos espíritos; mundo que se constitui em verdadeiro desafio à mente e à força humana. A Bíblia parece sugerir que a mais exaltada posição do reino dos espíritos era ocupada no princípio por Lúcifer, uma criatura perfeita em todos os seus caminhos, desde a sua criação (Ez 28.12-15).

Lúcifer é descrito como "*o sinete da perfeição*", o que, no original hebraico significa um padrão de perfeição. Também ele é descrito como "*cheio de sabedoria e formosura*",

o ser mais belo e sábio de toda a criação de Deus. Ele esteve no “*Éden, jardim de Deus*”, e “*no monte santo de Deus*”.

Rebelião e queda de Lúcifer

A maior catástrofe da história da criação universal foi, sem dúvida, a rebelião e complô contra Deus por parte de Lúcifer, e a consequente queda de possivelmente um terço dos anjos que se juntaram a ele em sua perfídia.

Lúcifer, “*O Filho da Alva*”, foi criado, como todos os demais anjos, para glorificar a Deus. Entretanto, ao invés de ser fiel a Deus e honrá-LO para sempre, Lúcifer intentou reinar sobre o céu e a criação, em lugar de Deus. Ele queria para si a supremacia e a autoridade devida exclusivamente ao Altíssimo (Is 14.12-17).

Os cinco “eis” de Lúcifer

A queda e a deposição de Lúcifer foram procedidas de cinco “eis” que demonstravam o seu espírito insubmisso e exaltado (Is 14.13,14). Foram eles:

1. “... *Eu subirei ao céu...*
2. ... *acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono...*
3. ... *no monte da congregação me assentarei...*
4. ... *subirei acima das mais altas nuvens...*
5. ... *serei semelhante ao Altíssimo.*”

O orgulho tomara conta da mente e do coração de Lúcifer. Sua decisão de usurpar a posição de Deus mostra a arrogância que dominava o mais profundo do seu ser. É impossível que um reino tenha dois soberanos supremos. Ora, a Deus, sendo realmente o Deus único, só restava uma coisa – depor Lúcifer e expulsá-lo. Foi isto o que aconteceu inevitavelmente.

Deposto da presença do Altíssimo, Lúcifer, transformado em Satanás, tornou-se chefe das potestades do ar (Ef 2.2) e o príncipe deste mundo (Jo 12.31; 14.30). Desde então, tornou-se o arquiinimigo de Deus e dos que amam a Jesus Cristo.

A personalidade de Satanás

Na década de 1960, apregoeou-se com euforia a morte de Deus e a inexistência do Diabo. Tais ensinamentos divulgavam o fim da crença no invisível mundo dos espíritos. Porém, ao começar a década de 1970, os homens, a mesma mídia e as mesmas religiões voltaram a afirmar que Deus nunca morreria e nem pode morrer, e que o Diabo jamais deixou de existir. Começou, desde então, uma grande corrida em busca do invisível e

das revelações do além, principalmente no que diz respeito aos anjos. Hoje estamos presenciando a Babel em que muitos estão envolvidos, inclusive, enganados pelos anjos maus.

Que se entende por personalidade? Personalidade é a forma de vida pessoal, caracterizada por uma existência autoconsciente, dotada de intelecto, afetividade e vontade. Deus não criou Satanás como tal, com uma personalidade maligna e deturpada. Ele tornou-se assim porque pecou (Ez 28.19) e encheu-se de exaltação e rebeldia. Satanás é uma pessoa, com todos os atributos de uma pessoa (Jo 8.44).

Deus quer que os homens conheçam os fatos relativos a Satanás, pelo que muito tem revelado sobre ele nas Escrituras. Em 2 Coríntios 2.11, escreveu o apóstolo Paulo: *"para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois, não lhe ignoramos os desígnios"*.

TEXTO 4 ✓

SATANÁS, O AGENTE DA TENTAÇÃO

A vida do ser humano é uma batalha constante, do berço à sepultura. O crente tem paz com Deus mediante a fé em Jesus Cristo (Rm 5.1); pode desfrutar dessa paz rendendo-se ao Espírito de Deus que nele habita (Fp 4.7). O crente possui paz interiormente, mas exteriormente experimenta conflitos constantes com o mundo e com o Diabo (Mt 10.34; Jo 14.27).

O testemunho bíblico

"porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes." (Ef 6.12).

"Sede sóbrios e vigilantes. O Diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" (1Pe 5.8).

Ao ser destronado dos céus, como vingança contra Deus, Satanás tentou Adão e Eva no Éden e os conduziu à queda. Tendo sido vencido por Cristo no monte da tentação e no Calvário, desde então tem procurado vingar-se na pessoa daqueles que constituem a Sua Igreja na terra.

A vida aqui é uma batalha

Todo crente espiritual sabe que esta vida não é nenhum lazer espiritual, mas uma batalha. Sabe que Satanás é um adversário e por isso vive em constante vigilância e escudado na proteção e provisão do Deus Todo-Poderoso. Para que o crente triunfe nesta batalha, é necessário que ele não só esteja guardado sob as asas do Senhor, mas que conheça as diferentes maneiras de agir do adversário de sua alma. Paulo escreveu: *"... que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois, não lhe ignoramos os desígnios."* (2Co 2.11). (Ler Ef 6.10-18.)

Assim age Satanás

Segundo o Dr. C. M. Keen, em seu livro A DOUTRINA DE SATANÁS, os crentes em Jesus devem sempre ter em mente o seguinte:

1. Satanás tem acesso à presença de Deus, apresentando-se como acusador dos filhos de Deus.
2. Algumas vezes Deus permite que Satanás aflija os seus filhos.
3. Satanás se deleita em fazer os homens amaldiçoarem a Deus, a duvidarem do Seu amor e de Suas benevolências.
4. Satanás é restringido por Deus em suas atividades.
5. Satanás algumas vezes pode controlar os elementos da natureza para causar destruição entre o povo e Deus.
6. Algumas vezes Satanás pode promover o banditismo, o furto e até mesmo o homicídio, em seus esforços para levar os homens a duvidarem da benevolência e do amor de Deus.
7. Satanás é capaz de mentir até perante Deus.
8. Satanás aflige os corpos dos homens para conseguir suas covardes finalidades.
9. Satanás destrói a harmonia doméstica e arruína a reputação de um homem para conseguir os seus propósitos.
10. Satanás não pára diante de nada, em seus esforços para fazer os homens se desviarem de Deus."

Em Cristo somos mais do que vencedores

Escrevendo aos Coríntios, Paulo diz que “... Deus... nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.” (1Co 15.57). É evidente que esta vitória, no que tange à provisão de Deus, é-nos oferecida instantaneamente; mas, por outro lado, a Bíblia mostra que esta batalha, no que diz respeito ao crente, é ganha por etapas. Porém, é necessário que o crente esteja devidamente preparado e armado para alcançar triunfos pela fé em Cristo, nesta luta. Vejamos o que a Bíblia nos apresenta como armas e condições para vencer nesta luta:

- a) Submetei-vos a Deus (Tg 4.7; 1Pe 5.6);
- b) Sede sóbrios e vigilantes (1Pe 5.8);
- c) Resisti ao Diabo (Tg 4.7; 1Pe 5.9);
- d) Fortalecei no poder de Deus (Ef 6.10);
- e) Revesti-vos de toda a armadura de Deus (Ef 6.11,13);
- f) Cingi-vos com a verdade (Ef 6.14);
- g) Vesti-vos da couraça da justiça (Ef 6.14);
- h) Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz (Ef 6.15);
- i) Embracai o escudo da fé (Ef 6.16; 1Jo 5.4);
- j) Tomai o capacete da salvação (Ef 6.17);
- k) Empunhai a espada do Espírito (Ef 6.17);
- l) Orai em todo tempo no Espírito (Ef 6.18).

TEXTO 5

SATANÁS NA CONSUMAÇÃO DOS SÉCULOS

Enquanto Satanás prosseguir em seu presente papel neste mundo, o pecado será praticado livremente, a impiedade prevalecerá, as religiões falsas se multiplicarão e os homens sem Deus serão seus súditos e escravos. Satanás precisa, pois, ser dominado e posto fora de combate antes da inauguração do reino milenial de Cristo.

Satanás durante a Grande Tribulação

A Grande Tribulação ocorrerá no espaço de tempo entre o arrebatamento da Igreja e a manifestação de Cristo em glória com os Seus santos e anjos. Durante esse tempo, quando ocorrerá o Tribunal de Cristo e as Bodas do Cordeiro no céu, o Anticristo, como preposto de Satanás, tornar-se-á senhor e soberano sobre a Terra.

Por intermédio do Anticristo (a Besta) e do Falso Profeta, Satanás assumirá o monopólio espiritual e político do mundo. Nessa época, coisas horríveis, jamais imaginadas pela mente humana, terão lugar na Terra. Acerca dos que aqui habitarem naqueles dias, diz o mensageiro do Senhor, no Livro de Apocalipse: “... *Ai da terra e do mar, pois, o Diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.*” (Ap 12.12).

Satanás e o Armagedom

O tempo da Grande Tribulação culminará com a guerra do Armagedom, quando os exércitos das nações, por Satanás incitadas e rebeladas contra Deus entrarão no território de Israel para destruí-lo. Será um tempo de grande aflição para Israel, que, indefeso, sentir-se-á acuado frente aos bem armados exércitos adversários. Sobre o que acontecerá naqueles dias, disse o Senhor a Daniel, o profeta:

“Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro.” (Dn 12.1).

Nesse momento de amargura para Israel, aparecerá no céu o sinal da vinda do Filho do Homem, para quem os exércitos opressores se voltarão e contra quem tentarão pelear.

Vejam os que escreve o apóstolo João:

"E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes." (Ap 19.19-21).

Sem disparar um só projétil, assim Israel será salvo!

A prisão de Satanás por mil anos

Com a aparição de Cristo com poder e glória nas nuvens dos céus, acompanhado dos Seus santos e anjos, terá fim a Grande Tribulação e iniciar-se-á o período áureo da terra – o Milênio. Porém, para que o reino milenial de Cristo seja estabelecido, é necessário que Satanás seja preso. É exatamente isso que acontecerá.

"Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo." (Ap 20.1-3).

Soltura e prisão eterna de Satanás

Completado o período do reinado de Cristo, com justiça, paz e restauração de tudo na terra, Satanás será solto por um pouco de tempo (Ap 20.3).

“Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar. Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu. O Diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos.” (Ap 20.7-10).

Como vimos, Satanás, como opositor de Deus, será posto então no seu devido lugar, o inferno, quando então serão estabelecidos “... novo céu e nova terra...” (Ap 21.1), onde os salvos habitarão por toda a eternidade.

QUESTIONÁRIO DA LIÇÃO

I. Assinale com “X” a alternativa correta.

4.01 Os anjos geralmente são conhecidos na Bíblia como:

- ☐ a) “exército dos céus”.
- ☐ b) “soberanias”.
- ☐ c) “principados”, “potestades”.
- ☒ d) Todas as alternativas estão corretas.

4.02 Pela sublime tarefa que os anjos desempenham no tempo e no espaço, desde o princípio, e pelo o que a Bíblia registra a respeito deles, os anjos são

- ☐ a) ilimitados em tudo.
- ☒ b) seres altamente inteligentes.
- ☐ c) onipresentes.
- ☒ d) Todas as alternativas estão corretas.

II. Marque "C" para certo e "E" para errado.

- C 4.03 Nenhum outro texto das Escrituras fala de forma tão conclusiva da ação heroica dos anjos na execução da guerra e dos juízos de Deus como em Salmos 104.4.
- C 4.04 Deus usa os anjos também como agentes comunicadores das boas-novas e da Sua misericórdia.
- C 4.05 Lúcifer, chamado "*O Filho da Alva*", foi criado como os demais anjos para glorificar a Deus.
- C 4.06 Deposto e expulso da presença do Altíssimo, Lúcifer transformou-se em Satanás.
- C 4.07 É necessário que o crente esteja devidamente preparado e armado para alcançar triunfo pela fé em Cristo, revestindo-se de toda armadura de Deus.
- C 4.08 Deus nos dá a vitória por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo. Importa, para tanto, abraçar o escudo da fé.
- C 4.09 Satanás assumirá o monopólio espiritual e político do mundo por intermédio do Falso Profeta e do Anticristo.
- E 4.10 O tempo da Grande Tribulação culminará com a prisão de Satanás.

ANOTAÇÕES

[illegible]

**"ANTROPOLOGIA"
A DOCTRINA DO HOMEM**

O fundamento e a razão de ser da vida cristã apoia-se num relacionamento vital entre Deus e o homem. Portanto, para que seja fiel à sua proposição e significado, a teologia deve ater-se não só ao estudo da revelação de Deus, mas também ao do homem.

É necessário conhecermos suficientemente o homem para não cairmos em erros irreparáveis. Um erro da nossa parte quanto à origem, propósito da existência e futuro do homem dificulta nossa compreensão do propósito de Deus para com a humanidade como um todo. Convém, pois, que examinando as Escrituras, conheçamos o homem na sua constituição e sua posição dentro do propósito de Deus em geral.

O conhecimento sobre o homem e sua natureza, bem como os propósitos divinos para com ele, muito nos servirá no estudo de seu relacionamento com Deus.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Origem e a Criação do Homem
2. A Natureza do Homem
3. O Homem – Imagem e Semelhança de Deus
4. O Destino do Homem
5. Provação e Queda do Homem

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá estar apto a:

1. Destacar três fatos relacionados com a origem e criação do homem;
2. Citar os três elementos que distinguem a natureza do homem;
3. Definir a palavra homem;
4. Mencionar dois propósitos para os quais o homem foi destinado por Deus;
5. Alistar três consequências da queda do homem.

TEXTO 1

A ORIGEM E A CRIAÇÃO DO HOMEM

A Bíblia nos apresenta um duplo relato da origem do homem, harmônico entre ambos; o primeiro, no capítulo 1, versículos 26 a 30, e o outro, no capítulo 2, versículos 7, 8 e 15 do Livro de Gênesis. Partindo destes textos e de todos os seus contextos que tratam da obra da criação, quanto à criação do homem, obtemos os ensinamentos que se seguem.

1. A criação do homem foi precedida por um solene conselho divino

Por inspiração divina, antes de tratar da criação do homem com maiores detalhes, Moisés nos leva a conhecer o decreto de Deus quanto a essa criação, nas seguintes palavras: “... *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...*” (Gn 1.26).

O termo “*façamos*”, no plural, é uma das evidências da trindade de Deus. Alguns eruditos, porém, são da opinião de que esta palavra expressa o plural de majestade; outros a tomam como plural de comunicação, no qual Deus inclui os anjos em diálogo com Ele; todavia, outros o consideram como o plural de auto-exortação.

Todavia, um exame dos textos bíblicos cuidadoso, profundo, imparcial, honesto, despretenso e isento de ideias preconcebidas mostra que estas três últimas afirmações são contrárias àquilo que o texto bíblico realmente expressa e que também pensam e expressam os pensadores e teólogos da fé cristã e conservadores creem; isto é, que o plural “*façamos*” seja uma alusão direta à Trindade Divina, em conselho para a formação do homem.

2. A criação do homem foi um ato imediato de Deus

Algumas das expressões usadas no relato bíblico mostram que a criação do homem aconteceu de uma forma imediata, ao contrário do que aconteceu na criação dos demais seres da criação em geral. Por exemplo, vejamos as expressões: “*E disse (Deus): Produza a terra relva, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra...*” (Gn 1.11). “*Disse também Deus: Povoem-se as águas de enxames de seres viventes; e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus.*” (Gn 1.20). Comparemos estas declarações com: “*Criou Deus, pois, o homem...*” (Gn 1.27).

Qualquer indício de mediação na obra da criação contida nas primeiras declarações referentes à criação das aves dos céus e dos seres marinhos independe da declaração da criação do homem. Isto é, Deus planejou a criação do homem como um ato distinto e imediatamente a efetuou.

3. O homem foi criado segundo um tipo divino

Com respeito aos demais seres vivos, tais como os peixes, as aves, os animais terrestres e aquáticos, lemos que Deus os criou “*segundo a sua espécie*”, isto quer dizer que eles possuem forma tipicamente próprias, porém, dentro de suas espécies. O homem não foi criado assim e muito menos relacionado a tipos de criaturas inferiores. Com respeito a ele, disse Deus: “... *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...*” (Gn 1.26). Assim, em todo o relato bíblico, o homem foi alvo de providências e cuidados especiais, ao ser criado e formado por Deus no princípio.

4. Os elementos da natureza humana se distinguem

Em Gênesis 2.7 vemos a distinção clara entre a origem do corpo e da alma. O corpo foi formado do pó da terra, material preexistente. Na criação da alma, no entanto, não houve emprego de material preexistente, mas sim o surgimento duma nova criação por Deus. A Bíblia diz que o Senhor Deus soprou nas narinas do homem “... *o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.*” (Gn 2.7). Outras passagens das Escrituras que falam da dupla natureza do homem são: Eclesiastes 12.7; Mateus 10.28; Lucas 8.55; 2 Coríntios 5.1-8; Filipenses 1.22-24; Hebreus 12.9.

5. O homem foi criado coroa da criação

A Bíblia apresenta o homem como a obra-prima de Deus. Criado o homem à imagem e semelhança de Deus, a criação estava coroada (Gn 1.26,28; Sl 8.5-8).

Como dever e privilégio do homem, toda a natureza e todas as demais coisas criadas foram, no princípio, colocadas sob seu governo, para que ele e todo o seu domínio glorificassem ao Todo-Poderoso Criador e Senhor do Universo.

Quando o homem e a mulher, ainda no estado de inocência no Éden, caíram na tentação diabólica e pecaram, por transgressão às ordens do Criador, todas as esferas humanas de vida, ação, capacidade, inteligência, afetividade e volição foram, a partir de então, transtornadas, afetadas e deturpadas pelas consequências do pecado, como causa e como efeito. Nada ficou imune no homem: espírito, alma e corpo.

TEXTO 2

A NATUREZA DO HOMEM

O patriarca Jó parece ter sido o primeiro dos homens mencionados na Bíblia a investigar acerca do homem. Foi ele quem perguntou a Deus: *"Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas nele o teu cuidado, e cada manhã o visites, e cada momento o ponhas à prova?"* (Jó 7.17,18).

Depois foi a vez de o salmista indagar: *"que é o homem, que dele te lembres..."* (Sl 8.4). *"SENHOR, que é o homem para que dele tomes conhecimento? E o filho do homem, para que o estimes?"* (Sl 144.3). Ler também Sl 139.13-16.

Se quisermos conhecer o homem, temos de ir além do que ensina a filosofia e demais ciências humanas; temos de tomar posse das Escrituras, pois só ela responde plena e satisfatoriamente toda e qualquer indagação quanto ao passado, presente e futuro do homem.

O espírito do homem

No Antigo Testamento estão os primórdios da distinção entre espírito e alma, e vice-versa. A revelação crescente e progressiva deste assunto ocorre no Novo Testamento. Assim ocorre a outros grandes e profundos temas da Bíblia, que têm sua nascente no Antigo Testamento e seu desenvolvimento no Novo Testamento, consoante a demonstração da sabedoria de Deus em relação ao homem. Tendo em mente o que foi dito em relação à Bíblia, sabemos que:

1. Deus é o Criador do espírito humano, e que o fez de forma individual. Ele habita na parte interior da natureza do homem e é capaz de renovação e de desenvolvimento. O espírito é a sede da imagem de Deus no homem, imagem praticamente perdida com a queda, mas que pode ser restabelecida por Jesus Cristo, quando o homem O aceita como seu Salvador pessoal e O segue como seu Senhor (Cl 3.10; 1Co 15.49; 2Co 3.18);

2. O espírito é o âmago e a fonte da vida humana, enquanto que a alma possui e utiliza essa vida e lhe dá expressão por meio do corpo. A alma sobrevive à morte porque o espírito a dota de capacidade; por isso, alma e espírito são inseparáveis, apesar de distintos;

3. O espírito humano distingue o homem das demais coisas criadas. Por exemplo, os irracionais possuem vida comum (Gn 1.20,24,25), mas não espírito;

4. O espírito é o canal através do qual o homem pode conhecer a Deus e as coisas inerentes a Seu reino (1Co 2.11; 14.2; Ef 1.17; 4.23). O espírito do homem, quando se torna morada do Espírito Santo, torna-se centro de adoração a Deus (Jo 4.23,24); de oração, cântico, bênção (1Co 14.15); e de serviço (Rm 1.9; Fp 1.27) em relação a Deus.

A alma do homem

A alma é uma entidade espiritual, incorpórea, que pode existir dentro do corpo ou fora dele, como no caso do chamado pelos teólogos Período Intermediário, entre a morte e a ressurreição do corpo. É, por exemplo, o caso das almas mencionadas em Apocalipse 6.9; 20.4,5 e Mateus 10.28.

O corpo do homem

Das três entidades que formam o homem, o corpo é aquela sobre a qual a Bíblia menos fala. A razão disso é óbvia, como todo leitor pode depreender. O corpo humano é o instrumento, o tabernáculo, a oficina do espírito. Ele é o meio pelo qual o espírito se manifesta e age no mundo visível e material. O corpo é o órgão dos sentidos e o elo que une o espírito ao universo material. Pelo corpo o homem pode ver, observar, sentir e apalpar o que está ao seu redor.

As impressões vêm do exterior mediante o corpo, porém elas só têm significado quando reconhecidas e processadas pelo espírito. O cão, por exemplo, possui aguçada visão, mas não consegue distinguir nem interpretar a cada instante as cores que estão à sua frente, porque só tem corpo e este totalmente diferente do corpo do homem (1Co 15.38,39). A consciência, o poder de pensar, querer e amar, e outras faculdades, pertencem exclusivamente ao espírito. Diante disto, entende-se que o espírito seja o agente, enquanto o corpo é a agência.

A Bíblia usa alguns nomes para figurar o corpo do homem quanto à transitoriedade de sua existência e posição que ocupa no plano eterno de Deus. Vejamos, por exemplo:

- a) Casa, ou Tabernáculo (2Co 5.1-4);
- b) Templo (1Co 6.19).

A glória futura do corpo

A crença na ressurreição do corpo como meio de glorificação do mesmo é tão antiga quanto a crença em Deus no Antigo Testamento. No Livro de Jó, segundo os estudiosos, o livro mais antigo da Bíblia, encontramos o patriarca dizendo:

"Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim."
(Jó 19.25-27).

No capítulo 15 de 1 Coríntios, temos o mais rico ensino da revelação divina sobre a ressurreição do corpo dos fiéis de Deus:

- a) A morte será destruída (v. 26);
- b) Receberemos um corpo celestial e glorioso (v. 40);
- c) Receberemos um corpo não mais sujeito à corrupção (v. 42);
- d) Ressuscitaremos com um corpo poderoso (v. 43);
- e) Traremos a imagem do celestial (v. 49);
- f) Seremos revestidos de imortalidade (v. 53).

Ainda na expectativa da ressurreição do corpo, escreveu o apóstolo João:

"Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é." (1Jo 3.2).

TEXTO 3

O HOMEM – IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

Havendo Deus criado todas as coisas de acordo com a Sua vontade e pelo poder da Sua Palavra, no sexto dia da criação Ele criou e a seguir formou o homem; imagem e semelhança Sua o criou (Gn 1.26,27).

Homem – uma definição de Sua essência

A Bíblia diz: “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.” (Gn 2.7).

Homem provém do latim *homo*, palavra que, segundo opinião de alguns filólogos, provém de *humus* = *terra*. No hebraico, língua original do Antigo Testamento, *adam*, nome dado ao primeiro homem, *Adão*, é traduzido por *originado da adamah (terra)*. Isto está de acordo com o que Deus proferiu em virtude da queda do homem: “... tu és pó e ao pó tomarás.” (Gn 3.19).

O homem – “Imagem de Deus”

A expressão “*imagem de Deus*” relacionada ao homem refere-se à sua indelével constituição como ser racional e moralmente responsável por seus atos. A imagem natural de Deus gravada no homem consiste em parte dos seguintes elementos: o poder de movimento próprio e consciente, a razão, a vontade e a liberdade. Neste particular, é bom que se diga algo quanto à distinção entre os homens e os animais.

“O primeiro ponto que serve de distinção entre o homem, como imagem de Deus e os animais irracionais, é a consciência própria. O homem tem o dom de fixar em si mesmo o pensamento, e isto o faz consciente de sua própria personalidade. A faculdade que ele tem de proferir o pronome EU abre um abismo intransponível entre ele e os animais. Nenhum animal jamais pronunciou EU, e a razão é que eles não têm consciência própria.” (Langston, p.37).

Como imagem de Deus que é, apesar dos defeitos nocivos da queda, o homem ainda se distingue dos irracionais:

- a) pelo poder de pensar e concentrar-se em coisas abstratas;
- b) pela lei moral nele inerente, que se evidencia no seu comportamento em busca da perfeição;
- c) pela natureza religiosa que em potencial existe em cada ser humano;
- d) pela consciência do valor da dignidade e alvo principal da vida humana;
- e) pela multiplicidade das atividades humanas, que, conjuntas, visam ao bem comum de todos, indistintamente.

O homem – semelhança de Deus

Dizer que o homem foi criado à “semelhança de Deus” não é o mesmo que dizer que o homem foi criado exata e absolutamente igual a Deus. Não! Primeiro, porque o homem foi feito corpo visível e palpável, enquanto que “Deus é espírito” (Jo 4.24). Segundo, porque homem algum pode alcançar e se tornar detentor em si mesmo da absoluta perfeição do Todo-Poderoso. Pergunta o patriarca Jó: “*Porventura, desvendará os arcanos de Deus ou penetrará até à perfeição do Todo-Poderoso?*” (Jó 11.7). Apesar de toda a limitação como ser criado, o homem foi criado à semelhança de Deus num duplo aspecto, a saber:

1. Semelhança Natural. Intellectualmente o homem se assemelha a Deus porque, se não houvesse conformidade de estrutura mental, seria impossível a comunicação de um com o outro, e o homem não poderia receber a revelação de Deus. O fato de Deus Se manifestar ao homem prova que este pode receber e compreender tal manifestação. O homem é uma pessoa, assim como Deus é uma pessoa, se bem que numa esfera infinitamente superior e a semelhança entre um e outro é relativa e acha-se no espírito; naquilo que o homem é em sua natureza pessoal.

“Assim sendo, a semelhança natural entre Deus e o homem perdura sempre, porque o homem não poderá jamais deixar de ser uma pessoa como Deus o é.” (Langston, p.39)

2. Semelhança Moral. Consiste nas qualidades morais que faziam (e ainda precariamente fazem) parte do caráter do homem. Eclesiastes 7.29 diz que “... Deus fez o homem reto...”. Isto quer dizer que o homem foi criado dotado de relativa perfeição. Todas as suas tendências eram boas. Todos os sentimentos do seu coração inclinavam-se para Deus, e nisto consistia a sua semelhança moral com o Criador. Contudo, tendo

dado lugar ao pecado, comendo da árvore do conhecimento do bem e do mal, o homem ficou condicionado e escravizado ao mal. A semelhança entre o homem e Deus sofreu dano com a queda do homem e foi com o objetivo de restaurá-la que Cristo morreu na cruz. Hoje, graças a isto, milhões de filhos de Deus em toda a terra possuem uma nova identidade com aquEle que os criou.

A semelhança entre o homem e Deus é evidente em outros aspectos, tais como:

- a) uma semelhança triúna: o homem sendo um ser tríplice e Deus sendo um ser triúno (1Ts 5.23);
- b) uma semelhança que inclui a imagem pessoal, pois tanto Deus como o homem possuem personalidade (Êx 3.13,14);
- c) semelhança envolvendo existência interminável (Mt 25.46).

TEXTO 4

O DESTINO DO HOMEM

Não poucos textos do Antigo Testamento giram em torno da questão do destino do homem. Pela forma singular com que o homem foi formado; e por aquilo que as Escrituras mostram a seu respeito, desde a sua criação, verifica-se que ele foi destinado para a vida aqui no mundo, para o amor ao próximo, para domínio da criação e para louvor e a glória de Deus, seu Criador (Is 43.7).

Destinado à vida no mundo

Gênesis 2.7 diz que “... *formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.*”. Isto é, Deus fez o homem não somente como um corpo com alma, com vida; Deus o fez “*vida*” mesmo. O homem está destinado a viver e não a desaparecer com a morte física. Por mais catastrófica que pareça a morte física ao homem, contudo a Bíblia mostra que Deus o

criou como um “ser sempre vivo”. Por isso, alienado de Deus como está por causa da sua incredulidade, o homem deve aceitar Jesus e segui-LO, para que essa sua vida sem fim seja vivida com Cristo, aqui na terra e na eternidade.

Destinado para o amor ao próximo

Deus fez os animais e em seguida formou o homem, porém, não há, definitivamente, qualquer afinidade entre o homem e o animal. Diante disso, viu Deus que não era bom que o homem estivesse só, pelo o que fez-lhe uma ajudadora idônea, alguém com quem ele pudesse partilhar todos os momentos da vida (Gn 2.18). A Bíblia nos mostra que deste então, é perfeitamente do agrado de Deus que o homem venha a casar-se, unindo-se a uma mulher e que também ame a seus semelhantes pelos laços do amor fraterno.

Destinados para o domínio da criação

Ao formar o homem, Deus fê-lo partícipe do Seu plano de governo sobre o Universo; este é o ensino implícito em Gênesis 1.27-30:

“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez.”

O homem foi destinado por Deus a exercer domínio sobre a terra, os mares e o espaço, e isto ele vem fazendo. A Amazônia, por exemplo, por mais agreste que seja, não tem sido obstáculo capaz de fazer o homem recuar na sua sede de conquista, seja abrindo estradas ou explorando as suas riquezas naturais. Os mares, por mais profundos que pareçam, têm sido estudados, investigados e conhecidos pelo homem. O espaço, na sua infinitude, tem sido objeto de arrojados estudos pelo homem, e de grandes conquistas nestas últimas décadas.

Destinado para o louvor a Deus

O salmista Davi, que no salmo 8 mostra a superioridade do homem sobre os seres criados na terra, vai mais além para mostrar que o mesmo homem foi destinado por Deus para o Seu louvor.

“Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo. As aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares. Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra!” (Sl 8.5-9 – ARC).

O salmo 148 mostra como o homem junta-se em coro às demais criaturas para elevar louvor a Deus; isso em todos os povos. Os homens, tão diversos e tantas vezes separados, podem ser unidos no louvor a Jeová. Em Isaías 43.7 Deus fala pelo profeta, dizendo: *“a todos os que são chamados pelo meu nome, e os criei para minha glória, e que formei, e fiz.”*.

Conclusão

Evidentemente, o homem, face a sua pecaminosidade, não tem sido capaz de viver na sua plenitude, vocação para a qual Deus o destinou; porém, graças ao propósito e ao poder da obra realizada por Jesus Cristo na cruz, o homem pode ter restaurada em seu ser a imagem de Deus, que o faz varão perfeito e perfeitamente cômico do privilégio que goza no cumprimento do plano de Deus, no mundo e na eternidade.

TEXTO 5**PROVAÇÃO E QUEDA DO HOMEM**

A liberdade do homem incluía necessariamente o poder de escolher ou recusar tanto o bem, como o mal. Deus colocou Adão no Jardim do Éden, entre outras coisas, para o guardar (Gn 2.15). Isso infere a presença do Mal rondando ali. Mas, Adão foi também avisado e instruído por Deus (Gn 2.16,17) e veio a pecar por escolha e desobediência às ordens de Deus, sendo lançado fora do Éden, com Eva, sua mulher (Gn 3.23,24).

A provação do homem

Deus pôs o livre-arbítrio e a obediência de Adão à prova (Gn 2.16,17; Dt 30.15,17,19,20), visando a conduzir o homem a uma maior perfeição, tornando-o apto a se tornar co-participante das realizações de Deus na terra.

A advertência de Deus no sentido de que o homem não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.17) não tinha um propósito simplesmente proibitivo; visava sobretudo a testar a obediência do homem e a promover o seu crescimento espiritual e moral.

Nenhuma autoridade, de boa fé, estabeleceria leis tendo em mente que elas seriam quebradas, mas, sim, obedecidas, contribuindo, desta forma, para o progresso comum da sociedade sob seu governo.

Se, no mundo, os eletrodomésticos ou outros aparelhos não chegam ao mercado antes de serem rigorosamente testados por técnicos competentes, não poderia ser diferente com o homem, obra-prima de Deus e coroa da Sua criação. As máquinas são inconscientes e nada sabem, mas Adão era sábio e fora instruído.

A queda do homem

Não obstante imperfeito se comparado com a absoluta perfeição de Deus, o homem não estava predestinado à queda e à destruição. Ele caiu como resultado da escolha que fez em desobediência à orientação divina. Poderia ter obedecido a Deus e assim ser confirmado em obediência, mas não o fez, quando por livre e espontânea vontade comeu do fruto expressamente proibido por Deus. Adão pecou sabendo que estava pecando (1Tm 2.14).

Quatro passos para a queda

O primeiro indício da queda de Eva está no fato de ela ter se permitido conversar com Satanás; assim fazendo, ela foi abrindo o coração a ponto de distrair-se, aceitar a insinuação do adversário e desejar tornar-se igual a Deus, portanto, conhecedora do bem e do mal. Esta atitude precedeu os quatro passos para a queda, registrados no capítulo 3 de Gênesis, a saber:

1. Olhou: “Vendo a mulher que a árvore era boa..., agradável aos olhos...” (v. 6);
2. Desejou: ... árvore desejável para dar entendimento... (v. 6);
3. Tomou: ... tomou-lhe do fruto... (v. 6);
4. Comeu: ... comeu... e ele comeu.” (v. 6);

Quanto à advertência de Deus de que morreriam se comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.17), a expressão “morrerás”, usada neste versículo, fala tanto da morte espiritual quanto física. Em ambos os sentidos, esta palavra resume a história do homem desde a sua queda.

Consequências da queda do homem

Dentre as consequências da queda do homem, as mais conhecidas são:

1. Medo e fuga (Gn 3.10);
2. A maldição sobre a serpente (Gn 3.14,15);
3. Os incômodos universais da gravidez e do parto da mulher, inclusive a submissão a seu marido (Gn 3.16);
4. A maldição da terra (Gn 3.17,18);
5. O redobrado labor e sofrimento do homem na aquisição do pão de cada dia, e sua redução ao pó através da morte física (Gn 3.17-19);
6. A perda da natureza inocente (Gn 3.22);
7. Expulsão do jardim do Éden (Gn 3.23);
8. Obstrução do caminho que dava acesso à árvore da vida (Gn 3.24);
9. Morte espiritual (Rm 5.12);
10. Perda da semelhança moral com Deus;
11. Incompatibilidade com a vontade de Deus (Rm 8.7,8);
12. Escravidão ao pecado e ao Diabo (Jo 8.34,44);
13. Existência física reduzida (Jó 14.1).

QUESTIONÁRIO DA LIÇÃO

I. Assinale com "X" a alternativa correta.

- 5.01 Em dizendo "... *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...*", Deus estaria
- ☒ a) evidenciando Sua triunidade.
 - ☐ b) referindo-se à Sua majestade.
 - ☐ c) dialogando com os anjos.
 - ☐ d) Todas as alternativas estão corretas.
- 5.02 O homem é apresentado nas Escrituras como a obra principal criada por Deus, isto é,
- ☒ a) a coroa da Criação.
 - ☐ b) o criador dos demais seres viventes.
 - ☐ c) aquele a quem pertence o mundo.
 - ☐ d) aquele que tem autoridade sobre todas as coisas.

II. Marque "C" para certo e "E" para errado.

- ☒ 5.03 O espírito é a sede da imagem de Deus no homem.
- ☒ 5.04 Das 3 entidades que formam o homem, o corpo é a que a Bíblia menos fala.
- ☒ 5.05 A imagem natural de Deus gravada no homem consiste em parte do poder do movimento autoconsciente, da razão, da vontade e da liberdade.
- ☒ 5.06 Intelectualmente, o homem se assemelha a Deus; se não houvesse conformidade de estrutura mental, o homem não poderia receber a revelação de Deus.
- ☒ 5.07 O homem foi destinado por Deus a exercer domínio sobre a terra, os mares e o espaço, porém, ele nunca teve tempo para dedicar-se a isso.
- ☒ 5.08 O homem, devido à sua pecaminosidade, não tem sido capaz de viver na sua plenitude, vocação para a qual Deus o destinou.
- ☒ 5.09 A expressão "*morrerás*", em Gênesis 2.17, fala tanto da morte espiritual quanto da física.
- ☒ 5.10 A perda da semelhança moral com Deus é uma das consequências da queda do homem.

ANOTAÇÕES

This image shows a single page of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

**"HAMARTIOLOGIA"
A DOCTRINA DO PECADO**

São os mais diversos os conceitos emitidos pelos estudiosos, ao longo da História, acerca da origem do pecado. Irineu, bispo de Lião, na Gália (130-208 d.C), foi talvez, o primeiro dos pais da Igreja antiga, a assegurar que o pecado no mundo se originou da transgressão voluntária de Adão no Éden.

Muitas outras opiniões quanto ao assunto surgiram também. Por exemplo, os gnósticos ensinavam que o contato da alma com a matéria tornava aquela imediatamente pecadora. Esta falsa teoria isentou o pecado do seu caráter voluntário e aético, como apresentado nas Escrituras.

Evidentemente, Deus, na Sua onisciência, já vira a entrada do pecado no mundo, bem antes da criação do homem; porém, evitemos compreender erroneamente este fato. Estudemos os atributos de Deus, bem como o que a Bíblia discorre sobre este particular para não lançarmos sobre Deus a responsabilidade como de do pecado.

Deus é santo (Is 6.3) e não há nEle nenhuma injustiça (Dt 32.4; Sl 92.15). O pecado não teve sua origem na terra, mas no mundo angelical; daí passou a Adão, até que tornou-se um flagelo universal.

O pecado e suas consequências são o assunto que estudaremos ao longo desta Lição.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Origem do Pecado
2. A Natureza do Primeiro Pecado do Homem
3. A Descrição Bíblica do Pecado
4. O Pecado Original e o Pecado Praticado
5. O Pecado e o Crente

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Expor a origem bíblica do pecado;
2. Mencionar o tríplice aspecto da natureza do primeiro pecado do homem;
3. Descrever três particularidades do ensino bíblico do pecado;
4. Definir o que é pecado original e pecado praticado;
5. Assinalar três causas principais do pecado do crente.

TEXTO 1

A ORIGEM DO PECADO

Na Bíblia, o mal moral que assola o mundo, normalmente chamado pelos homens de fraqueza, falha, erro, fracasso, equívoco ou deslize, define-se claramente como pecado, iniquidade, delito, dívida, transgressão, contravenção e injustiça. À luz do ensino geral das Escrituras, o homem é apresentado como pecador e transgressor por natureza. Mas, como adquiriu o homem essa natureza pecaminosa? O que a Bíblia diz acerca disso? Para responder a estas perguntas devemos considerar o seguinte os seguintes aspectos:

1. Deus não é o autor do pecado. Evidentemente, Deus, na Sua onisciência, já vira a entrada do pecado no mundo, bem antes da criação do homem. Porém, deve-se ter cuidado para, ao considerar este assunto, não lançar sobre Deus a causa ou a autoria do pecado. Esta ideia está excluída da Bíblia. Jó 34.10 diz: "... longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-Poderoso o cometer injustiça..". Também em 1 João 1.5 a Bíblia declara: "... Deus é luz, e não há nele treva nenhuma..".

Deus é santo (Is 6.3) e não há nEle nenhuma injustiça (Dt 32.4; Sl 92.15). Tiago diz: "Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta." (Tg 1.13). Deus odeia o pecado e a prova disto é que Ele enviou Jesus Cristo como provisão para destruir o pecado e salvar os homens.

O como, o quando e o onde da origem do pecado estão encobertos por um véu de mistério nas Escrituras. Deus sabe que a compreensão disso em nosso estado atual está além de nossa capacidade e também sabe que a ampla revelação disso, além daquilo que está na Bíblia, traria mal, confusão e desordem à nossa mente. Devemos aspirar "as profundezas de Deus" (1Co 2.10) e não "as profundezas de Satanás" (Ap 2.24). Ler também Dt 29.29.

2. O pecado teve origem no mundo angelical. Se quisermos conhecer a origem do pecado, devemos ir além da queda do homem, descrita no capítulo 3 de Gênesis, e atentar para algo terrível e tenebroso que aconteceu no mundo dos anjos.

Deus criou os anjos como seres dotados de relativa perfeição; porém, Lúcifer e legiões de anjos se rebelaram contra Deus, pelo o que caíram em terrível condenação. O tempo exato dessa rebelião e queda não é dado a conhecer na Bíblia, porém, em

João 8.44, Jesus fala do Diabo como aquele que é homicida desde o princípio; e 1 João 3.8 diz que o Diabo peca desde o princípio.

A Bíblia não revela a época desse “*princípio*”. Bem pouco se diz a respeito do pecado que ocasionou a queda dos anjos. Porém, quando adverte Timóteo para que nenhum neófito seja designado como bispo, “... *para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do Diabo.*” (1Tm 3.6), concluímos que o pecado do Diabo foi a soberba e o desejo de se tornar igual a Deus.

3. A origem do pecado na raça humana. A Bíblia ensina que a origem do pecado na história da raça humana foi a transgressão voluntária de Adão no Éden. Foi por Adão que “*entrou*” o pecado no mundo. O homem deu ouvido à insinuação do tentador de que, se ele se colocasse em oposição a Deus, tornar-se-ia igual a Deus. Tomando do fruto que Deus proibira, Adão caiu, abrindo a porta de acesso ao pecado no mundo. Ele não apenas pecou, como também tornou-se servo do pecado. E assim o pecado foi transmitido a todos os descendentes de Adão.

Vejamos como a Bíblia descreve este triste incidente da história humana:

“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Pois, assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. (Rm 5.12,18,19).”

TEXTO 2

A NATUREZA DO PRIMEIRO PECADO DO HOMEM

De acordo com o relato sagrado, o primeiro pecado do homem consistiu em haver Adão comido da árvore do conhecimento do bem e do mal, em desacato à ordem do Senhor: "... *da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.*" (Gn 2.17).

Não sabemos que tipo de árvore era essa, a do conhecimento do bem e do mal. Pode ter sido uma macieira, uma pereira ou outra árvore frutífera. Certamente não haveria nada de pecaminoso em se comer do fruto dessa árvore se Deus a respeito dela não houvesse dito: "... *da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás...*". Os termos *bem* e *mal* aqui têm alcance muito mais amplo e profundo do que podemos imaginar. O texto bíblico cita estes termos, mas não os detalha. Hoje, *bem* e *mal* são muito "relativos", dependendo da consciência do leitor estar alinhada ou não à Palavra de Deus.

Sua natureza formal

Porque razão a árvore do Éden é chamada "*árvore do conhecimento do bem e do mal*" não nos é declarado na Bíblia.

Qualquer que seja o significado que se dê à árvore do conhecimento do bem e do mal, deve-se ter sempre em mente que a finalidade da sua designação por Deus foi simplesmente a de provar o homem, criado à Sua imagem e semelhança. Adão deveria ser resoluto em submeter-se à vontade de Deus, de modo incondicional.

Sua natureza material

A essência do pecado de Adão consistiu no fato de se opor a Deus, recusando submeter-se à Sua vontade e impedindo que Deus determinasse o curso da sua jornada. Adão tomou as rédeas da sua vida das mãos de Deus, determinando o seu futuro por si mesmo. O homem, deste modo, separou-se de Deus como se nada Lhe devesse. Com sua atitude, Adão estava como que levantando os punhos para Deus e dizendo: "*Eu não preciso mais de ti.*".

Sua natureza universal

Ainda que muitos tenham opiniões diferentes quanto à natureza do pecado e, de igual modo, quanto à sua origem, bem poucos negam o fato de que o pecado é um tormento no coração do homem, em todos os quadrantes da terra. Seja em grandes cidades, como São Paulo, Nova Iorque e Tóquio, ou nas mais esquecidas aldeias do interior da África, o pecado é um flagelo incessante.

A própria história das religiões testificam da universalidade do pecado. A pergunta de Jó 25.4: *“Como, pois, seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce de mulher?”* é feita tanto por aqueles que conhecem a revelação de Deus, quanto por aqueles que a ignoram.

Quase todas as religiões dão testemunho do conhecimento universal do pecado, e da necessidade de reconciliação com um Ser superior. A voz da consciência acusa o homem diante do seu fracasso em alcançar o ideal da vida perfeita.

Os mais antigos filósofos gregos, em sua luta contra o problema do mal, foram levados a admitir a universalidade do pecado, ainda que incapazes de explicar esse fenômeno.

A universalidade do pecado está registrada em muitas passagens da Bíblia. Destacamos as seguintes: Gênesis 6.5; 1 Reis 8.46; Salmos 53.3; 143.2; Provérbios 20.9; Eclesiastes 7.20; Isaias 53.6; 64.6; Romanos 3.1-12,19,20,23; 5.12; Gálatas 3.22; Tiago 3.2,8,10.

TEXTO 3

A DESCRIÇÃO BÍBLICA DO PECADO

Dada a importância do assunto de que trata este Texto, tendo em vista os falsos conceitos do pecado, chamamos a atenção para as particularidades do ensino bíblico apresentadas a respeito, a seguir.

O pecado é uma classe específica de mal

Comparativamente, o que ouvimos e lemos hoje sobre o mal, em geral, ultrapassa em muito o que ouvimos e lemos a respeito do pecado; isto, talvez, devido à opinião comum de que mal e pecado são a mesma coisa. Porém, é bom lembrar que nem todo mal é pecado. O pecado não deve ser confundido, por exemplo, com o mal físico sob a forma de prejuízos e calamidades. O pecado é a causa do mal, enquanto que o mal é o efeito do pecado.

Os termos bíblicos para designar o *pecado* são diversos, mas, em geral, ele é apresentado como *fracasso*, *erro*, *iniquidade*, *transgressão*, *contravenção*, *delito*, *ofensa*, *dívida*, *ausência da lei* e *injustiça*. A característica principal do pecado, em todos os seus aspectos, é que ele é cometido, primeiramente, contra Deus, conforme mostram as seguintes referências: Salmos 51.4, Romanos 8.7 e Lucas 15.18.

O pecado tem sempre relação com Deus

É impossível ter-se um conceito correto do pecado sem vê-lo à luz da pessoa de Deus e Sua vontade, pois é compreendendo-o assim que ele é interpretado como "falta de conformidade com a lei de Deus". Esta é a definição formal mais correta do pecado.

As passagens seguintes mostram claramente que as Escrituras consideram o pecado em relação a Deus e à Sua lei, contrariando-os.

"Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem." (Rm 1.32).

"se, todavia, fazeis aceção de pessoas, cometeis pecado, sendo arguidos pela lei como transgressores." (Tg 2.9).

O pecado inclui tanto a culpa como a corrupção da pessoa

A culpa é um estado em que a pessoa sente o merecimento do castigo pela violação de uma lei moral. Ela expressa também a relação que o pecado tem com a justiça e com o castigo da lei. Possui significado duplo, pois a culpa tanto denota a qualidade própria do pecado, como denota a culpabilidade que nos faz dignos do juízo e do castigo divinos. O renomado teólogo R. L. Dabney fala deste último aspecto como “culpa potencial”. A culpa pode ser removida por meio de um substituto, mediante a satisfação das exigências da lei divina (Mt 6.12; Rm 3.19; 5.18; Ef 2.3).

Corrupção é a contaminação inerente a cada pecador; é uma realidade na vida de todo indivíduo. Todo aquele que é nascido de Adão tem em si a natureza manchada pelo pecado (Jó 14.4; Jr 17.9; Mt 7.15-20; Rm 8.5-8; Ef 4.17-19).

O pecado tem lugar, primeiramente, no coração

O pecado não reside em nenhum outro lugar, senão no coração, o âmago da alma, de onde flui a vida. O coração de que fala a Bíblia é o centro das influências que põem em operação o intelecto, a vontade e os afetos. Em seu estado pecaminoso, o coração torna o homem objeto do desagrado de Deus.

Sobre o coração como invólucro do pecado escreveu o profeta Jeremias: *“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?”* (Jr 17.9). Ler Provérbios 4.23; Mateus 15.19,20; Lucas 6.45 e Hebreus 3.12.

TEXTO 4

O PECADO ORIGINAL E O PECADO PRATICADO

O “pecado original”

O estado pecaminoso em que nasce o ser humano é definido teologicamente como “pecado original”. Segundo Berkhof, ele é chamado assim porque

- “1. se deriva de Adão, o tronco original da raça humana;
2. está presente na vida de cada indivíduo desde o momento do seu nascimento, pelo que não pode ser considerado como resultado de simples imitação;
3. é a raiz interna de todos os pecados atuais que maculam a vida do homem.”

(Berkhof, p.78)

Devemos, porém, evitar o erro de pensar que o termo “pecado original” implique que este pecado integrasse a constituição original da natureza humana. Isto equivaleria a dizer que Deus criou o homem como pecador, o que é absolutamente herético.

Dentre os vários elementos constitutivos do “pecado original”, distinguimos, para efeito de estudo, estes dois aspectos:

1. A Culpa Original. A palavra *culpa*, com relação ao pecado original, expressa a *relação que a justiça tem com o pecado*, e, como diziam os teólogos mais antigos, *a relação que o pecado tem com a pena da Lei*. Adão respondeu por sua própria culpa, mas a natureza adâmica pecaminosa, propensa ao pecado, afetou sua descendência.

2. A Corrupção Original. A corrupção original do homem inclui a ausência da justiça original e a presença da propensão ao mal em todo ser humano. É a tendência da natureza decaída, herdada de Adão, que condiciona o homem para pecar.

O “pecado praticado”

O pecado se originou num ato de livre vontade de Adão como representante da raça humana; uma transgressão da lei de Deus e uma corrupção da natureza humana, que deixou o homem exposto ao juízo e ao castigo divinos. É esta natureza humana corrompida, herdada de Adão, a fonte de onde flui todos os pecados praticados.

“Pecados praticados” são os atos externos pecaminosos, executados por meio do corpo. São também todos os maus pensamentos conscientes e igualmente palavras e atitudes pecaminosas. São os pecados individuais, de fato.

O pecado original é um só, enquanto que o pecado praticado desdobra-se em diferentes classes, incluindo pensamentos, atos e atitudes.

O que o apóstolo João escreveu em sua primeira epístola universal pode nos ajudar a compreender a diferença entre “pecado original” e “pecados praticados”.

“Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça.”
(1Jo 1.8,9 – ARC).

A palavra “*pecado*”, no singular, citada no versículo 8, é uma referência precisa e direta ao pecado original, ou seja, à natureza decaída do homem, enquanto que a palavra “*pecados*”, no plural, citada no versículo 9, refere-se ao pecado praticado, no nosso dia-a-dia.

A classificação dos pecados praticados

É impossível classificar todos os pecados praticados, pois, variam de classe e de grau, e podem diferenciar-se em mais de um aspecto. Os católicos romanos fazem uma bem conhecida distinção entre pecados veniais e pecados mortais, porém eles mesmos não identificam com clareza a distinção entre pecado venial e mortal.

A mais extensa lista de diferentes classes de pecados mencionados na Bíblia é a apresentada pelo apóstolo Paulo na Epístola aos Gálatas:

“Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam.” (Gl 5.19-21).

Cada uma dessas classes abarca uma infinidade de pecados. O Novo Testamento determina a gravidade do pecado de acordo com o grau de conhecimento que se tenha a respeito dele. Os gentios, vivendo no pecado porque não conhecem a Deus, são culpados, sim, aos olhos dEle; porém, aqueles que já abraçaram o Evangelho e têm a revelação de Deus, são muito mais culpados quando pecam. Com isto concordam passagens bíblicas, como: Mt 10.15; Lc 12.47,48; Jo 19.11; At 17.30; Rm 1.32; 2.12; 1Tm 1.13,15,16.

O pecado pode ser tanto por comissão como por omissão. Isto quer dizer que, aquele que não faz o bem que deveria fazer é tão pecador diante de Deus quanto aquele que derrama o sangue do seu próximo.

TEXTO 5

O PECADO E O CRENTE

A luz divina, que agora está no crente, fá-lo ver e entender a malignidade, a gravidade e as consequências do pecado, o que não acontece com o incrédulo, que vive nas trevas espirituais.

O significado e a gravidade do pecado são compreendidos pelo crente mais do que por qualquer outra pessoa. Ao longo de toda a narrativa bíblica, o crente é advertido contra o “... pecado que tão de perto nos rodeia...” (Hb 12.1 – ARC) e a caminhar para o alvo, que é a semelhança da estatura e perfeição do Senhor que o comprou com o Seu

precioso sangue. Por isso, ao ouvido de cada crente, hoje, deve continuar a soar a advertência solene do Mestre: "... vai e não peques mais." (Jo 8.11).

Está o crente sujeito a pecar?

A descoberta de que após aceitarmos a Jesus como Salvador e sermos novas criaturas e ainda assim estarmos sujeitos a pecar é uma grande lição preventiva para o crente evitar o pecado.

Infelizmente, é possível o crente pecar. A Bíblia expõe este inditoso fato, bem como o dia-a-dia do crente. Só no Novo Testamento há capítulos inteiros, como, por exemplo Romanos capítulos 7 e 8, que mostram o conflito interior do crente entre a natureza divina que nele habita e a sua natureza humana pecaminosa, mostrando a possibilidade do crente vir a pecar, se deixa de vigiar e de depender do poder vencedor de Cristo. Vem ao caso citarmos outra vez 1 João 1.8,9 (ARC).

"Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça".

Mostramos no Texto anterior que "pecado", no singular, citado no versículo 8, é uma referência direta à natureza decaída do homem, donde provêm todos os "pecados", no plural, citado no versículo 9. É evidente, portanto, que o crente possui duas naturezas: a pecaminosa, propensa ao pecado, e a divina. Esta última é implantada no crente através da sua união e comunhão com Cristo, a Videira Verdadeira, sobre a qual fala João 15. Enquanto a primeira natureza estiver vencida, dominada e subjugada pelo crente, este prosseguirá de vitória em vitória. É pelo Pai, pelo Filho, e pelo Espírito que o crente sempre triunfa (Gl 5.24; Rm 8.2,13; Jo 14.23).

Qual a causa do pecado do crente?

São muitas as causas que podem levar o crente a pecar, porém, vamos citar apenas as três principais, e também mais conhecidas, que são:

1. A nossa natureza pecaminosa (Rm 7.21-25).
2. O mundo que está sob o domínio de Satanás (1Jo 2.15-17; 5.19).
3. Falta de oração e de cuidadoso estudo das Escrituras (Ef 6.10-18).

O crente que relaxa no hábito da oração e da leitura e estudo da Bíblia incorre em sérios riscos espirituais, podendo se tornar presa fácil do adversário.

Quais as consequências do pecado conhecido e tolerado na vida do crente?

Dentre as muitas consequências do pecado na vida do crente, vale destacar as seguintes:

- a) A perda da comunhão com Deus (1Jo 1.5,6; Sl 51.11);
- b) Motivos para os incrédulos blasfemarem de Deus (2Sm 12.14);
- c) Perda do galardão (1Co 3.13-15);
- d) Possível morte prematura (At 5.1-11; 1Co 11.30);
- e) Dar mau exemplo a todos (1Co 8.9,10);
- f) Endurecimento do coração (Hb 3.13).

Como o crente deve lidar com o pecado?

Quanto ao crente enfrentar o pecado, a Bíblia ensina que ele deve:

- 1. reconhecê-lo (Sl 51.3);
- 2. evitá-lo (1Tm 5.22);
- 3. detestá-lo (Jd v. 23);
- 4. resisti-lo com confiança em Deus (Tg 4.7,8);
- 5. confessá-lo e, ao mesmo tempo, buscar o perdão de Deus (1Jo 1.9);
- 6. abandoná-lo (Pv 28.13).

O apóstolo João escreveu: *"Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo."* (1Jo 2.1).

QUESTIONÁRIO DA LIÇÃO

I. Assinale com “X” a alternativa correta.

- 6.01 Deus, em Sua onisciência, já vira a entrada do pecado no mundo, bem antes da criação do homem. O raciocínio correto quanto a esse fato é o de que
___ a) Deus poderia ter evitado que o homem pecasse.
___ b) Deus seria o autor do pecado.
X c) “... longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-Poderoso o cometer injustiça”.
___ d) Deus teria dominado a serpente.
- 6.02 O pecado teve sua origem
___ a) no fruto que Adão ingeriu.
___ b) em Adão e Eva.
X c) no mundo dos anjos.
___ d) Todas as alternativas estão corretas.

II. Marque “C” para certo e “E” para errado.

- C 6.03 Qualquer que seja o significado que se dê à árvore do conhecimento do bem e do mal, deve-se ter sempre em mente que a finalidade da sua designação por Deus foi simplesmente de provar o homem.
- C 6.04 A essência do pecado de Adão consiste no fato de que ele se colocou em oposição a Deus, recusando-se a submeter-se à Sua vontade.
- E 6.05 A característica principal do pecado é que ele é sempre cometido, primeiramente, contra a própria pessoa.
- C 6.06 O pecado afeta o ser humano no seu todo, alojando-se no âmago da alma da pessoa.
- E 6.07 A condição pecaminosa em que nasce o ser humano é definida, teologicamente, como “pecado praticado”.
- E 6.08 Aos atos praticados por meio do corpo, bem como os maus pensamentos e palavras pecaminosas, chamamos “pecado original”.
- E 6.09 O crente em Cristo Jesus jamais peca.
- C 6.10 O crente que se descuida do hábito da oração e da leitura da Bíblia torna-se presa fácil do Adversário.

**"SOTERIOLOGIA"
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO**

Nesta Lição e na próxima, estudaremos a doutrina-chave da Bíblia: a Doutrina da Salvação. Nos círculos teológicos, esta doutrina é chamada "Soteriologia", termo baseado em duas palavras gregas: *soteria*, significando *salvação* ou *libertação*, e *logia*, significando *discurso* ou *tratado*. Assim, *soteriologia* é o *tratado da salvação*.

Iniciaremos o estudo desta Lição focalizando a providência salvadora. Continuando, abordaremos os aspectos da provisão de Cristo para a salvação do homem, através de Sua morte na cruz e de Sua ressurreição. Também trataremos dos esforços da parte de Deus quanto à experiência da conversão do pecador, observando especialmente o significado das palavras: *conhecer de antemão*, *predestinar*, *chamar* e *eleger*.

Na sequência, estudaremos atos que envolvem a conversão para a salvação, o que envolve o arrependimento e quando ele ocorre, e o que é, segundo as Escrituras, a fé que salva.

Por fim, estudaremos a justificação, que é a declaração de Deus de que as exigências da Lei foram cumpridas na justiça de Seu Filho, e a base da justificação que é a morte de Cristo.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Providência Salvadora
2. Quatro Aspectos da Provisão de Cristo Quanto à Salvação
3. O Lado Divino da Conversão do Pecador
4. A Participação do Homem na Conversão
5. A Justificação

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Citar qual é a fonte de salvação, na provisão de Cristo;
2. Listar os aspectos da provisão divina quanto à salvação;
3. Explicar a diferença entre os grupos quanto à questão do recebimento da salvação;
4. Dizer no que consiste a salvação do homem;
5. Descrever o que é justificação.

TEXTO 1

A PROVIDÊNCIA SALVADORA

O pecado do homem

Começamos nosso estudo sobre o que a Bíblia ensina a respeito da salvação explicando quem é que necessita da salvação e por quê (Rm 3.23). Entre os porquês temos:

1. A Depravação Total. A raiz do problema que o homem enfrenta é a sua própria natureza pecaminosa, herdada de Adão (Sl 51.5; Jr 17.9; Rm 7.18).



2. A Culpa Universal. No Antigo Testamento, vemos que Salomão observou que não havia homem algum que não necessitasse da salvação (Ec 7.20), e no Novo Testamento, o apóstolo Paulo fez a mesma observação (Rm 3.10).

3. A Culpa de Adão. Agostinho, um dos “Pais da Igreja”, propôs uma teoria em que afirmava que todos os homens são culpados diante de Deus por causa do pecado cometido por Adão. Esta teoria foi mais tarde enfatizada por Calvino, que a introduziu na teologia evangélica. Em oposição a esta teoria, a Bíblia afirma que o homem dará conta a Deus (Rm 14.12).

Aspectos e tipos da graça de Deus manifesta ao homem

A graça de Deus é um dos temas predominantes em toda a Bíblia e envolve dois aspectos: o favor imerecido de Deus, por Ele expresso a todos os pecadores, e o poder divino que refreia o pecado, atrai os homens a Deus e regenera os crentes. Citamos três tipos da graça de Deus manifesta aos homens:

Graça por Graça: Não deve se confundir a graça de Deus como uma “obrigação divina”. É somente o profundo amor de Deus que O constrange a providenciar a salvação e até a convencer o homem a aceitá-la. Ler João 1.16.

Graça Comum: Devido à sua natureza depravada, o homem é incapaz de, por si mesmo, procurar agradar a Deus. Por este motivo, Deus tem concedido “graça comum”. Esta “graça comum” não salva automaticamente o homem, mas revela-lhe a bondade de Deus.

Graça Especial: A “graça comum” concede a cada homem a capacidade de buscar a Cristo. À medida que o homem responde afirmativamente à graça que o atrai a Deus, ele é beneficiado por uma “graça especial”, que o ajuda a chegar cada vez mais perto dEle. Entretanto, esclarecemos que esta graça especial não garante a decisão da parte do homem, quanto à sua comunhão com Deus.

Enquanto continuar a responder afirmativamente à graça de Deus, o homem será o agente pelo qual receberá a justificação (Tt 3.7), a regeneração (Jo 3.3), a santificação (At 26.18) e a segurança em Deus (1Pe 1.5).

A provisão de Cristo

Na provisão de Cristo, vemos que a fonte da nossa salvação é a graça de Deus, mas não se deve confundir graça com tolerância, pois Deus é amor, mas é também justiça e santidade. Então, como pode Deus ser justo e ainda salvar pecadores? A resposta está no fato de que Deus não desculpou o pecado, antes o removeu, quando ofereceu a Si mesmo como um cordeiro (Is 53).

No Antigo Testamento, ao oferecer um sacrifício pelo pecado, colocava-se as mãos na cabeça da vítima, transferindo simbolicamente os pecados para o animal substituto (Êx 29.10; Lv 1.1-5; Nm 8.12). Semelhantemente, Cristo carregou o fardo do pecado da humanidade (Is 53.10,11).



Durante o sacrifício era feita a imolação do cordeiro, que representava a sua vida em substituição à vida do ofensor. Do mesmo modo, Cristo tornou-se o sacrifício expiatório em favor do mundo (Rm 5.8). O passo final era cozinhar parte da carne, que então era consumida pelo ofensor. A participação no sacrifício indicava que o ofensor tinha restabelecido a sua comunhão com Deus (Hb 10.19,20).

A extensão da provisão divina

Durante séculos a Igreja tem argumentado sobre a pergunta: “Por quem Cristo morreu?”. Se alguém responde: “Pelo mundo inteiro”, outro pode objetar: “Então por que todos os homens não são salvos?”. Se alguém responde: “Ele morreu somente pelos eleitos, os quais Deus sabe que crerão”, alguém alegará que Deus, por esta razão, não é justo, uma vez que nem todos os homens têm, obviamente, possibilidade de serem salvos. Examinemos como as Escrituras respondem a esta pergunta:

a) A provisão divina pelo mundo. A Bíblia ensina enfaticamente que a redenção de Cristo é suficiente para todos os homens (2Co 5.14; Hb 2.9; 1Jo 2.2).

b) A provisão divina especial pelos que creem. Mesmo as múltiplas promessas mostrando que Cristo morreu pelo mundo inteiro, há um sentido em que a expiação é uma provisão divina feita especialmente por aqueles que creem em Cristo (1Tm 4.10). Cristo é a provisão de Deus para a salvação de todos os homens, mas esta salvação é aplicável somente àqueles que nEle creem. Ler 2 Coríntios 5.18-20; Mateus 20.28; João 11.51,52; 15.13; Tito .14.

c) Alguns, pelos quais Ele morreu, perecerão. Em resposta àqueles que creem que a propiciação efetuada por Cristo salvará todos os homens, basta observar que a Bíblia declara que existem aqueles por quem Cristo morreu e que não obterão a vida eterna. Entre estes estão os que aceitam a expiação e depois a rejeitam, e também aqueles que recusam aceitá-la. Observemos esses dois grupos lendo 1 Coríntios 8.11 e 2 Pedro 2.1.

A provisão salvífica, efetuada na cruz, sozinha, sem fé, não pode garantir a chegada de ninguém no céu. Por outro lado, fé, sem propiciação, não tem efeito.

TEXTO 2

QUATRO ASPECTOS DA PROVISÃO DE CRISTO QUANTO À SALVAÇÃO

Dedicamos esta parte do texto ao exame dos dois grandes eventos: a morte de Cristo e Sua ressurreição. Ao estudá-los, encaremo-los como a provisão de Cristo para a salvação do mundo, considerando quatro aspectos diferentes desta salvação:

1. Substituição; 2. Ressurreição; 3. Reconciliação; 4. Redenção.

São quatro pontos de vista inter-relacionados dos mesmos eventos. Mesmo assim, cada conceito tem uma ênfase específica que ensina uma verdade valiosa a respeito da provisão que Deus fez para salvação.

Ao enfatizarmos a substituição, ressaltaremos a culpa do homem, que quebrou a Lei de Deus. Estudando a reconciliação, contemplaremos a cruz como o meio para se vencer a inimizade que existia entre Deus Santo e o homem pecador. Finalmente, ao falar da redenção, ressaltaremos a libertação da humanidade da escravidão do pecado.

Substituição: o problema da culpa do pecador

A Bíblia não deixa dúvida alguma quanto à exigência de Deus para a salvação, que é perfeita retidão (Lv 18.5; Ez 18.5-9; Mt 19.17). Sendo o homem condenado à morte por causa do pecado, a solução para esta situação crítica é a substituição vicária de Cristo, que satisfaz a penalidade da Lei mediante Sua morte.

A penalidade pela culpa do homem não somente o exclui do céu por causa do seu pecado como sentenciava-o à morte (Ez 18.4). Alguns erroneamente pensam que Deus aboliu a necessidade da realização da penalidade ou aboliu a dívida do pecado. Mas Deus não apagou a dívida simplesmente: Ele mesmo pagou essa dívida na pessoa do Seu Filho, Jesus Cristo. Desta maneira, voltou-se à única solução possível: Seu Filho, que morreria vicariamente no lugar de todos os homens.

A Bíblia diz que: *“Aquele que não conheceu pecado, ele (o Pai) o fez (Cristo) pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.”* (2Co 5.21). Não quer isto dizer que Cristo tornou-Se pecador, mas, sim, explica que tomou sobre Si a plena responsabilidade pelos nossos pecados (Hb 9.28, Hb 2.9; Is 53.6; 1Pe 3.18). Visto que o homem é insuficiente para salvar-se, a morte vicária de Cristo satisfaz as exigências da Lei quanto à morte pelo pecado.

Ressurreição: o problema da “morte espiritual” do pecador

Sem ressurreição, a cruz teria feito de Cristo o maior mártir do mundo. Mas a cruz, com a ressurreição, fez dEle o único Salvador do mundo, pois, somente o poder da ressurreição poderia levar os homens a alcançarem esta nova vida (1Pe 1.3).

A Bíblia não promete que os crentes serão poupados da morte física. O que a Bíblia promete mesmo é a vitória final sobre a morte. A ressurreição de Cristo é a garantia da vitória sobre a morte (1Co 15.26,55,57).



Reconciliação: o problema da alienação do pecador

A razão fundamental em reconciliar o homem com Deus não era o ódio de Deus contra o homem, mas, sim, contra o pecado do homem. Deus nunca cessou de amar o homem e a prova disto é que Ele mesmo providenciou a solução para o restabelecimento da comunhão com a humanidade (Rm 5.8,10; 2Co 5.19).

A obra da reconciliação entre Deus e o homem foi completada no momento da morte de Cristo, quando exclamou: “*Está consumado*” (Jo 19.30). Entretanto, o fato da obra de Cristo na cruz garantir provisão para a reconciliação não significa que todos os homens estejam bem com Deus. Este processo de reconciliação não depende exclusivamente de Deus, mas também da disposição do homem de se reconciliar com Ele (2Co 5.20).

E quanto aos santos do Antigo Testamento? Eles foram reconciliados com Deus? A resposta encontra-se achada na palavra *kafar* do Antigo Testamento, que significa *cobrir*, e que é traduzida por *expiar*. Outra palavra importante referente à reconciliação é a palavra grega *hilascomai*, traduzida por *propiciação*, no Novo Testamento. Esta palavra significa *reconciliar* ou *aplarar*, *propiciar*.

Redenção: o problema da escravidão do pecador

A redenção abarca a substituição, a ressurreição e a reconciliação. No Antigo Testamento, a base da redenção tem sua origem no conceito de resgate (Lv 25.51). O conceito central de redenção é, pois, libertar alguém pagando o preço do seu resgate. O Novo Testamento descreve a redenção em termos da compra de um escravo no mercado de escravos.

O crente vive no meio de um campo de batalha espiritual. Em Cristo, já não estamos escravizados do poder de Satanás, mas devemos estar alertas quanto aos ataques do inimigo, e a melhor defesa contra ele é o uso constante da armadura de Deus (Ef 6.11-17).



O preço da redenção do pecador

O amor de Deus o levou a dar seu filho Jesus como pagamento da redenção da queda do homem. Salmos 49.7,8 diz que nenhum homem pode pagar o resgate da alma do seu semelhante, mas a morte de Cristo foi suficiente para salvar todos os homens (2Co 5.14; Hb 9.12,28; 7.27; 10.10).

A Bíblia se refere como o preço da redenção o derramamento do sangue de Cristo (At 20.28; Ef 1.7; 1Pe 1.18,19). A palavra *sangue* é sinônimo de *vida* no contexto da oferta de sacrifícios vicários (Lv 17.11). Sem derramamento de sangue não poderia haver remissão para os nossos pecados (Hb 9.22). A prova de que Cristo satisfaz o preço da redenção é visto na resposta imediata do céu (Lc 23.45).

A aplicação da redenção à vida do crente deve ser manifesta na atitude de se odiar o pecado e de se apegar firmemente à retidão (1Pe 1.14, 18; 1Co 6.20 – ARC).

TEXTO 3

O LADO DIVINO DA CONVERSÃO DO PECADOR

Neste texto estudaremos os esforços da parte de Deus quanto à experiência da conversão do pecador, observando especialmente o significado das palavras: *conhecer de antemão* (*presciência*), *eleger*, *predestinar* e *chamar*.

A presciência de Deus

Presciência é o aspecto da onisciência relacionado com o fato de Deus conhecer todos os eventos e possibilidades futuros. A palavra no Novo Testamento traduzida por *presciência* (ou: *conhecer de antemão*) é *prognosis*, da qual deriva a palavra *prognóstico*, em português. Significa *saber antes* (*pro* = *antes*; *gnosis* = *saber ou conhecer*). Ler Daniel 2,7; Isaías 44.26-28; 45.1-7; Mateus 11.21.

Relacionando com as escolhas do homem, a presciência divina não afeta as decisões do homem e nem seu livre-arbítrio. A presciência de Deus não deve causar confusão mas, sim, confiança. Presciência é uma garantia da certeza de que os planos e propósitos de Deus para a Igreja nunca serão frustrados (At 2.23; 26.5; Rm 3.25, 8.29, 11.2; 1Pe 1.2,20; 2Pe 3.17).

A eleição

Eleição é uma das palavras mais comuns na Bíblia, mas tem sido frequentemente mal interpretada, de modo que os crentes tendem a evitá-la. A eleição não significa

que Deus escolhe alguns para serem salvos e outros para serem perdidos, sem qualquer participação das pessoas nessa escolha. Examinemos o significado verdadeiro da *eleição*.

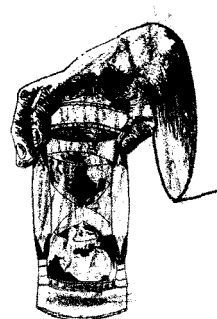
A palavra *eleição* significa *escolha*. Esta palavra foi usada no Antigo Testamento para descrever a escolha que Deus fez de alguns indivíduos, de algumas famílias e da nação de Israel para privilégios especiais ou propósitos divinos. É empregada primeiramente para descrever a escolha que Deus fez de Cristo para a tarefa de consumir a salvação, mas também Sua escolha dos que estão “*em Cristo*” para salvação.

No que diz respeito à salvação, eleição é a escolha da parte de Deus de homens para a salvação e privilégios, baseada na escolha que, inicialmente, eles fizeram de viver com Deus.

A Predestinação

A predestinação é uma das doutrinas mais consoladoras da Bíblia, quando devidamente entendida. Sua essência jaz no fato de que Deus tem um plano geral e original para o mundo e que Seus propósitos nunca serão baldados.

Na definição de predestinação, é necessário entendermos em primeiro lugar o que ela não é. Certamente não é uma manipulação de faculdade de escolha do homem. A predestinação nunca predetermina as escolhas do homem, mas, sim, preordena as escolhas de Deus no que concerne ao Seu relacionamento com as inclinações, necessidades e escolhas do homem (Rm 8.28,29; Ef 1.5,11,12).



O Chamamento

Deus jamais força pessoa alguma a aceitá-LO, mas, certamente, convida todos os homens a receberem a salvação. Este convite inclui o dom da graça e o poder do Espírito Santo para convencer, que ajudam o homem na decisão pela sua salvação. Os atos da graça divina mediante os quais Deus concede e ajuda o homem a receber a salvação são conhecidos como “o chamamento de Deus” (Rm 8.28).

É importante compreender que o chamamento de Deus à salvação é tanto universal quanto resistível. Há três argumentos das Escrituras que descrevem a universalidade do chamamento de Deus ao pecador, a saber:

1º. Argumento. Declara que Deus deseja que todos os homens sejam salvos. Ele não força a decisão do homem, mas Seu próprio desejo é que o mundo Oreceba (2Pe 3.9).

2º. Argumento. Envolve a natureza universal do chamamento divino, conforme se percebe no mandamento de Cristo no sentido de evangelizar o mundo inteiro. Os crentes são conclamados a “proclamar” o Evangelho ao mundo inteiro e “persuadir” os homens a aceitá-lo (Mc 16.15; 2Co 5.11).

3º. Argumento. A natureza universal do chamamento de Deus é revelada no “convite da Escritura” (Is 55.1; Mt 11.28). Embora o chamamento de Deus seja dirigido a todos os homens, estes não são obrigados a aceitá-lo; pode ser resistido.

Cooperando com Deus na salvação

Os crentes evangélicos formam dois grupos quanto à questão do recebimento da salvação. As teorias destes dois grupos podem ser chamadas de “determinismo” e “livre arbítrio”.

1. O Determinismo. O evangélico que aceita o “determinismo” (ou predeterminação) crê que Deus predetermina quem será salvo e quem será condenado, sem qualquer escolha da parte do homem quanto àquela decisão. A salvação, portanto, é uma consequência inteiramente da graça de Deus. A fé expressa, não como uma decisão da parte do crente, mas, sim, como uma resposta irresistível do homem à atuação de Deus sobre o seu espírito para a salvação.

Para aqueles que aceitam o “determinismo”, a “presciência” é simplesmente “amor de antemão” e a eleição é baseada inteiramente na própria vontade soberana de Deus, independente dos atos do homem seja ele “eleito” ou “condenado”.

Os deterministas também acreditam que a predestinação é mais do que o planejamento de antemão por Deus dos seus próprios atos. Acreditam também que Deus decreta de antemão todo evento e decisão que ocorre na terra na vida dos homens. Aqueles que aceitam o “determinismo” são geralmente chamados calvinistas, conforme o nome do proponente mais famoso desta teoria – João Calvino.

Deve-se tomar cuidado para fazer distinção entre erros de doutrina que afetam a base da salvação e os erros que apenas afetam a prática do Cristianismo. Os que sustentam o ponto de vista determinista não são hereges, mas não são, tampouco, corretos na sua interpretação da Bíblia.

2. O Livre-Arbítrio. Resumidamente, esta teoria afirma que todos os atos de Deus com o homem, inclusive a eleição e a predestinação, estão baseados nas decisões que os homens fazem conforme seu próprio livre-arbítrio. Deus é soberano, mas criou o homem com o livre-arbítrio. O homem, por causa do pecado, não pode responder de modo positivo a Deus, mas Ele graciosamente lhe restaurou esta capacidade.

Aqueles que aceitam o "livre-arbítrio" creem que a todo homem é concedida a oportunidade de buscar a Deus.

Concluindo, a eleição é a escolha que Deus faz do homem baseada na escolha que o homem faz de Deus, ao passo que a predestinação é limitada ao plano predeterminado dos atos de Deus, não predeterminando as escolhas do homem. O chamamento de Deus é idêntico para cada homem. Aqueles que fazem a escolha de atender ao Seu chamamento, conforme seu próprio livre-arbítrio, podem, semelhantemente, rejeitar esta salvação em qualquer tempo da sua vida.

O LADO DIVINO	O DETERMINISMO	O LIVRE-ARBÍTRIO
A Presciência	Simplemente amor de antemão.	O conhecimento de Deus, de antemão.
A Eleição	Baseado inteiramente na vontade de Deus.	Baseado na presciência da decisão do homem.
A Predestinação	Decreto de antemão de todos os eventos e decisões.	Decreto de antemão somente dos atos de Deus.
O Chamamento	Dirigido só às pessoas pré-escolhidas.	Dirigido a todos os homens.

TEXTO 4

A PARTICIPAÇÃO DO HOMEM NA CONVERSÃO

Salvação é obra de Deus para o homem; não obra do homem para Deus. Como já vimos, o homem é completamente incapaz de agradar a Deus por si próprio, pois leva sobre si a sentença da “morte espiritual”. Deus tomou a iniciativa da redenção, efetuando a provisão para a salvação, pela morte e ressurreição do Seu Filho. Neste texto estudaremos o significado de conversão, arrependimento e fé.

O que é conversão?

A palavra *conversão* literalmente significa *virar-se para a direção oposta*. Na Bíblia, esta palavra é usada para descrever a mudança total que ocorre na vida da pessoa que abandona o pecado e entrega Sua vida a Cristo (1Ts 1.9).

Da definição *arrependimento + fé = conversão*, vemos que a conversão envolve dois atos:

1. Dar as costas ao eu e ao pecado, o que chamamos “arrependimento”, isto é, abandonar algumas coisas para seguir a Cristo como Salvador (At 14.15, 26.18; Ez 18.30);

2. O homem crer (fé) em Deus, voltando-se para Ele e abraçando a vida eterna (At 26.20; Mt 7.14 e 1Ts 1.8,9).

A conversão para a salvação consiste no abandono da vida pecaminosa e no reconhecimento da necessidade de um Salvador. Citamos três passos encontrados na parábola do Filho Pródigo que descrevem esse processo.

O primeiro corresponde ao arrependimento: o Pródigo reconheceu sua condição pecaminosa e a sua necessidade do pai. O segundo passo foi sua decisão de retornar a seu pai. O último passo foi o de agir com um coração arrependido e com fé. Se ele não tivesse voltado para o seu pai, sua decisão de arrepender-se teria sido somente um sentimentalismo momentâneo. Neste



caso, houve uma conversão sincera, pois ele “levantou-se”, deixou o “chiqueiro” do pecado e “foi para seu pai”, iniciando, uma nova vida (Lc 15.17-20).

O Que é arrependimento?

O arrependimento envolve uma completa mudança de pensamento sobre o pecado e a percepção da necessidade de um Salvador. Esclarecemos o fato de que o arrependimento em si não é suficiente para a salvação. Porém, sem arrependimento, não há salvação. É um pré-requisito à fé salvadora (Mc 1.15; Lc 24.47).

O arrependimento em si não salva, contudo produz o remorso no homem e move-o a deixar o pecado e a entregar-se à graça salvadora de Deus. Mas, arrependimento não é somente remorso. Sentir mágoa e reconhecer que pecou é remorso, mas não arrependimento.

O arrependimento só ocorre quando a pessoa resolve deixar o pecado, reconhecendo que necessita de um Salvador. Em 2 Coríntios 7.9 vemos o relacionamento entre remorso e arrependimento: “*agora, me alegro não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois, fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis.*” (grifo nosso).

Neste texto, a palavra *contristados* é tradução de *metameima* no original e significa *ter tristeza pelos pecados*; arrependimento é *metamelomai* e significa *mudança de mente*. Mostrando claramente que o remorso pode levar ao arrependimento, isto é, uma resolução para mudança. Ressaltamos, também que o reconhecimento do pecado, a tristeza pelo pecado e o abandono do pecado são a sequência dos três passos do arrependimento (Sl 51).

O verdadeiro arrependimento não se preocupa com um pecado isoladamente, procurando esconder os demais, mas sente aflição pelo pecado na sua totalidade (Sl 38.3,4,6).

O que é fé salvadora?

Num confronto com uma pessoa adepta de uma seita falsa, ficamos impressionados ao saber que ela alega crer que a salvação é obtida através da fé? De fato, é difícil encontrar uma seita “pseudo-cristã” que não admita nos seus ensinamentos que a salvação seja recebida através da fé. Entretanto, é evidente que eles redefiniram, diminuíram ou acrescentaram algo a esta doutrina, falsificando assim o verdadeiro ensino bíblico. Para confrontar tais distorções, é necessário que tenhamos uma descrição nítida, baseada apenas nas Escrituras, do que é realmente a fé que salva.

Relacionamos algumas bases da fé salvadora:

1. A fé salvadora é dirigida a Cristo. A fé que salva não se dirige a um credo ou a uma crença doutrinária, mas a uma pessoa – Cristo (Cl 2.5). Não basta ao homem aceitar as verdades divinas sobre a salvação, se ele não se render a Cristo como seu Salvador pessoal e não cultivar uma comunhão íntima com Ele (Tg 2.14).

2. A fé salvadora é baseada na revelação bíblica. Deve ter Cristo como seu objeto, entretanto, um conhecimento mínimo de quem é Jesus é fundamental à fé salvadora (Rm 10.17; 2Tm 3.15);

3. A fé salvadora leva a uma entrega total de vida. Fé salvadora não é uma simples confissão por parte da pessoa, mas uma dedicação completa de vida a Cristo.

4. A fé salvadora é o único meio de Salvação. O homem não pode fazer nada para merecer a salvação. Nem a fé é obra para garantir a salvação, mas simplesmente um meio, pelo qual Deus manifesta a Sua abundante graça na vida do pecador para salvá-lo. Bem sabemos que não é a fé que salva, mas Cristo através da fé.

5. A fé salvadora é uma decisão pessoal. A fé, como ato de crer em Cristo, provém da nossa própria vontade; vontade essa sob o efeito da graça de Deus e da convicção advinda pelo Espírito Santo (Ef 2.8,9; Leia estes versículos cuidado-samente para vermos o que é o “dom de Deus”). Reparemos bem que a palavra fé é do gênero feminino e não concorda em gênero gramatical com “isto”, que é do gênero neutro; o mesmo ocorre no original grego. Portanto, “isto” refere-se à salvação. Então a salvação é dom de Deus, e não o ato de exercitar fé para a salvação.

Esclarecimentos sobre a salvação pela fé

Salientamos o ensino bíblico que diz que o pecador pode ser salvo somente pela fé. Surge então a pergunta: isto inclui os justos do Antigo Testamento, as crianças que morrem e o pagão que nunca ouviu a mensagem clara e plena da salvação? No tocante a esses questionamentos, respondemos:

a) Os justos do Antigo Testamento. Muitos, erroneamente, têm suposto que os que viveram no período do Antigo Testamento foram salvos pela Lei, pela obediência e pelas contínuas ofertas e sacrifícios. Em Gálatas 2.16, o apóstolo Paulo refuta esta ideia. Como então foram salvos os que viveram e morreram antes do sacrifício redentor de Cristo? Encontramos a resposta em Romanos 4.2,3. Vemos neste versículo que Abraão foi um homem justo porque era um “crente”. O conteúdo da sua fé era limitado, mas sua qualidade e perseverança foram suficientes para salvá-lo. De fato,

sto

todos os justos do Antigo Testamento foram salvos somente pela fé nas promessas que Deus lhes tinha revelado, e não por causa de seus sacrifícios ou obediência à Lei (Hb 11.13).

b) As crianças que morrem. A Bíblia ensina que crianças inocentes não têm consciência do pecado (Rm 9.11), contudo, elas herdam a natureza pecaminosa de Adão e, por isso, não podem entrar no céu. Deus, porém, pela obra propiciatória de Cristo, provê-lhes a justiça necessária, assegurando-lhes a vida eterna.

O fato de que crianças inocentes estão salvas tem apoio nas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento (2Sm 12.23). O próprio Cristo, em Mateus 19.14 disse que é necessário que o homem torne-se como uma criança, a fim de entrar no céu (Mt 18.3).

c) Aqueles que nunca ouviram. A Bíblia ensina e enfatiza que as obras do homem não operam a sua salvação (Is 57.12; Rm 9.32); a fé é o único meio de salvação (Ef 2.8). Nem tampouco a justiça de um homem pode absolvê-lo do pecado (Ez 33.12,13). Se o homem pudesse salvar-se através da lei escrita no seu coração, Cristo teria morrido em vão (Gl 2.21).

A Bíblia mostra também que todo o homem é inescusável quanto a buscar e conhecer a Deus (Rm 1.20). Mas isto não significa que todos têm tido idêntica oportunidade ou que muitos outros poderiam ser “persuadidos” a aceitar Cristo se alguém testificasse para eles (1Co 5.11). E, do outro lado da história, aqueles que rejeitam a Cristo, após muitas oportunidades de serem persuadidos, serão julgados com mais severidade do que os pagãos menos privilegiados (Lc 12.48). Ler também Hebreus 10.28,29 e Romanos 2.6-12.

TEXTO 5

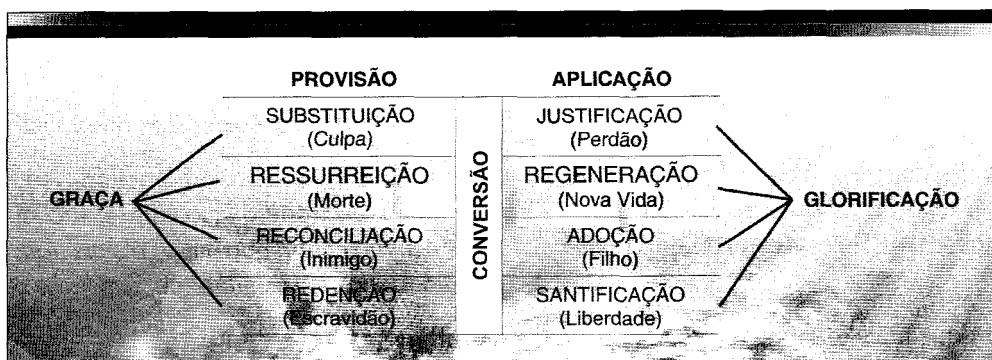
A JUSTIFICAÇÃO

Estudaremos ainda quatro maneiras segundo as quais a provisão de Cristo para a salvação é aplicada, na prática, à vida do crente, mediante a justificação, a regeneração, a adoção e a santificação.

Neste texto, ocupar-nos-emos da Justificação. Trata-se da declaração da parte de Deus de que o crente está legalmente justificado (isento de culpa). Esta justificação envolve dois atos: o cancelamento da dívida do pecado na “conta” do pecador, e o “lançamento”, em seu lugar, da justiça de Cristo. Aprenderemos, também, que a justificação não entra em conflito com as obras. A realidade é que a mesma fé que justifica também motiva às obras, como uma demonstração para o mundo do amor e da graça de Deus.

A aplicação da provisão de Cristo

A fim de obter uma compreensão melhor do que vamos estudar, vejamos uma visão global do plano da salvação:



Conforme a ilustração, Cristo efetuou uma quádrupla provisão para a alma do homem, através da salvação. Na coluna Aplicação, vemos como estas provisões se aplicam à vida do crente. À primeira vista, as aplicações talvez pareçam semelhantes, mas há algumas distinções importantes a serem consideradas em cada uma delas:

1. Justificação é a solução do problema da posição do pecador diante da lei divina violada por ele. Especialmente, ela remove a culpa do homem perante a lei divina violada e imputa a perfeição de Cristo na “conta” celestial do crente.

2. Regeneração é a solução do problema do homem natural espiritualmente morto; e, portanto, incapaz de servir a Deus. O homem precisa mais do que uma nova posição legal; precisa de um novo “eu”; um novo ser espiritual.

3. Adoção é a solução do problema da separação ou alienação do homem da presença de Deus. Por causa da reconciliação efetuada por Cristo, o homem já não é um inimigo de Deus; pelo contrário, está em comunhão tão estreita com Ele, que é adotado como filho. Notemos que a regeneração cria uma nova “vida espiritual” e que, através da adoção, esta nova “criação” recebe o privilégio de fazer parte da família real divina.

4. Santificação é a solução para o problema da escravidão do homem pela sua própria natureza pecaminosa. Embora a regeneração comunique ao homem uma vida nova, ela não destrói sua velha natureza. O crente, portanto, tem duas naturezas.

De muitas maneiras, a santificação abrange elementos de cada uma das demais provisões, mas ela é diferente, por não ser estática, mas, sim, progressiva e sempre contínua na vida do crente.

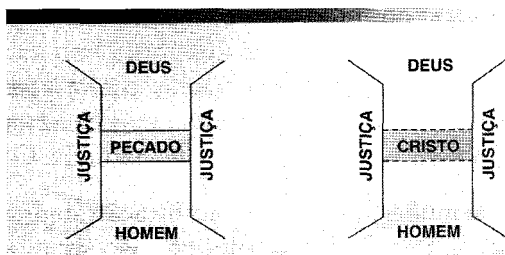
A VELHA SITUAÇÃO DO HOMEM	A SOLUÇÃO	O RESULTADO	O PAPEL DE DEUS	A NOVA SITUAÇÃO DO HOMEM
Culpado Perante a lei	Justificação	Declarado Justo	Juiz	Posição
A Morte Espiritual	Regeneração	Nova Vida	Criador	Poder
Inimigo de Deus	Adoção	Tornado Filho	Pai	Privilégio
Escravidão do Pecado	Santificação	Liberdade do Espírito	Galardoador	Progressão

O que é justificação

No texto 2, aprendemos que a lei de Deus tinha duas exigências rígidas que tornavam impossível a entrada do homem no céu. A primeira exigência era a perfeita obediência à Lei, e a segunda, a sentença do castigo eterno a que o homem estava sujeito se violasse apenas um dos seus mandamentos (Gl 3.10-13). Ninguém jamais foi salvo por obediência à Lei.

Somente Deus poderia resolver o problema insolúvel do homem. Mas, conforme Paulo explica, Deus não poderia simplesmente declarar o pecador inocente, nem podia alterar Sua própria lei. Era mister que Deus fosse “Justo e Justificador” simultaneamente (Rm 3.26).

A situação era tal que o amor de Deus não permitiria que Ele abandonasse a humanidade, nem a Sua Justiça permitiria que Ele quebrasse Sua própria lei. A única solução era enviar um substituto que pudesse satisfazer as exigências da Lei, de tal modo que o homem tivesse comunhão com Deus. Assim Deus providenciou Seu Filho, Jesus (Rm 3.24-26), que nos justificou.



Justificação é uma declaração legal de que estamos isentos de culpa, isto é, justos diante de Deus. Esta declaração é outorgada a quem a aceitar pela fé em Cristo. É primeiramente perdão dos pecados, mas, mais do que isto, a pessoa não é apenas isenta da penalidade do pecado, mas também é declarada “justa”, ou seja, segundo a lei divina, “digna” da salvação.

Vemos, portanto, que a justificação é tanto subtração como adição.

1. Primeiramente, é a subtração da sentença de morte do crente, mantida na sua “conta” do livro da vida;

2. Em segundo lugar, é a adição da justiça de Cristo em lugar da dívida do pecado. No caso do crente, Cristo já pagou a penalidade exigida pela lei de Deus para isentar-nos da culpa dos nossos pecados (1Pe 2.24; 3.18).

**MINHA CULPA
– A SENTENÇA**
ESTOU PERDOADO
**MINHA FRAQUEZA
+ SUA JUSTIÇA**
ESTOU JUSTIFICADO

Sendo justificados desta maneira, temos paz com Deus e acesso a Ele (Rm 5.1,2). Por causa da justificação divina, não somos apenas declarados

sem culpa: somos também declarados “*justos*”, uma vez que Cristo pagou a penalidade dos nossos pecados. Ler Romanos 3.22, 5.19, 10.4; Gálatas 5.5; 1 Coríntios 1.30; 2 Coríntios 5.21.

Na obtenção e conservação da justificação, a fé salvífica é o único meio do homem tornar-se justo e assim permanecer. Os efeitos da justificação pela fé abrangem a totalidade da vida do crente no tocante ao passado, ao presente e ao futuro,

- Passado. A fé justificou-o, libertando-o inicialmente da condenação do pecado.;
- Presente. A fé continua a justificá-lo, libertando-o da “prática do pecado”;
- Futuro. À medida que ele continua na fé, a justificação do crente culminará na glorificação, libertando-o para todo o sempre da própria “presença do pecado”.

A fé não deve ser limitada à experiência inicial da salvação no passado, mas, sim, deve ser mantida no decurso da vida do crente no presente. É uma virtude contínua, que deve ser demonstrada diariamente através de um relacionamento de dedicação a Cristo e confiança nEle até o fim. Assim, ela também assegura o futuro do cristão (Cl 1.22,23; 1Pe 1.5,9).

Os benefícios da justificação

A justificação não é uma experiência; é uma declaração legal de justiça, que é possível somente mediante o relacionamento com Cristo. Essa declaração traduz inúmeros resultados benéficos a serem desfrutados na vida do crente. Estudemos quatro destes benefícios, que dizem respeito a um novo relacionamento:

1. quanto à Lei. A justificação concede ao crente uma nova posição em relação à lei de Deus, que exigia perfeita obediência para se obter a vida eterna (Mt 19.17). A solução divina não foi abolir a Lei, mas, sim, fazer com que Cristo “*cumprisse*” a Lei por nós, pois, Ele pôde obedecer à Lei de modo perfeito (Mt 5.17; Rm 3.21,22, 10.4).

2. quanto a Deus. O profeta Isaías ensina que o pecado separa o homem de Deus (Is 59.2). No entanto, mediante a justificação, esta separação entre o homem e Deus é transformada em “*paz com Deus*”, e a ira de Deus contra nosso pecado é removida, legal e completamente (Rm 5.1,9).

3. quanto à culpa pessoal. Mediante a justificação, todo crente recebe a provisão divina para ficar livre da culpa pessoal (Hb 9.14). Infelizmente, muitos crentes ainda sofrem de “falsa” culpa ou acusação porque não se apropriam desta provisão. Às vezes, estes sentimentos de culpa são aplicados por fontes externas, tais como amigos

críticos, entes queridos que não perdoam etc., que querem lembrar-nos dos nossos fracassos e manter-nos na prisão da culpa. O crente em Jesus não precisa sofrer esse mal, porque a provisão da justificação que Cristo realizou liberta-o de toda a culpa (Rm 8.33,34).

4. quanto ao futuro. A justificação não somente liberta o crente da culpa do passado, como também o livra de todas as culpas do futuro, porque, uma vez justificado por Deus, o crente pode saber, nesse exato momento, que é salvo. Não precisa esperar até a consumação dos séculos para ver se ele foi “suficientemente bom” para merecer então a salvação. O crente pode, com confiança, encarar o futuro, sabendo que, a qualquer momento, poderá entrar na presença de Deus, purificado dos seus pecados e com as vestes brancas da justiça de Cristo (Tt 3.7, Is 61.10).

A justificação, a fé e as obras

Conforme já estudamos, a Bíblia afirma claramente que a justificação é uma dádiva que só pode ser obtida mediante a fé em Jesus Cristo. Entretanto, há vários versículos que parecem contradizer este fato, mas, sabemos que a Bíblia não se contradiz. É necessário fazer o importante processo de examinar o contexto que envolve o texto. Exemplos:

a) Fé salvífica X fé professada. Quando fala da fé que justifica, Paulo está falando somente da fé salvífica, como um relacionamento real com Cristo, baseado no amor, confiança e consagração da vida e vontade a Ele. Tiago, no entanto, fala de uma confissão de fé, seja ela a fé que salva ou meramente um assentimento à existência de Deus (o que também fazem os demônios, Tg 2.19). Notemos que o elemento da fé professada é claramente denotado nas palavras “se alguém disser” e “mostra-me” (Tg 2.14,18). O propósito de Tiago não era atacar a fé como meio de salvação, mas, sim, atacar a simples confissão de fé na existência de Deus como meio de salvação.

b) Obras que salvam X obras de amor. Paulo e Tiago também tratam de dois tipos de obras. Paulo condena as obras como esforço arrogante do homem procurando merecer a sua própria salvação (Gl 3.11 e Rm 3.20). Contrastando com isso, ao referir-se às obras, Tiago fala dessas expressões de fé como resultado natural da justificação. Poderíamos chamar as obras mencionadas por Paulo como “as obras da Lei” e as de Tiago como “as obras da fé”.

c) A justificação do homem X a justificação da sua fé. Paulo fala da justificação como a declaração da parte de Deus de que um homem é justo por causa da sua fé em Jesus Cristo. Tiago enfatiza a declaração dos homens de que a fé da pessoa é legítima quando comprovada por obras de amor e de dedicação ao reino de Cristo.

QUESTIONÁRIO GERAL DA LIÇÃO

I. Marque "C" para certo e "E" para errado.

- ___ 7.01 O favor imerecido de Deus expresso a todos os pecadores é um dos aspectos que envolvem a Sua graça.
- ___ 7.02 Independentemente de o homem continuar a responder afirmativamente à graça de Deus, esta será o agente pelo qual ele receberá a apenas justificação.
- ___ 7.03 Jesus, no momento da Sua morte, quando exclamou: "*Está consumado*", completou a obra da reconciliação entre Deus e o homem.
- ___ 7.04 A base da redenção, no Antigo Testamento, tem a sua origem no conceito de resgate.
- ___ 7.05 De acordo com a Lição estudada, a presciência divina afeta as decisões e o livre-arbítrio dos homens.
- ___ 7.06 Os deterministas acreditam que Deus decreta de antemão todo evento e decisão que ocorre na vida dos homens.

II. Associe a coluna "A" de acordo com a coluna "B"

Coluna "A"	Coluna "B"
___ 7.07 Consiste no abandono da vida pecaminosa e o reconhecimento da necessidade de um Salvador.	A. O arrependimento.
___ 7.08 Envolve uma completa mudança de pensamento sobre o pecado e a percepção da necessidade de um Salvador.	B. A fé salvífica.
___ 7.09 É uma declaração legal de que estamos isentos de culpa, isto é, justos diante de Deus.	C. A justificação.
___ 7.10 Na obtenção e conservação da justificação, ela é o único meio do homem tornar-se justo e assim permanecer.	D. A salvação.

ANOTAÇÕES

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

**"SOTERIOLOGIA"
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO
(CONT.)**

Em continuação ao estudo da Soteriologia, iniciaremos esta Lição pelo segundo elemento atuante na salvação, a *Regeneração*, que significa, literalmente, *nascer de novo*. Em várias passagens, o Novo Testamento menciona a "nova vida" que o Espírito comunica ao crente. Esta verdade aparece descrita de várias maneiras, como: o novo nascimento (Jo 3.5); o nascer da parte de Deus (1 Jo 3.9); a nova vida (Ef 2.1-5); uma nova criação (Gl 6.15). Todos estes termos referem-se ao mesmo, fenômeno bíblicamente chamado de "Regeneração".

Já o terceiro elemento atuante na salvação ocorre pelo novo nascimento. Todos aqueles que aceitam a Cristo como seu Salvador tornam-se filhos de Deus. Embora estivesse alienado de Deus e sem esperança de vida eterna, mediante a provisão de Cristo o homem passa de "inimigo" a "filho de Deus", pela *Adoção*.

O quarto efeito ou benção que estudaremos é a separação entre o crente e o mundo. Esta é a *Santificação*, que envolve o *desenvolvimento progressivo do crente na vida cristã*. O crente não pode ser mais justificado, mais nascido de novo ou mais filho de Deus do que no momento da sua conversão, mas pode prosseguir amadurecendo espiritualmente, mediante o processo da santificação.

Também nesta Lição estudaremos algumas advertências aos crentes carnais, as promessas de perdão para os desviados arrependidos e de poder para os crentes fiéis. A Bíblia faz inúmeras advertências, ao mesmo tempo que contém muitas promessas divinas.

Depois de abordarmos somente os aspectos da salvação que concernem a esta vida presente, trataremos:

1. do corpo glorificado que o crente nascido de novo receberá;
2. da promessa de recebimento da herança e a elevação à devida posição, a saber, reinar juntamente com Cristo.

3. do recebimento dos galardões por todas as vitórias que o crente obtiver sobre o pecado e pelas obras feitas durante sua vida na terra. Todas estas bênçãos são aspectos futuros da salvação e estão contidos numa só palavra: *Glorificação*.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Regeneração
2. A Adoção
3. A Santificação
4. Advertências e Promessas
5. A Glorificação

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Relatar quando ocorre o milagre da Regeneração;
2. Descrever os privilégios decorrentes da Adoção;
3. Expor o alvo de se viver uma vida santificada;
4. Citar advertências e as promessas concernentes à Salvação;
5. Mencionar como se processa a Glorificação do crente.

TEXTO 1

A REGENERAÇÃO

Neste Texto, estudaremos o segundo elemento atuante na salvação do homem: a *Regeneração*, que é a obra sobrenatural e instantânea de Deus que concede nova vida ao pecador que aceita a Cristo como seu Salvador.

É importante fazer uma distinção entre regeneração e santificação. A regeneração é instantânea, enquanto que a santificação é progressiva. Pela regeneração o homem recebe nova vida e poder, enquanto que santificação é a capacidade de aplicar esta vida e poder no seu viver diário.

O milagre da regeneração

Quando o homem entrega sua vida a Cristo, no momento em que crê no Salvador Jesus, ele “nasce de novo”; é regenerado. Neste milagre da regeneração, duas bênçãos são concedidas ao homem: a nova vida e a nova natureza.

1. Por nova vida, referimo-nos ao fato de que o homem que estava espiritualmente morto, agora está ressurreto no seu espírito e pode entrar em comunhão com o Espírito de Deus.

2. Por nova natureza, referimo-nos ao fato de que o homem passa a ter uma nova atitude para com o pecado e a justiça.

Vista da perspectiva “celestial”, a regeneração confere ao homem uma nova vida espiritual, a de comunhão com Deus. Vista da perspectiva “terrestre”, ela confere ao homem uma natureza ou atitude (modo de pensar ou sentir) inteiramente nova, odiando o pecado e amando a justiça.

As Escrituras frequentemente se referem à natureza pecaminosa do homem como “a carne”. Esta natureza, que procede de Adão, é herdada fisicamente por todos os homens, em contraste com a natureza divina, que é outorgada espiritualmente apenas àqueles que creem em Cristo.

O poder da regeneração

A grande mensagem da Doutrina da Regeneração é que a vida do crente não é uma simples filosofia, mas é uma vida de poder. Mesmo assim, os crentes têm tido a

tendência de perder de vista este poder, preferindo reduzir sua fé a um sistema de ritos e regras. Exemplo disso, temos nos crentes da Galácia, pois se tornaram vítimas dessa tendência (Gl 3.2,3).

Vitória – A evidência da regeneração

A regeneração é um milagre invisível e, justamente por esta razão, origina duas dificuldades sérias:

1. Os crentes professos que não são crentes verdadeiros. Afirmam que são “nascidos de novo”, porém continuam vivendo no pecado e trazendo má fama sobre a Igreja.

2. Os crentes verdadeiros que chegam a duvidar da sua experiência de salvação. Suspeitam constantemente que suas lutas nas tentações e sua falta de perfeição parecem indicar que nunca receberam uma nova natureza. Vivem espiritualmente frustrados e com dúvidas desnecessárias.

Embora seja invisível, o milagre da salvação é manifesto na vida da pessoa através de vitórias e de frutos espirituais.

Anteriormente à regeneração, o homem era inimigo de Deus, vivendo em paz com o mundo e com o pecado (Tg 4.4), mas, depois de receber a nova natureza divina, tem paz com Deus e não se sente à vontade com o pecado. Porém, existe uma luta contínua entre o crente e o pecado, e a razão desta luta é a existência de duas naturezas num só corpo. Esta guerra das duas naturezas não terminará até que a natureza pecaminosa venha a ser completamente removida do crente, no porvir.

Mas, e se o cristão tropeçar na batalha? A Bíblia claramente responde que ele deve confessar seu pecado e levantar-se com forças espirituais renovadas para voltar a enfrentar o inimigo (1Jo 1.9).

Não se deve confundir a verdadeira natureza da salvação pela graça com ideia humanista de que a salvação se obtém mediante a perfeita obediência à Lei. A verdadeira salvação pela graça não exige demonstração de equilíbrio numa corda bamba; pelo contrário, provê um caminho bem iluminado que conduz ao céu. O homem não é salvo apenas por andar no caminho mas, sim, por permanecer na luz (Cristo).

O apóstolo João declarou que o crente pode andar na luz e ter necessidade de purificação do seus pecados (1Jo 1.7). Acrescentou, também, que ninguém está isento de pecado (1Jo 1.8). Ler 1 João 3.9 e Romanos 6.1,2.

Concluimos dizendo que a regeneração nada tem a ver com o que a pessoa faz mas, sim, com o que ela é. No momento da salvação, o homem se torna uma nova criatura em Cristo e passa a viver numa atitude diferente em relação ao pecado (2Co 5.17). Apesar disto, o crente não é perfeito, porque a sua velha e a sua nova naturezas “... *são opostas entre si...*” (Gl 5.17).

Vida frutífera – A evidência da regeneração

Vimos que “o novo nascimento” é evidenciado por uma nova atitude: a de repúdio ao pecado e de vitória sobre a tentação. Aqui, vemos que “o novo nascimento” também se manifesta como uma nova atitude para com Deus.

Conforme Efésios 2.10, o propósito principal da regeneração não é apenas o homem vencer o pecado, o qual traria vergonha para o nome de Deus, mas produzir fruto espiritual, que glorifique o Seu nome. Entretanto, boas obras não produzem salvação, nem são o meio de assegurá-la ou mantê-la; no entanto, estão integradas à vida do crente como evidência de uma pessoa regenerada.

Batismo em água – símbolo da regeneração

A Igreja observa duas importantes ordenanças: a Santa Ceia e o Batismo em Água. Ao participar da Santa Ceia, o crente relembra a morte de Cristo na cruz; no ato do batismo, ele relembra o Seu sepulcro e ressurreição. A Santa Ceia ressalta o perdão, ao passo que o batismo ressalta a separação da vida antiga, portanto, sua morte e separação, ressurreição para uma nova vida.

A verdade central da regeneração é que o crente é uma nova criatura, que foi separada do seu passado e introduzida num novo futuro (2Co 5.17). O ato do batismo por imersão total é um símbolo visual do crente afirmando que morreu para a velha vida e ressuscitou para uma nova vida (Rm 6.4). O batismo por si mesmo não resulta em regeneração da alma; é um ato simbólico demonstrando que a regeneração já ocorreu na sua vida.

TEXTO 2

A ADOÇÃO

Estudaremos o terceiro elemento atuante na salvação: a Adoção, mediante a qual o homem “nascido de novo” torna-se filho de Deus – o privilégio mais alto que o céu pode conceder a um ser criado.

Definindo sob a perspectiva humana, vemos que adoção é o processo pelo qual uma criança é trazida e aceita numa família, quando por natureza não teria direito algum de pertencer a essa família. Esta transação legal resulta em a criança tornar-se um filho com plenos direitos sobre o patrimônio da família.

A adoção espiritual é baseada neste mesmo princípio. O homem, que por natureza é filho da ira (Ef 2.3), ao crer em Cristo, é feito filho de Deus, e passa a ter direitos e privilégios inerentes àquela posição. O privilégio da filiação, o privilégio de ser um membro da família de Deus e o direito de ser herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo (Rm 8.15-17). Ressaltamos que as Escrituras ensinam que ninguém pode tornar-se filho de Deus a não ser pela fé em Cristo para a salvação (Rm 9.8). Além disso, é possível perder-se o privilégio de ser filho de Deus (Gn 6.2; Dt 32.18-20).

O crente como filho de Deus

Para o crente, ser “*filho de Deus*” é uma realidade bem presente. João escreveu, destacando o fato da nossa posição de filhos de Deus, se bem que certas bênçãos desta honra serão desfrutadas somente no futuro (1Jo 3.2). Vejamos as bênçãos especiais resultantes desta posição real, bem como as responsabilidades que ela envolve:

1. Certeza. Um dos benefícios de ser filho de Deus é a certeza de uma comunhão estreita e amorosa com o Pai Celestial (Rm 8.15);

2. Obediência. O fato de o crente ter sido honrado e colocado na posição de filho de Deus, deve motivá-lo grandemente a viver em retidão. O filho de Deus deve sempre lembrar-se da dignidade que seu novo título e posição encerra, lembrando sempre do Pai a quem ele representa aqui no mundo (Mt 5.16; Fp 2.15; 2Co 6.17,18).

3. Orientação e Disciplina. Há dois fatores que evidenciam a filiação espiritual do crente. Um deles é a presença interna do Espírito Santo, dirigindo-o e testificando em seu ser que ele é realmente filho de Deus (Rm 8.14,16). Notemos, nestes versículos, que o Espírito guia e dá testemunho, mas nem força, nem coage.

Outra evidência da filiação espiritual do crente é obedecer à disciplina do Pai Celestial; quando tropeça e cai em pecado sente-se profundamente repreendido pela convicção interior do Espírito Santo. Esta convicção do Espírito não deve ser motivo para desespero, mas de encorajamento para o arrependimento; é um sinal positivo da disciplina do Pai. A resposta correta a tal disciplina deve ser uma nova e firme resolução da pessoa para erguer-se e continuar na fé. Ler Hebreus 12.5,6,12,13.

4. Acesso a Deus. A posição do crente como filho de Deus inclui a promessa consoladora: o privilégio do acesso à presença de Deus (Ef 2.18). Por causa da promessa de acesso contínuo a Deus e a certeza do Seu cuidado para com Seus filhos, o crente pode levar todas as suas necessidades espirituais, sociais e físicas ao Pai Celestial, sabendo com certeza que será ouvido e atendido (Mt 6.31.32; Lc 11.11-13; Fp 4.19).

O crente como irmão de Cristo

Ao adotar o crente como filho, Deus criou uma posição de honra e dignidade que anteriormente não existia. Este fato modificou toda a hierarquia do universo. A Bíblia relata que os anjos foram criados superiores aos homens naturais, mas, mediante a provisão feita por Deus para a salvação e adoção do crente, este foi exaltado para reinar sobre aqueles (Hb 1.14; 2.5,7).

Uma das frases mais singulares da Bíblia encontra-se em Hebreus 2.11. Ali, ao referir-Se aos crentes, Cristo diz que “*não se envergonha de lhes chamar irmãos*”. Ser chamado “*filho de Deus*” é em si muito difícil entender, mas ser chamado irmão de Cristo é quase além do nosso entendimento. É um fato extremamente maravilhoso. Cristo trouxe não só um homem a Seu Pai, mas “*muitos filhos*” (Mt 23.8; Ef 2.19; Hb 2.10). Aqueles que fazem parte da “*família de Deus*” são unidos pelo amor de Deus, tendo comunhão uns com os outros. De fato, é exatamente este amor que comprova a realidade da nossa adoção como filhos de Deus (Jo 13.35; 1Jo 3.14).

O crente como herdeiro do céu

Mediante a adoção divina, os crentes não somente foram elevados à posição de participantes da aristocracia do céu, mas tornaram-se herdeiros do maior patrimônio do universo (Rm 8.17; 1Co 2.9).

Em contraste com as heranças terrestres que são entregues ao herdeiro quando o pai morre, o crente recebe sua plena herança quando ele morre (ou é arrebatado). O crente foi feito herdeiro de riquezas sumamente grandes. Paradoxalmente, todas estas riquezas tornaram-se nossas porque Um quis se empobrecer por nós (2Co 8.9).

Certas riquezas espirituais do crente são desfrutadas aqui; outras, somente no porvir. Paulo disse que já recebera as “*primícias do Espírito*”, enquanto esperava a plena “*herança*” da sua adoção (Rm 8.23).

Como “*filhos de Deus*”, embora adotivos, os crentes podem sentir segurança quanto à permanência dessa posição. Mas até mesmo um filho, por sua própria escolha, pode abandonar seu pai e seu lar e perder o que tem. O Filho Pródigo trocou a comunhão com seu pai pelos prazeres fugazes do mundo. Felizmente, arrependeu-se e não perdeu toda a sua herança. Este exemplo nos lembra as palavras de Cristo, no Apocalipse, quando adverte que a herança é somente para os que vencem o mundo até ao fim, pela sua fé (Ap 21.7).

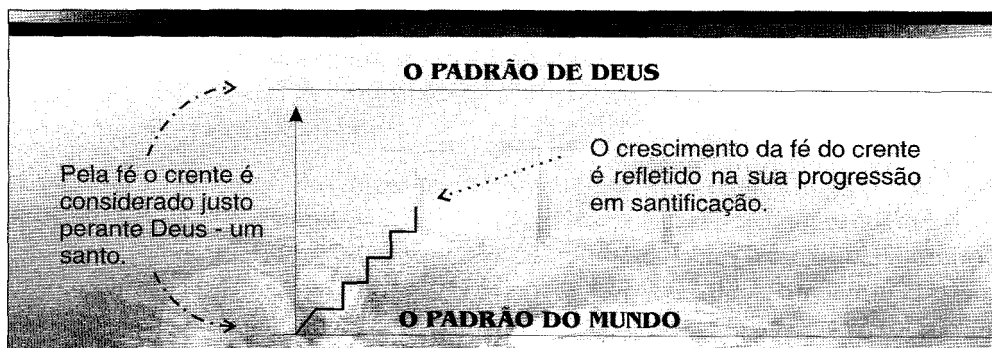
TEXTO 3

A SANTIFICAÇÃO

A santificação começa com um ato de separação, de abandono do mundo. Deus chama todos os crentes de santos, independentemente da sua experiência na fé ou da sua maturidade espiritual. O alvo de viver uma vida santificada não é a perfeição, mas sim, a progressão. Deus apresenta ao crente o alvo da santificação como sendo a perfeição do Seu próprio caráter (Mt 5.48).

De muitas maneiras, Deus age qual um pai humano. Ele nunca exigiu a prática da santidade absoluta como um padrão para a salvação, mas Ele ordena e deseja que todos os crentes se esforcem por atingir este alvo (Jo 14.23).

Notemos no gráfico a linha que vai de “fé” até o “padrão de Deus”. Esta representa a posição legal do crente: salvo e considerado santo pela sua fé. No outro lado, a linha irregular e inclinada representa a vida prática, não perfeita do crente, mas progredindo na direção do padrão perfeito de Deus.



Liberto da natureza pecaminosa

Ao falar da necessidade de progredir na santificação, o apóstolo Paulo reconhecia que estava longe de ser perfeito (Fp 3.12). Mesmo assim, continuava a esforçar-se, conforme o exemplo perfeito de Cristo (Fp 3.12-14). Em Romanos 7 e 8, o apóstolo testifica como a batalha diária que travava contra a velha natureza levou-o ao desespero. Mas também escreve como conseguiu libertar-se do domínio da velha natureza. Examinemos quatro passos para galgar esta liberdade.

1. Reconhecer a origem e a solução do problema (Rm 7.7-25). O crente não deve enganar-se, pensando que sua velha natureza pecaminosa será totalmente erradicada ou transformada, enquanto viver neste mundo. É importante que o crente reconheça a existência em si desta velha natureza, que quer sempre fazer a sua própria vontade e que saiba como obter o controle sobre ela (Rm 7.23-25; 8.2).

2. Não desanimar (Rm 8.1-4). É estranho, porém verídico, que a presença real e constante do Espírito Santo na vida do crente às vezes o faz sentir-se mais pecador do que justo! É porque o Espírito Santo é como uma luz que brilha com fulgor nos compartimentos da vida há muito tempo abandonados ao descuido.

3. Andar no Espírito (Rm 8.5-9). A fonte da santificação é o poder do Espírito Santo. Alguns crentes pensam, erroneamente, que "andar no Espírito" é ser um "robô espiritual"; que é ser totalmente controlado por uma força divina sobrenatural. Isto está longe da realidade, pois a natureza pecaminosa do homem nunca será erradicada nesta vida e o Espírito Santo nunca forçará o crente a ser justo, contra a sua vontade. Ele mesmo deve escolher em retidão, mediante o poder e a direção do Espírito Santo.

4. Não dar atenção à velha natureza (Rm 8.10-12). O apóstolo Paulo ilustra o relacionamento entre o crente e a velha natureza pecaminosa usando a figura de um

escravo moribundo. Uma vez morto, o escravo já não está obrigado a servir a seu antigo senhor. Destarte, o crente deve considerar-se morto para o pecado (seu antigo senhor), mas vivo para Deus (Rm 8.10).

Liberto dos maus pensamentos

Em sua segunda carta à igreja de Corinto (2Co 10.3-5), Paulo observou que o pensamento daqueles cristãos tinha sido escravizado por ideias falsas, filosofias malignas (as “fortalezas”). Essas fortalezas a que o apóstolo se referiu são filosofias mundanas que podem se alojar na mente do crente.



Dentre as “fortalezas” temos: a intelectual, que tem a ver com as filosofias humanas, com base na suposição de que a sabedoria humana é superior à sabedoria bíblica (Cl 2.8); a da moral, que representa as atitudes da sociedade ímpia para com o sexo, a honestidade, a justiça, direitos pessoais, etc (Rm 12.2); a espiritual, que se tratam das falsas filosofias religiosas que podem invadir a mente do crente e que, se aceitas, podem tornar-se em poderosas fortalezas contra pensamentos ou conceitos bíblicos (2Tm 3.5).

Nenhuma guerra pode ser travada, e muito menos ganha, a não ser que os soldados estejam dispostos a lutar. Da mesma forma, a batalha pelo controle da mente do crente não pode ser ganha se este não considera importante a luta. Ponderemos:

1. Se o crente acalenta pensamentos ímpios, isto resulta em atitudes e ações pecaminosas. Destarte, os maus pensamentos são pecaminosos porque resultam em ações ímpias. Por esta razão, Deus menciona tanto a predominância dos pensamentos retos em nosso espírito, pois alimentar pensamentos malignos é pecado (Rm 8.7; Pv 24.9; Pv 15.26 – ARC).

2. O crente precisa reconhecer o fato de que, ao dar guarida a pensamentos pecaminosos, torna-se vulnerável às tentações (Tt 1.14,15).

3. É importante para o crente entender que pensamentos malignos são como sementes plantadas no jardim da mente. Se não forem completamente removidos, crescerão e se multiplicarão, e produzirão um jardim de ervas daninhas malignas, ao invés do “*fruto do Espírito*” (Mt 15.19). Ler Jeremias 4.14.

Temos necessidade de controlar nossos pensamentos, como também precisamos servir a Cristo ativamente através da nossa vida mental, “... *levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.*” (2Co 10.5). Como, porém, o crente pode servir a Cristo através dos seus pensamentos?

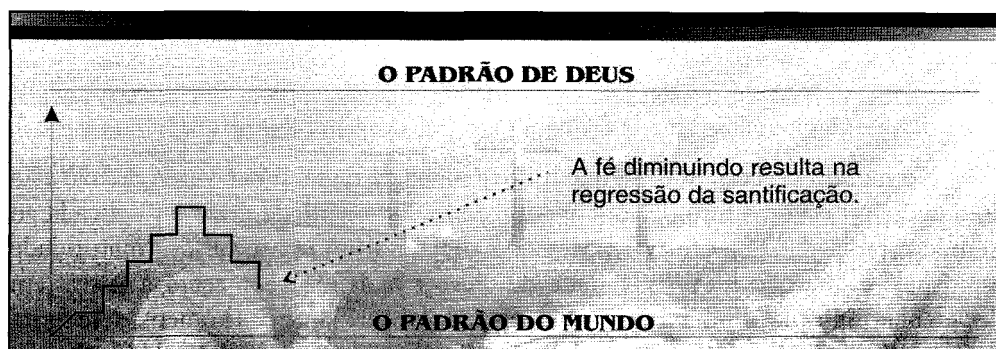
1. É preciso fortalecer seus pensamentos puros mais e mais, por meio da comunhão cristã, dos cultos na igreja, dos estudos bíblicos etc.;

2. Lembrar que a chave para progredir numa comunhão maior com Deus é meditar na Sua Palavra e perseverar em oração (Ep 4.7,8; Cl 3.2).

Liberto da carnalidade

A Bíblia descreve o Diabo como um leão faminto, procurando crentes que estão dominados e vencidos por seus pecados secretos (1Pe 5.8). Faz uma advertência clara contra a recusa do crente em submeter cada área da sua vida ao Senhor (Hb 12.1,2). A liberdade em Cristo não é liberdade para pecar, mas, sim, liberdade para viver acima do pecado! Liberto da escravidão do medo, o crente está livre para servir a Deus, com dedicação total, por causa do seu amor por Ele. O propósito de vivermos uma vida piedosa deve ser o de glorificar a Deus.

O gráfico a seguir retrata o estado da santificação do crente carnal. Notemos o “tamanho” da sua fé, que começa a diminuir a partir do momento em que ele permite que o pecado domine a sua vida.

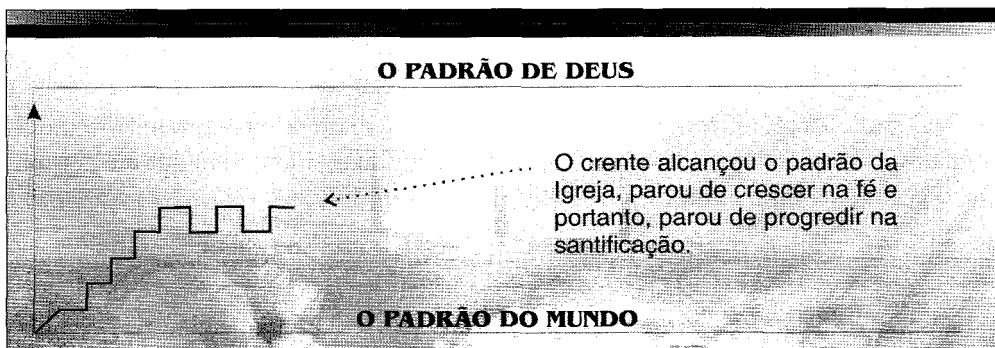


Liberto da estagnação

A santificação é caracterizada, não por galgar-se um alto nível de atividade cristã, mas, sim, por um contínuo crescimento na graça de Deus até o fim da vida física do crente. É um erro comum equiparar a santificação bíblica com os padrões da igreja local, visto que a igreja não pode fazer exigências baseadas apenas em pensamentos e atitudes.

Por contraste, o padrão de Deus é o próprio Cristo (1Pe 2.21). Nenhum livro de regras poderia descrever todas as situações e respostas necessárias para seguir o padrão de Cristo de modo perfeito. Por esta razão, a Bíblia ressalta que o crente deve “ser” muito mais do que aquilo que deve “fazer”, pois aquilo que o homem é somente é demonstrado pelo o que ele faz.

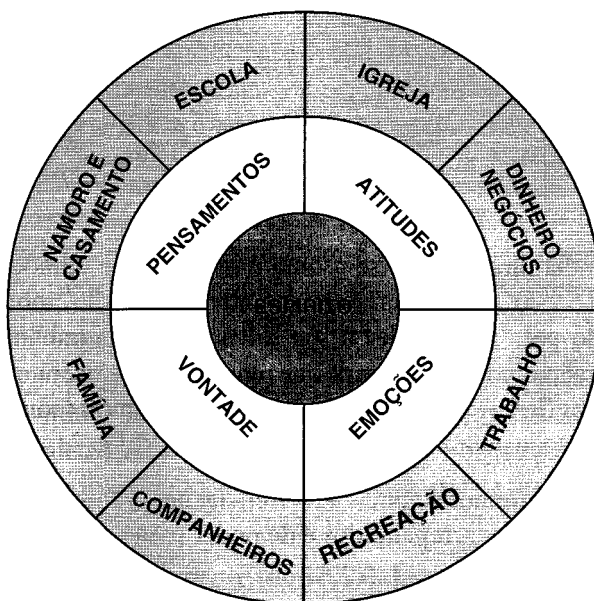
Vejam os que o gráfico a seguir ilustra o crente que vive segundo falsos conceitos de santificação. Notemos que sua fé e sua santificação crescem até o ponto que ele acha que é perfeito, ou que é bastante bom para agradar a Deus. Daí começa a estagnar-se.



No mundo vegetal, nota-se que tudo que, via de regra, não é verde ou não está crescendo, ou está maduro ou está apodrecendo. Esta verdade pode ser aplicada ao mundo espiritual. O crente que pensa que chegou a um ponto tal de “maturidade espiritual” e que não há possibilidade de crescer mais logo começará a entrar em decadência espiritual. Embora mantenha um padrão alto diante dos homens, descobrirá que está deixando o primeiro amor que sentia pelo Senhor, no começo da fé.

Paulo referiu-se a esta obra completa e santificadora do Espírito, quando disse: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (1Ts 5.23, grifo nosso).

Notemos que a ordem é espírito, alma e corpo. Se a ordem fosse invertida, representaria a reforma humana e não a santificação espiritual. A reforma humana resulta apenas na obediência superficial. A santificação espiritual é ilustrada no gráfico a seguir. O círculo mais interno representa o espírito, o seguinte representa a alma, e o círculo externo, o corpo.



Em relação à santificação e ao batismo no Espírito Santo, uma das evidências da submissão do crente ao controle do Espírito Santo é o batismo do Espírito Santo com a evidência física do falar noutras línguas. Vejamos alguns esclarecimentos sobre este assunto.

1. O batismo do Espírito Santo não é uma promoção para o crente ingressar numa elite espiritual; pelo contrário, é um dom gratuito concedido a todos os que sinceramente O buscam.

2. O batismo concede poder adicional à vida do crente para que este viva santa e piedosamente. Esta experiência, no entanto, não substitui a necessidade diária do crente de disciplinar sua própria vontade e servir ativamente a Cristo, nem tampouco imuniza o crente das tentações comuns.

TEXTO 4

ADVERTÊNCIAS E PROMESSAS

“Não vos enganeis; de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.” (Gl 6.7,8)

Esta advertência direta segue-se a uma passagem que admoesta o crente que caiu em pecado (Gl 6.1-5). A Bíblia faz inúmeras advertências ao crente, admoestando-o a tomar cuidado para não perder a sua salvação, mas também contém muitas promessas divinas, tais como a promessa de que um desviado, sinceramente arrependido, pode voltar para Deus (Jr 4.1-3). A Bíblia também registra muitas promessas assegurando ao crente que Deus pode guardá-lo do desvio espiritual (Jd v. 24).

Neste texto, estudaremos algumas advertências aos crentes carnais, as promessas de perdão para os desviados arrependidos e de poder para os crentes fiéis.

Pode o crente perder a salvação?

No século V d.C., Agostinho, um dos chamados “Pais da Igreja”, foi o primeiro erudito a ensinar que o crente nunca poderia perder a sua salvação. Esta declaração deu início a um debate teológico que se estende até os dias de hoje.

Ao estudarmos as evidências bíblicas que apoiam este fato, compreendemos porque quatro séculos se passaram da morte de Cristo, para, então, surgir um ponto de vista oposto sobre o assunto em pauta.

Um dos argumentos mais expressivos mostrando que se pode perder a salvação é a frequente menção do condicional “se” com respeito à salvação. Seguem-se, aqui, algumas citações bíblicas que mencionam essa condicional: Jo 15.6; Cl 1.23; 1Co 15.2; Hb 2.3, 3.14, 10.38; 1Jo 1.7.

A Bíblia não somente ensina que é possível perder a salvação, como também registra casos de várias pessoas que viraram as costas para Deus, perdendo sua total comunhão com Ele (1Sm 10.9,10; Mt 10.7,8; 1Tm 1.19,20; Cl 4.14; Fm 24; 2Tm 4.10).

Em relação ao período que dura a rejeição de Cristo, alguns teólogos creem que a apostasia é apenas um distanciamento temporário de Cristo, e não uma perda permanente da salvação. Isto, no entanto, contradiz as advertências bíblicas no sentido de que um crente pode perder, não somente sua comunhão com Cristo agora, mas também a vida eterna (1Cr 28.9).

Como ocorre a apostasia?

Há pelo menos quatro ilustrações bíblicas que nos ajudam a entender como ocorre a apostasia. Estas são: um navio à deriva, um cordeiro desgarrado, um servo desobediente e uma planta sufocada.

1. Um navio à deriva (Hb 2.1). Nesta referência, a palavra traduzida “desviar-se” é um termo náutico que se refere a um navio à deriva e sem controle; a lição contida nessa advertência é a de que a apostasia pode ocorrer como resultado de negligência espiritual, ou pela prática de pecado.

2. Um cordeiro desgarrado (Ez 34.6; Lc 15.4). A ilustração desses textos nos ensina que o crente deve ficar bem perto do pastor, se não quiser se perder. Distanciar-se um pouco de Cristo, parece não ter efeito negativo imediato sobre a vida espiritual da pessoa e, deste modo, é fácil o crente afastar-se mais e mais do Pastor e do Seu rebanho.

3. Um servo desobediente (Lc 16.13). Um símbolo comum usado no Novo Testamento para descrever o crente é o de um servo. Em decorrência disso, o servo desobediente é símbolo do apóstata. Este versículo ensina que o crente não pode servir ao pecado e a Deus ao mesmo tempo. À medida que começa a servir ao pecado, seu amor a Deus se esfria (Ap 2.4; 3.16) e, finalmente, fica totalmente frio (Mt 24.12).

É erro comum pensar que a salvação baseada na fé cancele a necessidade da obediência. Outro erro comum é pensar que somente certos tipos de pecados conduzirão à apostasia (Jo 8.34). Em Gálatas 5.20,21, o apóstolo Paulo cita uma longa lista de pecados e termina com esta afirmação: “*não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam* (habitualmente)”.

4. Uma planta sufocada. A apostasia é um processo de degeneração gradual. Destarte, a apostasia não é assim como o homem que acidentalmente cai num precipício. É qual uma planta gradualmente sufocada por ervas daninhas, até morrer (Mc 4.18,19). A mera presença de uma erva daninha não significa a morte da planta. Se, porém, a erva daninha for deixada ali, crescerá e se multiplicará, e finalmente sufocará a planta e a matará por enfraquecimento (Tg 1.14,15).

Pode um desviado voltar a Deus?

Conforme já estudamos, a Bíblia adverte que a pessoa pode perder a sua salvação. Mas poderíamos perguntar: é possível essa pessoa, voltar para o Senhor? Muitos apóstatas nunca voltarão para Deus; porém, sempre há um convite ao pecador sinceramente arrependido dos seus pecados para voltar-se para Deus, não importando os pecados e erros do seu passado.

O fato de que Deus, em todo tempo, convida os desviados a voltarem para Ele, demonstra Sua disposição em recebê-los de volta. Veremos, a seguir, exemplos deste convite. Embora alguns deles sejam dirigidos a grupos, Deus insiste com cada indivíduo dentro do grupo, pois a salvação é sempre uma questão pessoal, individual. A Bíblia contém muitos convites diretos ao desviado (Jr 4.1,6,16; Os 14.4; Ml 3.7).

Mais uma prova de que o desviado pode voltar para Deus temos na oração de Davi: um homem que cometeu adultério, enganou o seu próximo e depois o assassinou. Pela fé, Davi fez uma oração de arrependimento, empregando três belas figuras do perdão. Pediu que o seu pecado fosse apagado, que Deus o lavasse como um homem lava uma veste imunda, e que Deus o purificasse da enfermidade do pecado que o controlava (Sl 51.1,2).



Notemos que o desviado precisa reconhecer, em primeiro lugar, seu estado decaído. Deve desejar livrar-se do seu pecado (“... *porque, pelos teus pecados, estás caído...*”. Os 14.1). Em segundo lugar, o desviado precisa “ter palavras de arrependimento” e voltar ao Pai. O terceiro passo é a transformação espiritual, de desviado arrependido em crente verdadeiro, que adora a Deus com louvor. Esse louvor é descrito como “... *sacrifícios dos nossos lábios*” (Os 14.2).

Muitos desviados são atormentados com a dúvida quanto à possibilidade de terem cometido o pecado imperdoável. Mas todo desviado verdadeiramente humilhado e arrependido dos seus pecados, pode voltar para Deus, se estiver disposto a submeter todas as áreas da sua vida a Cristo.

O papel da igreja na restauração do desviado

A aplicação da disciplina bíblica, na igreja, deve ser feita com amor aos membros que dela precisarem. Na disciplina justa e cristã da Igreja está uma das ferramentas mais eficazes para restaurar o desviado a Cristo e despertar um crente carnal a buscar a vitória de que necessita.

A Bíblia trata de dois tipos de disciplina eclesiástica:

1. A exclusão por pecados graves. Exemplo deste tipo de disciplina encontra-se registrado em 1 Coríntios, que relata a história de um homem que abandonara a Deus e que estava vivendo no pecado. Mesmo assim, a igreja local mantinha-o em comunhão, apesar de viver em pecado. Paulo ordenou que a igreja o excluísse da comunhão, de modo que ele viesse a reconhecer e a sentir o seu pecado, e assim, ser levado ao arrependimento (1Co 5.5). Ele estava em comunhão com a igreja local, mas não em comunhão com Deus.

2. A conduta cristã habitualmente irregular e/ou conhecida. Este tipo de disciplina tem a ver com membros que abandonam de vez a igreja e outros que não querem abandonar seus pecados, vivendo uma vida escandalosa, dando mau exemplo para os de dentro e servindo de tropeço para os de fora (2Ts 3.11,14,15; Tt 3.10).

A aplicação da disciplina pela igreja jamais deve ter o propósito de punição ou vingança. Deve, sim, ser aplicada com amor, como meio de restaurar o faltoso à comunhão. A igreja deve agir com humildade, compaixão e amor, ao disciplinar os crentes.

Outro propósito da disciplina é conservar a igreja livre de influências pecaminosas. Notemos que o versículo supra é seguido das seguintes palavras: “... *Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?*” (1Co 5.6). Um só caso de pecado, se for permitido continuar livremente na igreja, pode espalhar o erro e ocasionar a dissensão na totalidade da igreja.

E quem deve ser disciplinado? O membro da igreja que continua rebelde, com sua teimosia, pecando arrogantemente, e rejeitando a exortação, precisa ser disciplinado. Por outro lado, o crente, por ser fraco e falho, mas que sabe se arrepender, e vive na igreja, esta deve ajudá-lo e fortalecê-lo com amor, assim como quando nossos filhos estão fracos, não os evitamos, nem os tratamos duramente, mas os alimentamos melhor e tomamos cuidado especial com eles.

Quanto à forma de disciplinar, é apropriado examinarmos aqui os seguintes textos que orientam como aplicar a disciplina à vida daqueles que se rebelam: 2 Timóteo 2.24,25; Tito 3.2; Hebreus 13.1; Gálatas 6.1; Efésios 4.15.

A segurança da salvação do crente

Embora possa perder a salvação por negligência e pecado, o crente fiel não precisa ter dúvida se está verdadeiramente salvo ou ficar temeroso quanto a perder a salvação. A atitude do crente fiel deve ser a de certeza presente e de esperança futura (Cl 1.23; Hb 6.11;10.22; 1Pe 1.13).

O testemunho do Espírito do Espírito Santo é uma das principais evidências da certeza da salvação do crente (Rm 8.16). Notemos que o testemunho do Espírito Santo é dado em nosso espírito. Se fosse em nosso corpo, seria como um sexto sentido. Se fosse em nossa alma, seria apenas uma emoção e nada mais. Mas visto que é um testemunho em nosso espírito, temos neste testemunho uma convicção sobrenatural, convencendo-nos de que somos filhos de Deus (Rm 8.17). Este testemunho não substitui, mas a confirma a fé.

A presença do Espírito Santo na vida do crente é prova adicional da salvação (1Jo 3.24). A Bíblia descreve-O como sendo o “*penhor*” da nossa plena redenção vindoura (Ef 1.14).

O crente pode abandonar Deus (2Tm 2.13), mas Deus nunca abandonará o crente. O crente pode ser induzido a afastar-se de Deus, mas jamais pode ser arrastado à força, contra sua vontade, para fora da comunhão com Deus (Hb 13.5; Jo 10.28; Rm 8.31-39).

A despeito de todas as evidências da salvação já mencionadas, dúvidas insistentes permanecerão na vida de todo crente que não remover a fonte primária das suas dúvidas – uma vida comprometida com o pecado e o mundo.

O pecado e a confiança espiritual não podem coexistir. Um homem pecaminoso pode alegar que tem confiança quanto à sua salvação, mas, na realidade, ele é acusado por meio de dúvidas e insegurança interior; somente uma vida de obediência e retidão é que motivará a confiança (1Jo 2.3,5).

A real certeza da salvação de nossa alma não está baseada numa confissão de fé, feita num dado momento, mas, sim, numa comunhão sempre presente e crescente em amor, confiança e submissão a Cristo.

O crente fiel e dedicado ao Senhor tem essa certeza; isso é bíblico. É por isso que Judas admoestou seus leitores a se edificarem na fé com oração no Espírito e a se conservarem no amor de Deus. À medida que o crente mantém uma real comunhão com Cristo, Deus, por Sua vez, o guarda de cair (Jd v. 20,21,24).

Uma bela ilustração de como um relacionamento estreito com Deus resulta em nova força encontra-se em Isaías 40.31: “*mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.*” (grifo nosso). O *esperar* descrito aqui requer um relacionamento de fé ativa. À medida que este relacionamento é mantido, o crente recebe forças espirituais. Assim como é difícil imaginar uma águia cair durante o seu vôo, assim também é difícil imaginar um crente que “*espera*” no Senhor, cair da graça enquanto “*espera*” nEle.

TEXTO 5

A GLORIFICAÇÃO

Começaremos aqui com a definição básica de glorificação do crente e quando ela ocorre. Depois, abordaremos o aspecto da glorificação concernente à justificação, ou seja: a promessa de que, um dia, o crente estará face a face com Deus, confiante e sem se envergonhar.

A glorificação é o ato culminante da obra redentora de Deus no homem. Quando for glorificado, o crente estará moralmente perfeito. Terá recebido um corpo glorificado, terá herdado sua herança eterna, terá recebido como recompensa o louvor da parte de Deus e uma posição no céu, de acordo com sua fidelidade na terra.

Além disso, a glorificação do crente está inseparavelmente vinculada à vinda de Cristo e à revelação da plenitude da Sua glória. Muitos aspectos da glorificação, tais como o recebimento de um corpo glorificado (1Co 15.42), da herança (Rm 8.23) e dos galardões (2Co 5.10) – todos estes aguardam a vinda de Cristo.

A promessa de um corpo imortal

Quando criou o homem, Deus declarou a Sua obra como sendo boa. Desde então, a humanidade em geral jamais cessou de maravilhar-se diante desta indescritível criação.

Deus promete ao crente que ele será transformado e declara que o novo corpo será glorioso (1Co 15.43,44). Se nós, que somos meros mortais, ficamos pasmados ante as maravilhas deste corpo humano, que Deus chama de “bom”, imagine-se a maravilha do nosso corpo celestial que Deus classificou como “glorioso”.

Em 1 Coríntios 15 há uma descrição detalhada do novo corpo que o crente terá. Em primeiro lugar, será como o corpo ressurreto de Cristo. *“Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem”* (v. 20, grifo nosso). Mais adiante está escrito: *“... devemos trazer também a imagem do celestial”* (v. 49).

A promessa de ser co-herdeiro de Cristo

A essência da salvação, desde o seu começo até a sua culminância, é a comunhão do crente com Cristo (1Co 6.17). Este relacionamento começa quando o crente une-

-se a Cristo na Sua morte para receber o perdão dos pecados (Rm 6.6,7). O crente também está unido com Cristo na Sua vida e, como resultado, torna-se co-participante da Sua natureza divina (2Tm 2.11; 2Pe 1.4). Esta união chegará ao seu ápice quando o crente for unido a Cristo na Sua exaltação, tornando-se, assim, co-herdeiro do reino, do poder e da glória de Cristo.

Cristo declarou que iria preparar moradas no céu para finalmente receber todos os crentes (Jo 14.2). Sabemos nós, em parte, das maravilhas que Deus criou em sete dias, porém, somos limitados para imaginar quão maravilhoso será o céu depois de preparativos tão extraordinários.

A herança do crente juntamente com Cristo não está limitada ao recebimento de um lar eterno; inclui, também, a participação da autoridade e do poder de Cristo. Quando Cristo sentar-se em Seu trono e reinar, todos os crentes serão igualmente exaltados para governar e reinar juntamente em Ele, assim como compartilhar da Sua glória. Paulo disse que o crente será glorificado com Cristo (Rm 8.17).

A promessa dos galardões

O julgamento dos crentes nada tem a ver com a salvação. Todo crente receberá algum louvor da parte de Deus: “... e então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.” (1Co 4.5, grifo nosso).

Isto significa que Deus julgará todos os crentes, não importa quão fiel ele tenha sido. Será mesmo um julgamento. Os crentes fiéis receberão muitos louvores e os que forem negligentes no seu viver cristão receberão bem poucos louvores. Os que querem viver carnalmente, fazendo sua própria vontade, perderão os galardões que poderiam ser seus: “*se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.*” (1Co 3.15). O julgamento, pois, consistirá de recebimento ou de perda de recompensa.

Os galardões outorgados no céu serão eternos, não temporais. Estes galardões são comparados às “coroas dos vencedores” conferidas nos jogos olímpicos antigos. Aquelas coroas, por serem feitas de folhas, duravam bem pouco tempo. Num único dia de glória eram entregues como galardão, após longo período de intenso treinamento seguido de vitória. Contrastando isso, as coroas de Deus serão eternas, portanto, uma glória que nunca fenecerá. “*Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível.*” (1Co 9.25).

Não é somente louvor e recompensa que o crente receberá no céu. Também a alguns serão confiadas responsabilidades e cargos na hierarquia do céu, baseadas na sua fidelidade na terra. Notamos expressões tais como “primeiros” e “últimos” no reino

(Mt 19.30), menores ou maiores (Mt 5.19). Cristo ensina que haverá uma diferença específica na soma de autoridade confiada aos seus servos no reino do céu – tudo dependendo da fidelidade.

A Bíblia nos diz que Deus concederá galardões por muitas coisas, dentre elas, a conquista de almas, a resistência à tentação (Tg 1.12), sofrimento com paciência (Mt 5.11,12), ato de bondade (Gl 6.10; Mt 10.42), hospitalidade (Mt 10.40,41) e o cuidado dos enfermos, necessitados e perseguidos (Mt 25.34-40).

O emprego sábio de oportunidade é uma fonte importante de galardões e a ociosidade resultará na perda deles (Mt 24.45,46 e Lc 19.26).

Até mesmo o emprego sábio de possessões materiais pode resultar em galardões. Paulo diz que o dinheiro com que os filipenses contribuíram para o ministério dele era, na realidade, um depósito feito na conta deles no céu (Fp 4.17). Mais tarde, admoesta os crentes efésios a compartilharem com os pobres, a fim de acumularem para si sólido fundamento no céu para o futuro (1Tm 6.17-19).

É importante que lembremos que Deus olha a intenção do coração antes de olhar o ato. O verdadeiro motivo para fazer boas obras deve ser a “*fidelidade a Cristo*” (1Co 4.2).

QUESTIONÁRIO DA LIÇÃO

I. Associe a coluna “A” de acordo com a coluna “B”

Coluna “A”	Coluna “B”
___ 8.01 Por ela o homem recebe nova vida e poder.	A. As boas obras.
___ 8.02 Não produzem, nem são o meio de assegurar a salvação.	B. A adoção.
___ 8.03 Ocorre na vida do homem mediante o novo nascimento.	C. Benefício de ser filho de Deus.
___ 8.04 É a certeza de uma comunhão estreita e amorosa com o Pai Celestial.	D. A regeneração.

**"ECLESIOLOGIA"
A DOUTRINA DA IGREJA**

O ensino das Escrituras sobre a Igreja é apresentado em linguagem clara como todas as demais doutrinas; contudo, a concepção de cristãos, até professores, sobre o assunto, é às vezes muito indefinido e vago. Isso, sem dúvida, deve-se ao fato de que, segundo o emprego humano, o termo igreja detém numerosos e variados significados e concepção.

O termo *igreja* é empregado para se fazer distinção entre as pessoas religiosas e não-religiosas. É usado no sentido denominacional, para se fazer distinção entre grupos cristãos organizados, como: Igreja Presbiteriana, Igreja Metodista ou Igreja Católica Romana. É usado em relação a edifícios, designando um local de reunião em que os cristãos se reúnem para adorar. Entretanto, esse emprego do termo com sentido variado tende a obscurecer o verdadeiro significado do vocábulo bíblico. Somente quando chegamos ao uso bíblico do termo, é que verificamos que essa dificuldade desaparece.

O assunto analisado ao longo desta Lição, portanto, diz respeito à doutrina da igreja, segundo a concepção das Sagradas Escrituras.

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. A Origem da Igreja
2. O Que É a Igreja
3. O Fundamento da Igreja
4. Formação e Administração da Igreja
5. A Missão da Igreja

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Discorrer sobre a origem da Igreja, tanto no aspecto profético quanto no histórico;
2. Definir o termo *igreja* no contexto do Novo Testamento;
3. Citar duas referências bíblicas que afirmem quem é o fundamento da Igreja;
4. Destacar a posição de Cristo na formação e administração da Igreja;
5. Mencionar dois aspectos que expressem a missão da Igreja no mundo.

TEXTO 1

A ORIGEM DA IGREJA

A igreja considerada profeticamente

Israel é descrito como uma igreja no sentido de ser uma nação chamada dentre as outras nações para ser um povo formado de servos de Deus. Com esse sentido o termo aparece no original em Atos 7.38.

Quando o Antigo Testamento foi traduzido do hebraico para o grego, a palavra *congregação* (de Israel), foi traduzida por *ekklesia* ou *igreja*. Israel, pois, era a congregação ou a igreja de Jeová no Antigo Testamento. Depois dessa “*igreja*” judaica tê-lo rejeitado, Cristo predisse a fundação de uma nova congregação ou igreja, uma instituição divina que continuaria a Sua obra na terra (Mt 16.18). É a Igreja de Cristo, que começou a existir concretamente a partir do dia de Pentecostes, conforme Atos 2.

Ninguém melhor que o apóstolo Paulo, por Deus escolhido e capacitado para doutrinar a respeito da Igreja, no tempo e no espaço. Isso ele o fez pelo Espírito Santo, de modo especial na carta à igreja de Éfeso:

“A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo. E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou, para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus.” (Ef 3.8-10 – ARC).

Ao apóstolo Paulo foi revelado um duplo mistério, referente ao Evangelho e à Igreja, por ocasião da sua conversão na estrada de Damasco.

Até aquela data, o então Saulo de Tarso, estivera perseguindo os “fanáticos” seguidores de um estranho “Caminho” (At 19.9; 22.4). Esses enfatizavam uma nova dispensação, isto é, Cristo, Sua morte e ressurreição, o que lhe fora inaceitável até o momento em que o Senhor o fez cair por terra. Levantou-se então um Paulo, a quem foi revelado o grande segredo que haveria de revolucionar sua vida, daí para a frente:

os cristãos estão unidos a Cristo e Cristo está unido a eles. Este fato estava tão vivo na mente do apóstolo que, anos mais tarde, com profunda convicção, Ele afirmou: *Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.*” (Gl 2.20 – ARC).

Nos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo cumpriu-se grande parte de Mateus 13.35: *“... publicarei coisas ocultas desde a criação (do mundo).”* E o apóstolo Paulo fala com frequência dos mistérios que lhe foram revelados e relembra aos que leram sua carta aos Efésios, que, antes disso, ele já havia mencionado este mistério em poucas palavras.

Em seguida, o apóstolo fala do “mistério de Cristo”. Que vem a ser este mistério? Não se refere unicamente à Igreja, na qualidade de corpo de Cristo. O mistério do Cristo eternamente vivo, tendo um corpo composto de crentes judeus e gentios, é o mistério que, em épocas passadas, não fora revelado aos filhos dos homens.

A Igreja, no plano de Deus, conforme vemos em Efésios 3.8-10, já existia bem antes que outras coisas viessem à existência; isso com base no sangue do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo (Ap 13.8). Deus, segundo o Seu plano, permitiu que as eras se fossem escoando até que achou por bem tornar a Igreja conhecida.

A igreja considerada historicamente

A Igreja de Cristo veio à existência, como tal, no dia de Pentecostes, quando foi consagrada pela unção do Espírito. Assim como o Tabernáculo fora construído e depois consagrado pela descida da glória divina (Êx 40.34), os primeiros membros da Igreja foram também congregados no Cenáculo e consagrados como Igreja pela descida do Espírito Santo sobre e dentro deles. É muito provável que os cristãos primitivos vissem nesse evento o retorno da glória divina manifesta no Tabernáculo e no Templo, glória essa que há muito tempo havia se afastado, e cuja ausência era lamentada pelos rabinos ortodoxos.

Davi juntou os materiais para a construção do Templo, mas a construção propriamente foi executada por seu sucessor, Salomão. Da mesma maneira, Jesus, durante o Seu ministério terreno, juntou os materiais com os quais haveria de dar forma à Sua Igreja, por assim dizer, mas o edifício foi erigido por seu Sucessor, o Espírito Santo, operando através dos apóstolos. Estes lançaram os fundamentos e edificaram a Igreja com sua pregação, ensino e organização. Portanto, a Igreja é descrita como sendo formada por santos *“edificados sobre o fundamento dos apóstolos...”* (Ef 2.20).

TEXTO 2

O QUE É A IGREJA

Já vimos que o sentido da palavra *igreja* tem variações. Este nome se dá a um edifício, a uma congregação, a uma denominação e ao Cristianismo em geral. O termo *igreja* deriva-se de duas palavras gregas (preposição e verbo) que significam *chamados para fora*, isto é, aqueles que são chamados por Deus para fora do mundo para constituírem um corpo espiritual unido, pertencente ao Senhor. Daí, uma igreja mundana ser uma anomalia diante de Deus, pois, ela do mundo já foi chamada para pertencer a Deus (Ap 3.16,17). Como, pois, pode a verdadeira Igreja de Deus ser mundana?

A Igreja é formada exclusivamente de pessoas nascidas de novo pela instrumentalidade do Espírito Santo e da Palavra de Deus, conforme João 3.5, para que, por meio dela, o Senhor Jesus realize a Sua obra neste mundo e cumpra o Seu propósito no futuro, conforme vemos na Epístola aos Efésios.

Para melhor compreensão, vejamos o assunto pormenorizadamente, através dos seguintes itens:

1. A palavra Igreja empregada em sentido universal designa o corpo de Cristo. A Igreja universal invisível, da qual Cristo é a cabeça, não é organização, mas um organismo vivo, pois, em cada um dos seus membros flui a vida do Senhor Jesus Cristo. Ele é quem rege todo esse corpo místico e comunica a cada membro Sua sabedoria, justiça, santidade, vida e poder. Disse Jesus: "... *Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.*" (Jo 6.35). Uma pessoa que pelo novo nascimento se uniu ao Senhor integra, com os demais remidos, um organismo no qual estão o amor e a graça de Jesus Cristo. Cada membro deste corpo, por menor que seja, compõe este grande organismo. O membro que ocupa um lugar de maior projeção no corpo não deve desprezar o que ocupa um lugar mais humilde, porque todos os membros desse corpo, sem distinção, são necessários para o bom desempenho do corpo. "*Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.*" (Rm 12.5 – ARC). Ler também 1Co 12.27.

2. A assembleia universal é descrita sob a forma de um templo. Os apóstolos e profetas lançaram o fundamento deste edifício, sendo Cristo a pedra fundamental (Ef 2.20-22). O Senhor é o apoio de todo o edifício. A Palavra de Deus considera este

assunto nos seguintes termos: “No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.” (Ef 2.22 – ARC). “Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo.” (1Pe 2.5 – ARC).

3. A assembleia universal dos salvos é a esposa de Cristo. Jesus mesmo é o esposo, “Aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que lhe assiste e o ouve, alegra-se muito com a voz do esposo. Assim pois, já esse meu gozo está cumprido.” (Jo 3.29 – ARC). A Igreja se prepara agora para brevemente unir-se ao Cordeiro, para jamais dEle separar-se. “E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.” (Ap 21.2 – ARC).

4. A assembleia local deve compor-se somente de membros regenerados. Isto é, pessoas nascidas de novo, pela instrumentalidade do Espírito Santo, cheias dEle, que façam a vontade de Cristo, e se unam a uma congregação local, para comunhão, cooperação, serviço e assistência mútua. O crente necessita da Igreja e a Igreja necessita do crente.

É necessário o aperfeiçoamento da Igreja local constituída de seus membros. Para isso Cristo concedeu dons à Igreja em forma de homens: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, para cuidarem dela (Ef 4.11-16). Através da multiforme ação de seus ministros, Deus quer aperfeiçoar a Sua Igreja, tanto para atender as necessidades, como para depurá-la espiritualmente.

5. O Espírito Santo opera na assembleia e por meio dela. O Espírito Santo quer revestir os crentes de poder, guiá-los em toda a verdade, revelar-lhes Cristo, transformando-os, até que cheguem à Sua semelhança (2Co 3.18).

6. A verdadeira Igreja de Deus não conhece outro Legislador além de Cristo. O gozo da verdadeira Igreja consiste em saber a vontade do Senhor e cumpri-la. Sua maior glória será viver em Cristo, na Sua semelhança (1Jo 3.2).

Vestida da justiça de Cristo, seguindo-O e servindo-O por amor, revestida de Seu Espírito e fazendo a Sua vontade, a Igreja está olhando para cima, esperando a volta dAquele a quem ama (1Ts 1.9,10).

TEXTO 3

O FUNDAMENTO DA IGREJA

A Igreja Católica Romana considera erroneamente o apóstolo Pedro a pedra fundamental sobre a qual Cristo edificou Sua Igreja; e, para fundamentar esse ensino, apela, primeiramente, para a passagem de Mateus 16.16-19.

"Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus."

Dessa passagem, a Igreja Católica Romana deriva o seguinte raciocínio:

1. Pedro é a rocha sobre a qual a Igreja está edificada;
2. A Pedro foi dado o poder das chaves, portanto, só ele e seus sucessores (os papas) poderão abrir a porta do reino dos céus;
3. Pedro tornou-se o primeiro bispo de Roma;
4. Toda autoridade eclesiástica foi conferida a Pedro, até nossos dias, através da linhagem de bispos e de papas, todos, vigários de Cristo."

Cristo, o fundamento da igreja

Numa simples comparação entre a teologia católica e a Bíblia a respeito do apóstolo Pedro e sua atuação no seio da Igreja nascente, descobre-se quão contrária à interpretação bíblica é a interpretação católico-romana. Mesmo numa desprezensável análise do assunto, verifica-se que:

1. Pedro jamais assumiu, no seio do então Cristianismo nascente, a posição e as funções que a teologia católica procura atribuir-lhe.

O substantivo feminino *petra*, em Mateus 16.18, designa no grego uma *rocha grande e firme*, enquanto que o substantivo masculino *petros* é aplicado a pequenos blocos de rocha, móveis, bem como a pedra de arremesso. Pedro é *petros* = *pedra pequena*, móvel, e não *petra* = *rochedo grande e firme*. Portanto, uma Igreja sobre a qual as portas do inferno não prevalecerão, não pode repousar sobre Pedro.

2. De acordo com a Bíblia, Cristo é a Pedra sobre a qual a Igreja está edificada.

“Quando estavas olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou.” (Dn 2.34).

“edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular.” (Ef 2.20).

Nos versículos acima, “*pedra*” refere-se à pessoa de Jesus Cristo e não à de Pedro. O próprio Pedro declarou abertamente que Cristo é a Pedra, em Atos 4.11: “*Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular.*”. Daí, quem está com a verdade: Pedro, na Bíblia ou a Igreja Católica Romana? (Ler mais sobre isto em 1Co 10.4 e 1Pe 2.4).

O testemunho dos “Pais da Igreja”

A grande maioria dos “Pais da Igreja” cria que Jesus Se referia a Ele mesmo, o Cristo, quando disse “*Sobre esta pedra...*”, em referência à confissão que Pedro acabara de fazer, ou, até mesmo, a todos os apóstolos.

Somente a partir do século IV começou-se a falar a respeito da possibilidade de Pedro ser a pedra fundamental da Igreja, e isto estava intimamente relacionado à pretensão exclusivista do bispo de Roma.

Conclusão

À luz das palavras do próprio apóstolo Pedro,

a) Cristo é a Pedra = rochedo grande e firme:

"Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa." (1Pe 2.4).

b) Todos os crentes são petros = pedras pequenas e móveis:

"... vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo." (1Pe 2.5).

TEXTO 4

FORMAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA

A Igreja visível é um corpo e também uma organização. No que diz respeito ao corpo ou organismo, Cristo está em cada um de nós cristãos (Gl 2.20). No que diz respeito à organização, cada membro tem um dever ou uma função específica na Igreja do Senhor.

Para que possamos compreender a formação e a administração da Igreja, vamos estudar o assunto dividindo-o nos pontos que se seguem.

1. Cristo é o cabeça da Igreja. Sabemos que Deus "... pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo..."; "... como também Cristo é o cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo." (Ef 1.22,23; 5.23 – ARC). Da mesma forma que a cabeça provê, sustenta e dirige o corpo, assim Cristo faz com cada um dos membros de Seu corpo espiritual, a

Igreja. O Senhor é capaz de dirigir os menores detalhes da nossa vida e quem desconhece ou se nega a reconhecer a direção do Senhor em sua vida diária jamais poderá conhecer as grandiosas bênçãos da vida verdadeiramente cristã.

2. Quando subiu ao céu, Cristo concedeu dons à Sua Igreja. São dons em forma de homens por Ele chamados para cuidar da Sua Igreja (At 20.28; 1Pe 5.2,3). Esses diferentes dons são relacionados em Efésios 4.11; dons que também operaram em Cristo, pois, através do Novo Testamento vêmo-LO como apóstolo (Hb 3.1), profeta (At 3.22,23), evangelista (Lc 4.18), pastor (Jo 10.11) e mestre (Jo 13.13,14).

Agora, exaltado à destra de Deus, Jesus concede à Igreja esses dons ministeriais que nEle operaram, para que Sua Igreja seja edificada. Não há nada mais indefeso que um rebanho de ovelhas sem pastor. A palavra *pastor* aparece várias vezes, tanto no Antigo como no Novo Testamentos.

3. As palavras *pastor* e *bispo* têm o mesmo significado quanto ao cargo. A palavra *bispo* é a tradução de um vocábulo grego que significa *supervisor*. *Pastor*, no original, é o que *conduz, alimenta e defende as ovelhas* (1Pe 2.25). Não basta sermos intelectuais ou humanamente capacitados para o exercício do ministério. É antes necessário que sejamos revestidos do poder do Espírito Santo. Nem mesmo o próprio Senhor Jesus iniciou Seu grandioso ministério antes de receber a poderosa unção do Espírito Santo para o serviço. Portanto, se quisermos que nosso ministério seja uma continuação do de Cristo, devemos estar revestidos do mesmo poder (Jo 14.12,13). As promessas destes versículos estão ligadas ao revestimento de poder advindo do alto (Jo 14.16,17).

4. Uma pesada responsabilidade recai sobre o ministro evangélico. O ministro de Deus é um vigia sobre as muralhas de Sião. Ele vê o perigo e cabe-lhe avisar aos pecadores que o dia do julgamento se aproxima. Caso ele não aja assim, será considerado responsável pela perda dessas almas. A mais terrível declaração com respeito aos pastores sem fé, vitimados pelo pecado de desobediência, avareza, embriaguez e gluttonaria, encontra-se em Isaías 56.10-12, que diz:

“... Os seus atalaias são cegos, nada sabem; todos são cães mudos, não podem ladrar; sonhadores preguiçosos, gostam de dormir. Tais cães são gulosos, nunca se fartam; são pastores que nada compreendem, e todos se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, todos sem exceção. Vinde, dizem eles, trarei vinho, e nos encharcaremos de bebida forte; o dia de amanhã será como este e ainda maior e mais famoso.”

O versículo 12 acusa os pastores sem fé e decaídos de “beberões e glutões”. *“Ovelhas perdidas foram o meu povo, os seus pastores as fizeram errar, para os montes as deixaram desviar; de monte em outeiro andaram, esqueceram-se do lugar de seu repouso.”* (Jr 50.6 – ARC). Isso aconteceu a Israel, ficando para nós o aviso e o exemplo para que assim não façamos.

5. A responsabilidade do ministro de Cristo é grande e, na mesma proporção, sua recompensa. Para compreender esta verdade, devemos atentar para o que escreveu o apóstolo Pedro, em sua primeira carta universal, capítulo 5, versículos 1 a 4:

“Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e teste-minha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sordida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória.”

TEXTO 5

A MISSÃO DA IGREJA

O propósito de Deus para alcançar o mundo e transformar o homem requereu a encarnação da segunda pessoa da Trindade. Esta verdade é expressa nas palavras do apóstolo João: *“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós...”* (Jo 1.14). O Verbo (Cristo) se fez carne para poder ser compreendido e visto pelo homem. Esta é a função e vocação da Igreja de Cristo: permitir que o Verbo se manifeste através de seus membros.

A missão da Igreja no mundo seria um mistério, se não soubéssemos que sua principal missão é a de continuar a obra de redenção do homem decaído, vindo a ser para o mundo aquilo que Cristo é para ela mesma. A encarnação do Verbo divino é um mistério; entretanto, a razão porque Ele se manifestou em carne não é um mistério;

mistério mesmo é a própria encarnação. As origens da Igreja podem estar no eterno passado, mas a sua missão está claramente no presente – ser uma bênção para as nações, assim como foi Cristo, o Seu divino fundador e fundamento.

A singularidade da Igreja de Cristo é marcante quanto à sua missão, que, em suma, consiste em:

1. Constituir Aqui Um Lugar de Habitação para Deus.

“edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.”
(Ef 2.20-22).

“Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Co 3.16 – ARC).

2. Dar Testemunho da Verdade.

“para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade.”
(1Tm 3.15).

3. Tornar Conhecida a Multiforme Sabedoria de Deus.

“para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais.”
(Ef 3.10).

4. Dar Eterna Glória a Deus.

"Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!" (Ef 3.20,21).

5. Edificar seus Membros.

"E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo." (Ef 4.11-13).

6. Disciplinar seus Membros.

"Se teu irmão pecar (contra ti), vai arguí-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano." (Mt 18.15-17).

7. Evangelizar o Mundo.

"Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." (Mt 28.18-20).

QUESTIONÁRIO GERAL DA LIÇÃO

I. Marque “C” para certo e “E” para errado.

- ___ 9.01 Ao ser traduzida do hebraico para o grego, a palavra *congregação* (de Israel) foi traduzida por *ekklesia* ou *igreja*.
- ___ 9.02 A Igreja, conforme Efésios 3.8-10, só veio a existir após o Pentecostes.
- ___ 9.03 O termo *igreja* deriva de duas palavras gregas (preposição e verbo) que significam *chamados para fora*.
- ___ 9.04 A palavra *igreja*, empregada em sentido universal, designa *o local de cultos a Deus*.
- ___ 9.05 A Igreja Católica Romana considera erroneamente Pedro como a pedra fundamental sobre a qual Cristo edificou a Igreja.
- ___ 9.06 De acordo com a Bíblia, a Pedra sobre a qual a Igreja está edificada é Pedro.
- ___ 9.07 A Igreja visível é um corpo e também uma organização.
- ___ 9.08 Para o exercício de Seu ministério, somente Jesus não necessitou do Espírito Santo.
- ___ 9.09 Principal missão da Igreja no mundo: continuar a obra de redenção do pecador, vindo a ser para o mundo aquilo que Cristo é para ela mesma.
- ___ 9.10 À Igreja do Deus vivo cabe dar testemunho da Verdade.

"ESCATOLOGIA BÍBLICA" A DOCTRINA BÍBLICA DAS ÚLTIMAS COISAS

O termo *escatologia*, isoladamente, diz respeito aos *fins últimos do homem*, portanto, um assunto extrabíblico. Porém, nosso objetivo é o estudo da Escatologia Bíblica – a teologia sistematizada que trata da doutrina das últimas coisas segundo as Escrituras, isto é, os eventos por acontecer, como a morte, ressurreição e segunda vinda de Cristo; o final dos tempos, o juízo final e o estado futuro.

Os eventos que estão acontecendo e ainda vão acontecer são parte do eterno plano divino através dos séculos. Esse plano é revelado nas Escrituras através de muitas passagens, como por exemplo: 2 Reis 19.25; Isaías 46.10; Efésios 3.11.

Para conhecer o posicionamento da Escatologia no campo da doutrina bíblica é preciso que se dê pelo menos a classificação sumária das doutrinas bíblicas em três classes gerais:

- a) doutrina da salvação;
- b) doutrina da fé cristã;
- c) doutrina das coisas futuras; a Escatologia Bíblica situa-se aqui.

Sendo o Movimento Pentecostal um movimento do Espírito, é de se esperar que o conhecimento escatológico seja aprofundado para que haja uma maior compreensão, uma maior visão introspectiva da escatologia.

Lembremo-nos que a Daniel foi dito que selasse as revelações escatológicas, porque o tempo do seu cumprimento estava ainda distante (Dn 12.2,9; 8.26), mas para nós, da época da Igreja, a mensagem quanto a essas revelações é a de Apocalipse 22.10: "... Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo".

ESBOÇO DA LIÇÃO

1. O Arrebatamento da Igreja
2. Após o Arrebatamento da Igreja
3. A Grande Tribulação
4. A Volta de Jesus
5. O Milênio
6. Eventos Finais

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Citar as duas fases da segunda vinda de Jesus;
2. Mencionar os motivos da invasão de Israel por Gogue;
3. Dizer por que os homens crerão no Anticristo;
4. Definir o significado de Armagedom;
5. Descrever os propósitos do Milênio;
6. Explicar porque Satanás será solto.

TEXTO 1**O ARREBATAMENTO DA IGREJA**

A segunda vinda de Jesus se dará em duas fases distintas. A primeira diz respeito ao arrebatamento da Igreja. Isto concerne somente à Igreja fiel que O espera velando. A segunda fase diz respeito à manifestação física e pessoal de Jesus, acompanhado dos Seus santos e anjos. É um mistério que só será compreendido quando acontecer. Somente os fiéis, mortos e vivos, ouvirão os toques divinos da chamada, vindos do Céu, e serão arrebatados pelo poder de Deus ao encontro do Senhor nos ares.

Sinais da segunda vinda de Jesus

Embora não tenha revelado o dia exato do arrebatamento da Igreja, Jesus deixou algumas coordenadas através das quais podemos concluir estar longe ou perto esse tão maravilhoso dia.

Os fenômenos previstos por Jesus como sinais da consumação do século não parecem tão fenomenais assim. Afinal de contas, sempre tivemos nações se insurgindo contra nações, guerras e rumores de guerras, terremotos, fome e pestes. Assim sendo, como considerar qualquer desses sinais como se o evento final e tremendo dos tempos estivesse para começar?

Na Bíblia da versão de Almeida, parece apenas sugerir que esses eventos *são o princípio dos sofrimentos*, enquanto que o original grego é dito que *todas essas coisas são o princípio das dores de parto*. Notemos que Jesus disse: “*dores de parto*”. Quando esses eventos se tornarem mais frequentes e intensos, saberemos que os últimos dias do sofrimento da Igreja e o nascimento de um novo tempo se aproxima. Podemos perceber os sinais desses eventos com que se materializam os seguintes sinais preditos por Jesus: proliferação de religiões falsas; aparecimento de falsos messias; o renascimento e o avanço generalizado do ocultismo e sinais naturais e físicos.

A segunda vinda de Cristo

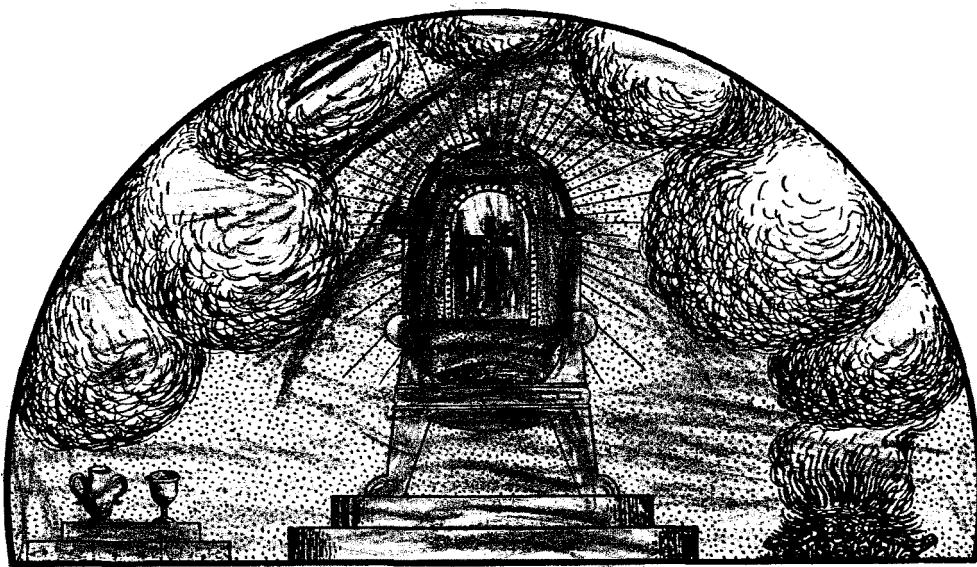
A segunda vinda de Cristo é mencionada 318 vezes no Novo Testamento, mas um exame descuidado de muitos trechos pode levar a conceitos conflitantes. Por exemplo, um trecho nos diz que Cristo virá “*nos ares*” (1Ts 4.17), enquanto que outro diz que Ele virá à Terra. Um trecho diz que virá em secreto, “*... como ladrão ...*”; outro

diz que “... *todo olho o verá*.” Um trecho ensina que sua vinda será um tempo de regozijo, enquanto outro diz que os povos da Terra se lamentarão.

A primeira fase da segunda vinda de Cristo diz respeito ao arrebatamento da Igreja juntamente com a ressurreição dos santos e concerne somente à Igreja fiel que O espera velando. A segunda fase diz respeito à manifestação física e pessoal de Jesus, acompanhado dos seus santos e anjos e isto concerne a Israel e às demais nações do mundo, sobreviventes na ocasião. A população do mundo estará muito reduzida no momento da aparição de Jesus para julgar as nações (Zc 12.9; 14.16).

A Igreja fiel será arrebatada e irá ao encontro do Senhor, antes da Grande Tribulação, que é também denominada na Bíblia, de “*ira vindoura*” (Mt 3.7; 1Ts 1.10; 5.9; Ap 6.16,17).

O tribunal de Cristo



O crente foi julgado como pecador em Cristo. Isto teve lugar no passado, no drama do Calvário. O crente foi julgado como filho, durante a sua vida. Agora o crente será julgado como servo, isto é, quanto ao serviço prestado a Deus. Este julgamento acontecerá nos Céus, no lugar chamado “*tribunal de Cristo*” (2Co 5.10; 1Jo 4.17; Rm 14.12; Ap 22.12).

O julgamento da Igreja no “*tribunal de Cristo*” terá lugar entre o seu arrebatamento e a revelação de Jesus em glória, com os Seus santos. É o cumprimento da Parábola dos Talentos (Mt 25.14-19) e está baseado em três aspectos da vida do cristão, uma vez que será um julgamento:

1. do trabalho do cristão feito para Deus (1Co 3.8,14,15).
2. da conduta do cristão, por meio do corpo.
3. do tratamento dispensado aos irmãos na fé (Rm 14.10; Tg 5.4).

Do tribunal de Cristo às Bodas do Cordeiro

Logo após o arrebatamento da Igreja virá o tempo descrito na Bíblia como a “Grande Tribulação”. Será um tempo de horror para o mundo gentílico e de apertos para a nação de Israel. Nesse tempo, os crentes arrebatados comparecerão diante do Tribunal de Cristo para serem julgados e receberem galardão. Esse julgamento não terá a finalidade de revelar quem é salvo ou quem não é. Por ele só passarão os salvos. Notemos que ele terá lugar no Céu, onde só entrarão os salvos lavados pelo sangue do Cordeiro. A função desse tribunal está descrita em Mateus 20.8.

Diante do Tribunal de Cristo manifestar-se-ão não só as obras dos crentes, mas também a fonte de suas motivações. Se esses motivos foram injustos, egoístas, ilícitos, inarmônicos quanto ao plano de Deus, os trabalhos realizados decorrentes deles serão nulos para efeito de galardão. Leia o que o apóstolo Paulo escreve em 1 Coríntios 3.11-15. Se Cristo é o fundamento e o motivo das boas obras do cristão, então este receberá galardão naquele dia; do contrário, apenas se salvará como alguém que escapou de um incêndio, somente com a roupa do corpo.

As Bodas do Cordeiro

Findo o julgamento pelo Tribunal de Cristo, a Igreja fiel será chamada a ter acesso à festa das Bodas do Cordeiro (Lc 22.30), ocasião em que Cristo e a Igreja se tornarão o centro de atenções de todos os seres celestiais. Cumprir-se-á, finalmente, parte da oração sacerdotal de Jesus, proferida no capítulo 17 de João. A Igreja será vista no seu aspecto universal. Ali estarão juntos todos os santos do Antigo e do Novo Testamento. Todos os crentes do Oriente e do Ocidente tomarão assento à Sua mesa (Mt 8.11).

Os salvos chegados de todas as partes da Terra e de todos os tempos se saudarão festiva e alegremente. Estará finda a batalha na Terra! Será o dia triunfal em que os salvos serão elevados e os ímpios, castigados. Os salvos estarão livres de todas as lutas, angústias, pecado e mal. Ao olharmos para a divina face de Jesus compensará todas as tristezas desta vida.

TEXTO 2

APÓS O ARREBATAMENTO DA IGREJA

Procuraremos fornecer uma visão global de alguns eventos que terão lugar no mundo imediatamente após o arrebatamento da Igreja. Abordaremos assuntos, como: Apostasia Total e Indiferentismo Espiritual; Predominância de uma Confederação de Nações; Destruição da Nação do “Norte” e seus Satélites; Conversão em Massa de Judeus ao Cristianismo.

Nessa época, em cumprimento às profecias de Daniel e Apocalipse, será formada uma coalizão de nações na área geográfica antes ocupada pelo Império Romano. Não se trata de uma restauração literal e total desse antigo Império, tal como ele existiu, mas uma forma de expressão final dele.

Os fatos anunciados para essa ocasião dizem respeito a:

1. Apostasia total e indiferentismo espiritual, bem como o espírito de desobediência, anarquia e a escalada galopante da feitiçaria fazem parte do preparo final do mundo, pelo Diabo, para o reino do seu preposto – o Anticristo (2Ts 2.3; 1Jo 2.18; 4.3; 2Jo v. 7).

2. Aumento do retorno dos judeus a Israel. Desde o início do Movimento Sionista em 1897, sob a liderança de Teodoro Herzl, o regresso dos judeus à sua terra vem se processando, porém em pequena escala. Após a II Guerra Mundial, maior retorno teve início, como efeito dos horrendos massacres de judeus pelo nazismo alemão. Em 1948, com a criação do novo Estado Judeu (Israel), houve um incontido incentivo e aumento acentuado no fluxo de imigração.

3. A reconstrução do templo de Jerusalém já é debatida pelas autoridades de Israel. Donativos têm chegado para isso. O parlamento de Israel já se ocupa do assunto. Essa construção pode ser muito rápida devido às moderníssimas técnicas empregadas em construção civil. O templo em consideração aqui é o da Tribulação (2Ts 2.4), que será destruído naqueles mesmos dias.

Predominância de uma Confederação de Nações

No dia 23 de Maio de 1957, foi assinado o Tratado de Roma, o primeiro passo do cumprimento de uma profecia de Daniel sobre a existência de uma confederação de

nações, como única forma de expressão do poder gentílico mundial. A profecia está no capítulo 2 e se repete no capítulo 7 de Daniel.

No Apocalipse, essa profecia é vista à partir do capítulo 13. O Tratado de Roma entrou em vigor em 1º de Abril de 1958, com o objetivo fundamental de unificação da Europa mediante a formação dos Estados Unidos da Europa. Os seis países membros fundadores foram: Itália, França, Alemanha Ocidental, Holanda, Bélgica e Luxemburgo. Novos membros foram sendo admitidos mais tarde.

Esta coalizão de nações a ser formada, segundo a profecia, na área geográfica do antigo Império Romano, está predita em Daniel 2.33,41-44. Não se trata de uma restauração literal e total do antigo Império Romano, tal como já existiu, mas uma forma de expressão final dele, pois, conforme a palavra profética em Daniel 2.34, a pedra feriu a estátua, nos pés e não nas pernas. As duas pernas representam o Império Romano dividido em dois, fato que teve lugar em 395 d.C.: o império ocidental, com sede em Roma e o oriental, com sede em Constantinopla. Foi nessa condição que deixou de existir como tendo duas pernas. O império ocidental caiu em 476, e o oriental, em 1453 d.C. (Dn 2.33).

Destruição da nação do “Norte” e seus satélites

É necessário lermos por inteiro os capítulos 38 e 39 de Ezequiel e o capítulo 2 de Joel a esta altura do estudo. Temos, nessas profecias, a descrição da invasão de Israel por uma nação do “Norte”, nos dias finais da era atual. Observemos as expressões “*no fim dos anos*” e “*nos últimos dias*”, em Ezequiel 38.8,16.

O invasor e seus aliados serão totalmente derrotados e arruinados no próprio território de Israel, por intervenção divina direta (Ez 39.4,5). Deus intervirá porque Israel é o Seu povo e Sua possessão. Em Ezequiel 38.16, Deus chama Israel de “*o meu povo*” e “*a minha terra*”. Isto é altamente significativo e deveria servir de aviso a todos aqueles que se levantam contra Israel. Esta nação de que trata as profecias já mencionadas deverá, na época da invasão em apreço, ser muito poderosa belicamente.

Ensinos sobre as profecias mostram que Gogue, a nação ou bloco de nações do norte da Terra em relação à Israel, invadirá esse país nos últimos dias. A Bíblia localiza Gogue ao norte de Israel (Ez 38.6,15). Essa poderosa nação do norte será ajudada nessa invasão por nações europeias, asiáticas e africanas. Vejamos a lista completa desses atacantes: Magogue, Meseque, Tubal (Ez 38.2,3); persas, etíopes, Pute, Gômer, Togarma e muitos povos (Ez 38.5,6); líbios (Dn 11.43).

Os motivos da invasão de Israel por Gogue serão principalmente dois: as riquezas de Israel, inclusive do Mar Morto (Ez 38.11,12), e sua posição estratégica.

Conversão em massa de judeus

Como resultado da intervenção divina salvando miraculosamente Israel, os judeus e as nações da Terra reconhecerão que há um Deus que governa todas as coisas (Ez 39.21,22). Isso resultará na conversão de muitos judeus e no derramamento do Espírito Santo.

O cumprimento parcial da promessa do Espírito Santo

Em Joel 2.20, vemos o Senhor destruindo o exército invasor proveniente do norte e, no versículo 28, temos a promessa do derramamento do Espírito Santo. Essa promessa cumpriu-se parcialmente no dia de Pentecostes (At 2.16,17). Parcialmente por duas razões: primeiro, em Joel 2.28 fala-se de derramar o Espírito, o que significa um derramamento pleno. Já em Atos 2.17, a palavra fala de derramar do Espírito, o que significa um derramamento parcial. Segundo, no dia de Pentecostes, e desde então, não se cumpriram os sinais preditos em Joel 2.30,31, os quais ocorrerão somente na Grande Tribulação (Mt 24.29). Haverá, portanto, um grande despertar espiritual entre os judeus, resultando em muitas conversões. Leia Joel 2.31,32, atentando para a conjunção “e”, ligando o versículo 31 ao 32.

Os 144.000 judeus salvos durante a Grande Tribulação

Esta obra começará neste tempo. Serão selados por anjos de Deus. Selo que se refere ao que está escrito em Apocalipse 14.1, isto é, os 144.000 representantes das tribos. Certamente dentre eles irão sair os missionários que irão levar a Palavra de Deus, conforme está em Isaías 66.19. Substituirão a Igreja no testemunhar de Deus. A mensagem que será pregada por eles não é o Evangelho que conhecemos, mas o chamado “*evangelho do reino*”. (Mt 24.14), o qual anuncia a volta do Salvador à terra e o julgamento das nações impenitentes.

TEXTO 3

A GRANDE TRIBULAÇÃO

Há quem diga que a expressão “Grande Tribulação” não se encontre na Bíblia. Certamente é porque tais pessoas leem pouco as Escrituras Sagradas e, sendo assim, é difícil encontrar tal expressão escatológica. A Tribulação, como elemento escatológico, consiste de dois períodos, tendo cada um três anos e meio de duração: o primeiro é chamado simplesmente de “Tribulação”; o segundo, que é pior em termos de impiedade, é chamado de “Grande Tribulação”.

O período da Tribulação é conhecido por diversos outros nomes. No Antigo Testamento temos: “*o dia do SENHOR*”, “*o tempo da angústia de Jacó*”, “*o dia de trevas*”, “*o dia da vingança de nosso Deus*”, “*aquele dia*”, “*o grande dia*”. No Novo Testamento, temos “*dia da ira*”, “*tua ira*”, simplesmente “*ira*” (Rm 5.9; 1Ts 5.9), “*ira vindoura*” ou “*futura*” (Lc 3.7; 1Ts 1.10). Geralmente, o período todo é chamado “Grande Tribulação”, sabendo-se, contudo, que são duas fases e que, na segunda, o sofrimento será mais acentuado.

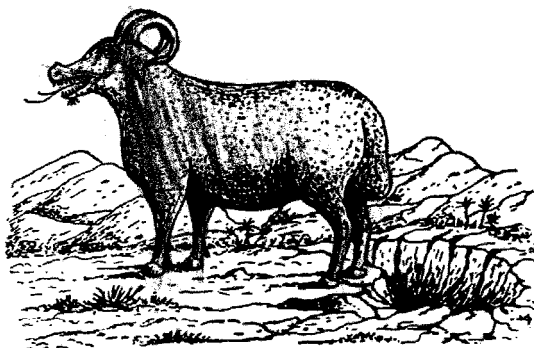
Vejamos alguns dos elementos e acontecimentos a surgirem no período da “Grande Tribulação”, segundo interpretação do texto bíblico:

1. O Surgimento do Anticristo. Em 1968 foi fundado em Roma o chamado “Clube de Roma”, sendo seus membros, desde então, personalidades de gabarito mundialmente reconhecido na política, na economia, nas ciências e na educação. O objetivo fundamental deste Clube é o de estudar o futuro da raça humana, considerando o seu passado e o presente, para planejar o seu futuro. Uma das conclusões a que chegou o Clube há poucos anos é a de que a humanidade necessita urgentemente de um governo único e centralizado para resolver seus problemas e suprir suas necessidades. Esta conclusão está intimamente relacionada com o surgimento iminente do super-homem de Satanás – a Besta, ou Anticristo, que presidirá

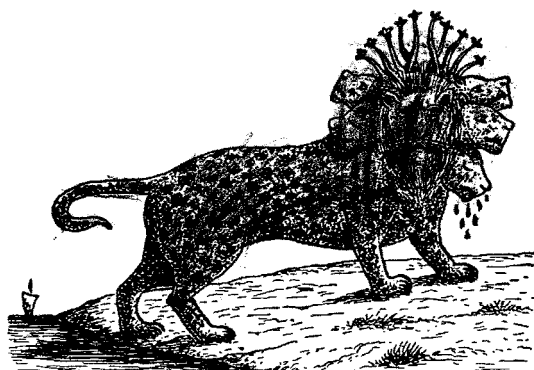


a confederação de nações que já comentamos (Ap 13.1-8). Talvez este homem já esteja por aí, camuflado, aguardando apenas o momento de manifestar-se, impedido de apresentar-se porque a presença da Igreja no mundo o restringe.

2. O Falso Profeta é o principal associado do Anticristo durante o período da Grande Tribulação (Ap 13.11); neste versículo, os dois chifres referem-se ao seu poder político (representativo), aliado ao seu poder religioso; mas também falam de “testemunho”, por ser o número dois representativo disso. Parecerá cordeiro: manso, inofensivo, brando e santo, mas, no seu interior, será um dragão destruidor. Será o Ministro de Cultos do Anticristo; um insuperável ministro religioso, porém enganador. Ele promoverá um incomparável movimento religioso mundial, unindo todos os credos, seitas, filosofias, igrejas modernistas e ecumênicas, formando uma superigreja mundial. Ele fará muitos milagres, falsos, evidentemente (2Ts 2.9).



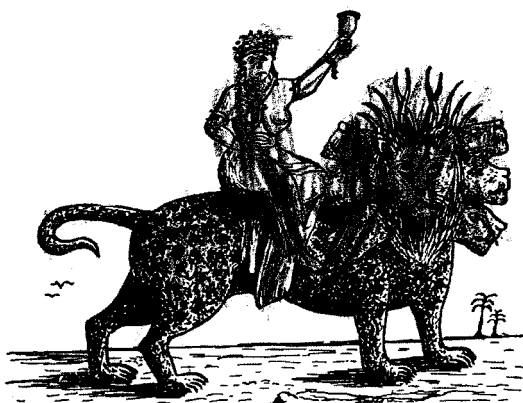
3. O surgimento de uma superigreja. O grande carisma religioso do Falso Profeta durante o governo do Anticristo se materializará na necessidade de organizar uma superigreja, cujo perfil se encontra no capítulo 17 do Livro de Apocalipse. Essa superigreja, com sua atraente religião, irá se consolidar pelo intenso trabalho “evangélico” do Falso Profeta, com a promoção de grandes cruzadas. Será uma religião avessa à de Deus. Seu ponto alto será a adoração a um homem, o super-homem de Satanás (Ap 13.8,12; 2Ts 2.4).



4. A Babilônia mística de Apocalipse 17. Essa anti-igreja, ou Babilônia mística, é retratada em Apocalipse 17. Ela muito se assemelha em identificação, constituição e procedimento à Igreja Católica Romana, se bem que a superigreja de Apocalipse 17 encerra pormenores que vão extrapolar a Igreja Católica Romana do passado e do presente. Esta Igreja é dirigida pelo papa, ao passo que a igreja mundial de que estamos

tratando será chefiada pelo Falso Profeta, um superlíder religioso aliado do Anticristo. Talvez a Igreja Católica Romana de então integre-se a esse sistema religioso mundial falso.

Para uma melhor compreensão quanto ao caráter da superigreja mundial que existirá no mundo durante o governo do Anticristo, é indispensável que leiamos Apocalipse 17 e 18, capítulos que falam de duas Babilônias. Uma é simbólica (a do capítulo 17), enquanto que a outra é literal (a do capítulo 18). A do capítulo 17 é a falsa igreja mundial, aparecendo sob a figura de uma mulher. O cálice que a mulher segura na mão é a falsa religião que prevalecerá naqueles dias do reinado da Besta (v. 4). Essa igreja falsa com o seu sistema religioso aparece primeiro no “deserto” (v. 3) e também sentada sobre muitas águas (v. 1), o que é interpretado como sendo “*povos, multidões, nações e línguas*” (v. 15). O nome “Babilônia”, associado a essa superigreja organizada nos dias da Grande Tribulação, indica duas coisas: rebelião organizada contra Deus e uma grande atividade do Espiritismo, em suas inúmeras manifestações.



5. A Babilônia de Apocalipse 18 diz respeito, sem dúvida, à cidade de Babilônia reconstruída, como a primeira capital do reino do Anticristo. Será um gigantesco centro político, religioso e financeiro. A Besta necessita disso tudo para galgar o poder. Para compreender isso, é indispensável ler o capítulo 18 de Apocalipse.

6. Paz e prosperidades falsas. 1 Tessalonicenses 5.3 e Apocalipse 6.2 falam da paz e da prosperidade que a Terra experimentará no princípio do governo centralizado da Besta. Daniel 11.36 diz que o seu governo será próspero. Ela convencerá o mundo de que está raizando a era da paz e do progresso com que a humanidade tanto sonhava. A política, a religião, a economia e a ciência serão suas metas principais. A ciência atingirá um ponto nunca alcançado. Todo esse progresso será falso, porque será superficial e durará pouco. Logo depois, a Besta revelará seu verdadeiro caráter maligno, ao mesmo tempo em que os juízos desencadeados do Céu, sob os selos, as trombetas e as taças registrados nos capítulos 6 a 18 de Apocalipse, porão tudo a descoberto, mostrando que as multidões foram completamente iludidas, em âmbito mundial.

7. O cavaleiro e seu cavalo. O cavalo e sua cor branca (Ap 6.2) falam de conquista, vitória e paz. O cavalo nas guerras antigas era elemento de primeira

necessidade. O arco do cavaleiro fala do longo alcance e da amplitude de seus empreendimentos. A sua arrancada será, a princípio, vitoriosa, inclusive porque não enfrentará qualquer protesto e oposição da verdadeira Igreja, que, nesse tempo, já estará na Glória com o Senhor. A coroa, o cavalo branco e a arrancada vitoriosa do Anticristo falam dele como o falso messias e solucionador das crises mundiais. Seu governo será a falsificação do milênio de Cristo. Sim, ele imita o Cristo verdadeiro, que monta outro cavalo branco (Ap 19.11).



8. O número da Besta: 666. A Besta terá um nome, no momento desconhecido. O número resultante desse nome será 666 (Ap 13.17,18). A Bíblia diz três coisas sobre a Besta: seu nome, número e marca. No momento, só o seu número nos é revelado: 666. A pessoa e o nome serão revelados após o arrebatamento da Igreja (2Ts 2.7,8).

Como será a Grande Tribulação

A Grande Tribulação abrangerá um período de sete anos, dos quais os piores em termos de sofrimento serão os últimos três anos e meio. O sofrimento nesse tempo será de tal monta que, se durasse mais tempo, ninguém escaparia com vida (Mt 24.21,22).

A primeira menção bíblica da tribulação encontra-se em Deuteronômio 4.30. A pior fase da Grande Tribulação será quando o Anticristo romper a aliança feita com os judeus e começar a persegui-los, fato que ocorrerá quando ele exigir adoração e os judeus se recusarem a oferecê-la. Os “santos” perseguidos pela Besta (Dn 7.21,25 e Ap 13.7) são, em primeiro plano, os judeus, mas também, os gentios crentes, os quais serão martirizados.

Ao romper sua aliança com os judeus, o Anticristo romperá também com a igreja apóstata (Ap 17.16) e implantará a nova forma de adoração a ele mesmo. Apesar da Grande Tribulação visar em primeiro lugar aos judeus, o mundo todo sofrerá os seus efeitos (Jr 25.29-32). Deus entrará em juízo com o Seu antigo povo, para expurgá-lo e levá-lo ao arrependimento e à conversão (Ez 20.33-39).

Haverá salvação durante a Grande Tribulação?

Muitos perguntam: “Haverá salvação durante a Grande Tribulação?”. Respondemos: Sim, haverá. É fácil provar biblicamente. Uma única passagem como a de Apocalipse 7.14, bastaria para isso. Muitos objetam aqui, dizendo: Como pode haver salvação nessa época quando a dispensação da Graça terá findado e o Espírito Santo terá arrebatado a Igreja?”. A esta pergunta respondemos com outra pergunta: Como o povo se salvava antes da dispensação da Graça, e, como operava o Espírito Santo nessa época? O povo salvava-se pela fé no Redentor prometido que haveria de vir. Isso era também salvação pela graça (At 15.11; Ef 1.4).

As duas testemunhas

Durante os terríveis dias da Grande Tribulação, haverá duas testemunhas especiais da verdade divina, profetizando aqui na Terra (Ap 11.3-12). Serão dois homens intocáveis até que cumpram a sua missão (Ap 11.7). Ambos serão mortos pela Besta. Comparando-se Zacarias 4.11-14 com Apocalipse 11.4, vê-se que essas duas testemunhas estão agora no Céu. Podem ser Enoque e Elias, do Antigo Testamento. Ambos não passaram pela morte (Gn 5.24 e 2Rs 2.11). Moisés não pode ser um deles, pois morreu (Dt 34.5,6), como aos homens está ordenado morrer apenas uma vez (Hb 9.27); ao passo que essas testemunhas ainda morrerão aqui.

Israel e sua fuga na Grande Tribulação

Em sua perseguição para destruir os judeus, a Besta conduzirá seus exércitos contra Jerusalém. Nessa ocasião crítica, parte de Israel se refugiará nos montes e nos abrigos naturais de Edom, Moabe e Amom (Mt 24.20; Is 16.1-5; Ez 20.35-38). Por estarem destinadas como abrigo para os judeus durante a Grande Tribulação, Edom, Moabe e Amom serão poupados por Deus durante a investida arrasadora do Anticristo contra Israel (Dn 11.41). Já uma vez Israel refugiou-se aí, quando Babilônia o hostilizou (Jr 40.11,12).

TEXTO 4**A VOLTA DE JESUS**

Quando Jerusalém estiver cercada de exércitos das nações confederadas sobre a Besta e os judeus estiverem sem qualquer esperança de salvação, a ponto de serem tragados pelo inimigo, então clamarão angustiados a Deus (Is 64.8-12). Será nessa situação crítica de Israel que o Senhor Jesus descera em seu socorro, sobre o Monte das Oliveiras, em Jerusalém (Is 52.8).

Derrocada dos governos da Terra

Em Daniel 2.34,35,44,45, quatro vezes está dito que os reinos do mundo foram esmiuçados pelo impacto da pedra que desceu da montanha. Sabemos que a pedra figura Cristo na Sua segunda vinda (Mt 21.44), portanto, o mundo não findará convertido pela pregação do Evangelho. Também não findará de maneira tranquila e pacífica, como muitos pensam, mas, sim, destruído por catástrofes mundiais e sobrenaturais, por ocasião da vinda de Jesus, de quem o mundo zombou e a quem rejeitou. Isto ocorrerá em Armagedom, no tempo do domínio das dez nações confederadas sob a liderança do Anticristo.

A batalha do Armagedom

O termo *Armagedom* significa *Monte de Megido*. Esse local tem sido famoso como campo de batalha da História, dada a posição estratégica que ocupa. Aí se concentrarão as forças das nações em guerra contra Deus e Israel (Ap 16.13-16). O Anticristo lançará o seu ataque contra os judeus e avançará sobre Jerusalém. A batalha não é em primeiro lugar um combate pessoal entre os exércitos do mundo, sob a Besta, e o celestial, sob Cristo, mas um ataque dos exércitos da Besta visando à exterminação do povo judeu, pois o Diabo sabe que os planos de Deus estão relacionados com Israel, quanto ao futuro do mundo (Jr 31.35,36; 46.28). O ataque será devastador, porém, os judeus lutarão heroicamente (Zc 14.14).

A ação divina destruidora e sobrenatural à repentina aparição de Jesus em Jerusalém causará completo destroço nesses exércitos, tanto os atacantes sobre Jerusalém, como o grosso das tropas e seu material de guerra concentrados em Armagedom. O morticínio será incalculável.

A volta de Jesus e as nações rebeladas

No momento da volta de Jesus haverá convulsões em toda a natureza. Terá chegada a hora do colapso das nações amotinadas contra Deus e o Seu povo. Nesse momento, a pedra cortada sem auxílio de mãos (Dn 2.45) destruirá os reinos do mundo, o poder gentílico mundial sob o comando do Anticristo.

A Destruição do Anticristo e do Falso Profeta

O Anticristo será um homem como os demais, isto é, nascido de mulher. João o viu sair “do mar”, isto é, dentre o povo. Comparemos Apocalipse 13.1 com 17.15. Por ocasião da manifestação visível de Jesus, o Anticristo e o Falso Profeta serão lançados vivos no “*lago de fogo e enxofre*”, que é o Inferno final e definitivo (Ap 14.9,10; 19.20).

Aceitação nacional de Jesus como o Messias, pelos judeus

Desde os dias de Jesus, tem havido judeus cristãos, mas, apenas individualmente. Como nação, eles rejeitaram Cristo (Mt 23.37), mas, agora, o remanescente judaico, expurgado e arrependido, reconhecerá Jesus como o seu Messias Redentor prometido. Em escala nacional O aceitarão, chorando (Is 4.3; 59.20,21; 60.21). A profecia de Oséias 6.2 por certo refere-se à duração do pranto e à subsequente conversão de Israel.

Os festivais sagrados do Dia da Expição e da Festa dos Tabernáculos têm um aspecto profético de arrependimento e regozijo, que aponta para esse retorno de Israel a Deus (Lv 23.27-32). O versículo 27, “*afligireis as vossas almas*”, combina com Zacarias 12.10. Já mostramos que durante a Grande Tribulação haverá derramamento do Espírito Santo, redundando em multidões de salvos. Individualmente, muitos judeus aceitam Cristo hoje, mas então, o restante de Israel será salvo nacionalmente, num só dia. Comparemos Isaías 66.8 com Romanos 11.26; também Isaías 10.22.

O julgamento das nações

Quando Jesus julgar as nações ao retornar à Terra, a sua população estará muito reduzida em consequência dos cataclismos sobrenaturais, inevitáveis e incontrolláveis que desabarão sobre este mundo ímpio. Destarte, o julgamento das nações descrito em Mateus 25.31-34, 41,46 será apenas a consumação daquilo que já começou muito antes, sob os selos, trombetas e taças de juízos divinos.

O propósito deste juízo, a ser realizado no Vale de Josafá (Jl 3.2,12), é o de determinar quais nações terão parte no Milênio. Nações serão poupadas e ingressarão no citado Reino do Filho de Deus, outras serão desarraigadas e desaparecerão como nações.

O mapa do mundo sofrerá muitas alterações. Após o julgamento, “os que restarem de todas as nações” (Zc 14.16) ingressarão no reino milenial sobre a Terra.

TEXTO 5

O MILÊNIO

O Milênio será o maravilhoso reinado de Cristo na Terra por mil anos (Ap 20.1-6). Essa época áurea é ansiosamente aguardada pelo povo israelita (Lc 2.38). A criação toda também aguarda esse tempo para sua libertação das consequências do pecado a que ficou sujeita, desde a queda do homem. O Milênio será a resposta às orações de milhões do povo de Deus através dos tempos: “*Venha o Teu reino.*”.

Há quem diga que o Milênio ocorrerá antes da vinda de Jesus, quando a Bíblia ensina que será depois. Comparemos Apocalipse 19.11-16 (a volta de Jesus) com Apocalipse 20.1-6 (o Milênio, após a volta de Jesus). Não encontramos na Bíblia nenhum aviso de Jesus para esperarmos pelo Milênio, e, sim, para esperarmos por Ele, na Sua vinda.

Propósitos do Milênio

No início do Seu ministério terreno, Jesus revelou a plataforma do Seu governo, tendo uma legislação toda superior. É o chamado Sermão do Monte, registrado em Mateus, o Evangelho do Rei, nos capítulos 5 a 7. Alguns propósitos do Milênio são:

- a) Fazer convergir em Cristo todas as coisas, isto é, toda a criação (Ef 1.10);
- b) Estabelecer a justiça e a paz na Terra, eliminando toda rebelião contra Deus (1Co 15.24-28);
- c) Fazer convergir no Milênio todas as alianças da Bíblia;
- d) Fazer Israel ocupar toda a terra que lhe pertence e fazê-lo cabeça das nações (Is 11.10);
- e) Cumprir as profecias a respeito do reino do Messias.

Fatos e aspectos do Milênio

1. O Milênio ocorrerá na Terra. Em 1 Coríntios 6.2 está dito que os santos hão de julgar o mundo. Onde e quando será? Só pode ser durante o Milênio. Será no Céu? Não! Será no mundo. A palavra original aí, para “*mundo*” é *kosmos*, que, além de significar *mundo físico, material*, também significa *os ocupantes dele*, isto é, *a raça humana* (Sl 2.8,9; Zc 9.10; 14.9).

2. O Milênio é a última dispensação concernente à humanidade. É a “*dispensação da plenitude dos tempos*” (Ef 1.10). Significa que para esta dispensação convergem todas as alianças e tempos mencionados na Bíblia. É riquíssima de sentido a expressão “*plenitude dos tempos*”. Ela mostra que o Milênio é um reinado sublime e que, findo o mesmo, terá início a eternidade futura.

3. Jesus reinará sobre todas as nações. Jesus vem para reger as nações como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Aproxima-se velozmente o dia em que toda a nação sobrevivente de Israel O aclamará como seu Rei e Libertador. Toda e qualquer oposição a Deus será neutralizada por Cristo (1Co 15.24-26), que preparará a Terra para o estabelecimento do Seu reino eterno sob o governo de Deus (2Sm 7.12,13; Lc 1.32,33).

4. Forma de governo do Milênio. O Milênio será uma teocracia. Todos os reinos do mundo estarão sob o senhorio de Cristo (Fp 2.10,11). Nesse período conheceremos a letra e a música da “Canção dos Reis da Terra”, cujo relato e tema estão em Salmos 138.4,5. Todos os reis e chefes de estado, sem exceção, cantarão essa canção. Salmos 72.8-11 descreve também as glórias desse reino universal e teocrático de Cristo.

5. Classes de povos participantes do Milênio. Haverá dois grupos de povos distintos no Milênio:

a) Os crentes glorificados, consistindo dos salvos do Antigo Testamento, os do Novo Testamento (a Igreja) e os oriundos da Tribulação:

b) Os povos naturais, em estado físico normal, vivendo na Terra, a saber: judeus salvos saídos da Grande Tribulação, gentios poupados no julgamento das nações e o povo nascido durante o próprio Milênio.

6. O templo milenial será construído. A descrição completa deste templo que será construído durante o Milênio acha-se em Ezequiel 40 a 44. Nesse tempo, a cidade de Jerusalém estará muito ampliada (Jr 31.38-40; Sl 102.16). Na descrição do templo milenial, não consta a presença da arca, porque a presença dAquele a quem a arca representava torna desnecessária a presença dela.

O Milênio em relação a Israel

Durante o Milênio, alguns sacrifícios e ofertas serão restaurados e observados por Israel, com a participação dos gentios. Evidentemente, não terão a mesma finalidade que no Antigo Testamento – a de prefigurar Jesus e Sua obra, mas serão memoriais do que Jesus efetuou. Servirão de instrução às gerações futuras, ensinando-lhes a respeito da maravilhosa obra de Cristo no Calvário, assim como hoje a Ceia do Senhor é um memorial para a Igreja, revelando a obra de Cristo. A Festa dos Tabernáculos que apontava para o Milênio será outra vez observada com a participação dos gentios. De igual modo, a Festa da Páscoa e a Festa da Lua Nova (Is 66.21-23).

1. Os judeus possuirão toda a terra prometida. Esse território se estende do Mar Mediterrâneo ao Rio Eufrates (Gn 15.18). O vasto território será dividido em treze faixas iguais e paralelas, uma para cada tribo de Israel sendo que a faixa central será do príncipe (Ez 48). O Egito e a Assíria serão nações tementes a Deus e unidas a Israel. Juntas adorarão a Deus (Is 19.21-25).

O Egito (ao que parece) procurará afastar-se de Deus, mas será castigado por isto (Zc 14.18,19). A Assíria antiga compreende hoje os territórios da Síria e Iraque (em parte). Edom, Moabe e Amom pertencerão a Israel (Is 11.14), onde haverá um vasto programa de reconstrução (Ez 36.33-36). Israel e os israelitas serão exaltados, respeitados e procurados (Zc 8.23; Jr 3.17), especialmente sua capital, Jerusalém.

2. Israel será uma bênção para o mundo. Jerusalém será a sede do governo milenial e mundial de Cristo (Is 2.3; 60.3). De Jerusalém sairão tanto as diretrizes religiosas como as leis civis para o mundo. Tanto a “lei” como “a palavra do Senhor”, sairão de Jerusalém (Is 2.2; Mq 4.2). Esta Jerusalém da qual estamos falando não é Jerusalém celestial, de Apocalipse 21 e 22.

A Jerusalém celestial descerá e pairará nas alturas sobre a Jerusalém terrestre (Is 2.2 e Mq 4.1). A glória e o esplendor da Jerusalém celeste iluminarão a Jerusalém terrestre e seu templo (Is 4.5; 24.23; Ez 43.2-5). Ezequiel vira essa glória (*shekinah*) saindo do templo, mas depois a viu voltando sobre o templo de Jerusalém (Ez 10.18).

O Milênio em relação à Igreja

No Milênio, a Igreja estará glorificada com Cristo. Ela é o Seu povo especial, como povo espiritual (Tt 2.14 – ARC). Já Israel é um povo especial de Deus para uma missão terrena. (Dt 7.6). Os fatos a seguir serão uma constatação no período do Milênio:

1. A Igreja estará glorificada com Cristo na Jerusalém celeste (Cl 3.4; 1Pe 5.1; Rm 8.17,18). Vemos assim, mais uma vez, que o Milênio será uma época de

manifestação da glória de Deus: glória da Jerusalém celeste, glória no templo milenial e glória na Igreja. Essa glória divina, o homem perdeu ao cair (Rm 3.23), mas com o advento de Jesus em Belém, ela começou a ser-lhe restaurada (Lc 2.9,14).

2. O conhecimento de Deus será universal. O conhecimento divino, abundante durante o Milênio, não virá primordialmente pelo estudo. Será antes intuitivo (Is 11.9; Jr 31.34). Os judeus, por sua vez, continuarão levando a efeito um grande movimento missionário (Is 66.19). Conforme Isaías 52.7, a evangelização estará em primeiro plano. Trata-se aí da pregação das boas-novas. Multidões serão salvas. A população da Terra crescerá rapidamente sob as benignas condições do Milênio. Se não houvesse salvação durante o Milênio, este seria uma decepção.

3. A piedade prevalecerá. Caravanas de todas as nações irão a Jerusalém buscar a Lei do Senhor (Is 2.3; Zc 8.20-23). Isso não significa que o pecado será removido da Terra. A natureza humana será a mesma, mas, devido às bênçãos do reinado e da presença pessoal de Cristo, e, estando Satanás preso (Ap 20.1-3), ninguém terá obstáculos espirituais para segui-LO, como agora.

4. A paz e a justiça prevalecerão entre as nações (Mq 4.3; Zc 9.10). Não haverá mais guerras! Haverá desarmamento total (Is 2.4). Ninguém se queixará de opressão ou injustiça. Ler Isaías 11.4. Não haverá clima nem motivo para descontentamento ou rebeliões, porque “*O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre*” (Is 32,17). Sim, a preciosa paz, hoje tão desejada mas não alcançada, prevalecerá, afinal, pois estará reinando o Príncipe da Paz (Is 9.6)!

5. Haverá pleno derramamento do Espírito Santo (Ez 39.29). Sendo o Milênio o reino do Messias, e, sendo o Espírito Santo aquele que glorifica a Cristo (Jo 16.14), é de se esperar um sublime e incomparável derramamento do Espírito Santo.

6. Haverá restauração e renovação em toda a face da Terra. Isto está contido na palavra traduzida “*regeneração*”, em Mateus 19.28, e “*restauração*”, em Atos 3.21. “*Restauração*”, do grego “*apokatastaseos*”, nada tem com religião, nem movimento religioso, mas com a obra que terá lugar durante o governo milenial de Cristo (Cl 1.20).

O Milênio em relação à Terra

O Milênio está relacionado não apenas à nação de Israel, às nações gentílicas, e à Igreja glorificada de nosso Senhor Jesus Cristo, mas tem relação profunda com a Terra como planeta e lugar de nossa habitação.

1. Um rio fluirá do templo milenial. Para entendermos este tópico, leiamos Joel 3.18. O leito desse rio será aberto por terremoto no momento da revelação de

Cristo (Zc 14.4). Dividir-se-á em dois, correndo um canal para o Mar Morto e outro para o Mar Mediterrâneo (Zc 14.8). O Mar Morto, onde atualmente nenhuma forma de vida existe, terá muitos peixes (Ez 47.8-12).

2. A vida humana será prolongada. Haverá abundância de saúde para todos. Isso em muito contribuirá para prolongar a vida (Is 33.24). Outros fatores contribuintes são as bênçãos especiais de Deus, as mudanças climáticas, redução do efeito do pecado, redução da ação dos demônios, condições mais favoráveis de vida e melhor nutrição.

3. Será grande a fertilidade do solo. Os desertos desaparecerão (Is 35.1,6; 41.19). Haverá grande abundância de água (Is 30.25), de víveres e fartura para todos (Jr 31.12). A maldição que paira sobre a Terra será praticamente removida. A remoção total dar-se-á na nova Terra. Dela está escrito que não haverá mais maldição (Ap 22.3).

4. Haverá prosperidade geral para todos. Durante o Milênio, todos possuirão casas (Is 65.21,22). Hipotecas, aluguéis e dívidas de casas serão coisas do passado (Mq 4.4; Zc 3.10). O hebraísmo constante dessas últimas referências denota prosperidade geral.

5. Haverá alterações no relevo do solo. Ler Zacarias 14.2,10. No versículo 10, a tradução mais fiel é a da Versão Corrigida: “*ela (a terra) será exalçada*”, ao passo que a Versão Atualizada registra “*esta (a terra) será exaltada*”. Não se trata aí da Terra ser “*exaltada*”, mas “*exalçada*”, isto é, elevada. Isto é, a Terra elevar-se-á; tornar-se-á alta. Isaías 2.2 e 11.15,16 são passagens que corroboram com este ponto de vista.

6. Haverá mudança no reino animal. A ferocidade será removida (Is 11.6-8). A criação sofre atualmente devido à queda do homem, mas, então, participará das bênçãos milenais (Rm 8.19-22). A única exceção será a serpente, que comerá o pó da terra, certamente por ter sido o instrumento da queda do homem, que trouxe o mal a todo o mundo (Is 65.25). No Milênio, a paz será total no reino animal, inclusive.

7. Os anjos e o Milênio. Dos anjos, está escrito a respeito de Jesus: “... *E todos os anjos de Deus o adorem*” (Hb 1.6). Reinando aqui na Terra o Príncipe da Paz, certamente os anjos terão um ministério de muita atividade, aumentando as glórias do Milênio. Graças a Deus pelo poderoso, eficaz e fiel ministério dos anjos em todos os tempos, e em escala tão vasta, a nosso favor.

8. O Milênio e o cumprimento da Festa dos Tabernáculos. “*Porém, aos quinze dias do mês sétimo... haverá descanso solene.*” (Lv 23.39). Passaram-se as provas do deserto que a Igreja enfrentou! O plano redentor de Deus para com o homem findará com o Milênio.

TEXTO 6

EVENTOS FINAIS

Quem são Gogue e Magogue?

Gogue e Magogue, em Apocalipse 20.8, são as nações rebeladas contra Deus, instigadas por Satanás, conduzindo um furioso ataque contra os santos. Não se trata absolutamente de Gogue e Magogue relatados em Ezequiel, capítulos 38 e 39.

A última revolta de Satanás

No final da execução do plano de Deus para este mundo, ocorrerão três grandes conflitos ou guerras. O primeiro é o que está registrado em Ezequiel 38 e 39. O segundo conflito armado é o de Zacarias 14.1-4; Joel 3.9,12 e Apocalipse 16.13-16; 19.11-21. O terceiro conflito está descrito em Apocalipse 20.7-10.

Terminado o Milênio, Satanás, que fôra preso, será novamente solto por um breve espaço de tempo (Ap 20.7). Essa soltura momentânea de Satanás, servirá para:

- a) provar os que nasceram durante o Milênio;
- b) revelar que o coração humano não-convertido permanece inalterado, mesmo sob o reino pessoal do Filho de Deus;
- c) demonstrar, pela última vez, quão pecaminosa é a natureza humana e que o homem por si mesmo jamais se salvará, mesmo sob as condições as mais favoráveis;
- d) demonstrar que Satanás é totalmente incorrigível.

O julgamento dos anjos caídos

É conveniente crermos que os anjos decaídos, tanto os livres que trabalham agora para Satanás, como os aprisionados “...para o juízo do grande Dia...” (Jd v. 6), e ainda os demônios serão julgados juntamente com o Diabo, a quem eles acompanharam, obedeceram e serviram (Ap 20.10; 2Pe 2.4).

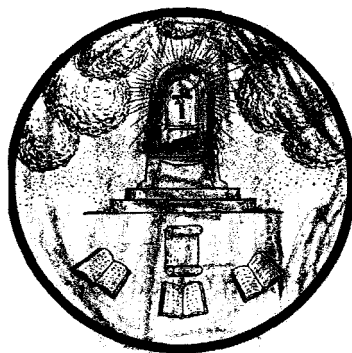
A Igreja certamente estará associada neste juízo, pois travou renhido combate contra o Diabo e suas hostes. É, pois, justo que a Igreja os julgue também. “*Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?...*” (1Co 6.3). Este evento marcará o ponto final

da liberdade de ação do Diabo, dos anjos decaídos e dos demônios. É o final da sua carreira maligna (Mt 25.41).

O Juízo Final

Nessa ocasião, os ímpios falecidos, de todas as épocas, ressuscitarão com seus corpos literais e imortais, porém carregados de pecado (Ap 20.11-15). Esse julgamento será para aplicação de sentenças, pois o pecador já está condenado desde que não crê no Filho de Deus como seu Salvador (Jo 3.18).

Haverá o Grande Trono Branco (Ap 20.11,12), o Julgamento e os Livros no Céu (Ap 20.12). Alguns desses livros devem ser:



- a) O livro da consciência (Rm 2.15; 9.1);
- b) O livro da natureza (Jó 12.7-9; Rm 1.20; Sl 19.1-4);
- c) O livro da Lei (Rm 2.12); ora, a Lei revela o pecado (Rm 3.20);
- d) O livro do Evangelho (Rm 2.16; Jo 12.48);
- e) O livro da nossa memória (Lc 16.25; Mc 9.44) aí deve ser uma alusão ao remorso constante no Inferno. Veja o contexto: versículos 44-48 (Ler Jr 17.1);
- f) O livro dos atos dos homens (Ap 20.12; Mt 12.36; Lc 12.8,9; Mt 3.16);
- g) O livro da vida (Ap 20.12; Sl 69.28; Dn 12.1; Lc 10.20; Fp 4.3).

Os que morreram sem conhecer o Evangelho

Quanto aos que morreram sem conhecer o Evangelho, deixemos com Deus. Sendo perfeito em justiça como é, Deus terá uma lei para julgar os que pecaram sem lei, isto é, sem conhecerem a Lei (Rm 2.12). De uma coisa estejamos certos: diante de Deus ninguém é inocente, inclusive os pagãos (Rm 2.15; 10.18; Is 5.3b). O “Juiz de toda a terra” saberá fazer justiça (Gn 18.25). Só Ele é o juiz dos que morreram (At 10.42). A Bíblia assegura que o juízo de Deus é “segundo a verdade” (Rm 2.2) e que os juízos de Deus são verdadeiros e justos (Ap 16.7).

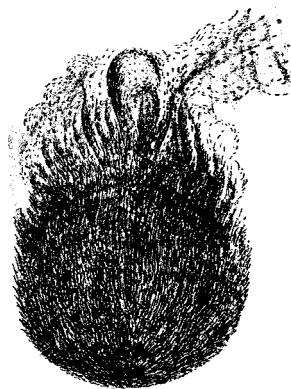
Os mortos salvos durante o Milênio

Os mortos salvos durante o Milênio certamente ressurgirão e serão recompensados nessa ocasião, o que também explica a presença do Livro da Vida nesse momento. O julgamento dos mortos ímpios, como já vimos, será de acordo com as obras de cada um; portanto, haverá diferentes graus de castigo (Mt 11.21-24; Lc 12.47, 48; Ap 20.12).

Novos Céus e Nova Terra

“Ora, os céus que agora existem e a terra...” (2Pe 3.7,10-13) é indício de que somente obras humanas serão consumidas (Hb 12.27). O mesmo Deus que preservou a sarga de se consumir (Êx 3.2) e tornou imune ao fogo os três jovens hebreus (Dn 3.25) pode também preservar o povo salvo, saído do Milênio, e tudo mais que Ele quiser, durante esta expurgação final dos Céus e da Terra (Is 51.16).

Os Céus também serão expurgados, porque o espaço sideral está contaminado pela ocupação de Satanás e seus agentes (Jó 15.15). Assim, vemos que esse ato divino extinguirá o pecado do Universo. Aqui se cumprirá, integralmente, o que está registrado em João 1.29: “... Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”. Mundo aí é *kosmos*, no original, que na Bíblia implica não somente na humanidade, mas no próprio mundo físico em que ela habita. Cumprir-se-á então também, plenamente, Mateus 5.5: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.” Nesse tempo, haverá perfeita harmonia entre o Céu e a Terra (Cl 1.20), pois “céu e terra hão de ser a mesma grei”, como bem diz o poeta sacro. Sim, porque o muro de separação (o pecado) já foi desfeito totalmente.



O eterno e perfeito Estado

Durante Seu ministério terreno, Jesus fez menção de uma nova era que há de vir na consumação do atual sistema mundial; mas é nos capítulos 21 e 22 de Apocalipse que se encontram literalmente descritas as glórias desta maravilhosa era, quando Deus será tudo em todas as coisas. Aqui finda o tempo na história humana e começa o “*dia eterno*”, conforme 2 Pedro 3.18 (ou “*dia da eternidade*”, como registra a Versão Revista e Corrigida). A santa cidade de Jerusalém celestial baixará de vez sobre a Terra – a nova Terra, tendo seu relevo totalmente diferente (Ap 21.2,10).

Todas as coisas terão sido restauradas (At 3.21), enquanto que a Igreja, em estado de glória e felicidade eternas, governará a Terra sob o senhorio de Cristo (Dn 7.18,27).

A Bíblia menciona ainda uma sucessão de eras futuras, sobre as quais nada nos é dito no presente (Ef 2.7). Certamente, à medida que essas eras bíblicas forem passando, conheceremos mais e mais as insondáveis riquezas da graça de Deus! E como são insondáveis as riquezas de Cristo! (Ef 3.8). Deus será então tudo em todos, conforme está escrito em 1 Coríntios 15.28, e, para sempre continuará o eterno e perfeito estado. Amém!

QUESTIONÁRIO DA LIÇÃO

I. Assinale com “X” a alternativa correta.

- 10.01 A primeira fase da segunda vinda de Cristo diz respeito
☐ a) à Sua ira vindoura.
☐ b) à manifestação física e pessoal de Jesus.
☐ c) ao arrebatamento da Igreja juntamente com a ressurreição dos santos.
☐ d) Nenhuma das alternativas está correta.
- 10.02 Evento que fará parte do mundo após o arrebatamento da Igreja:
☐ a) apostasia total e indiferentismo espiritual.
☐ b) aumento do retorno dos judeus.
☐ c) a reconstrução do templo de Jerusalém.
☐ d) Todas as alternativas estão corretas.
- 10.03 Motivos da invasão de Israel por Gogue.
☐ a) a posição econômica.
☐ b) a profecia que Gogue recebera.
☐ c) as riquezas de Israel e a posição estratégica que ocupa.
☐ d) Nenhuma das alternativas está correta.
- 10.04 O período da Tribulação é conhecido pelo nome de
☐ a) “o dia da vingança do Senhor”.
☐ b) “o grande dia”.
☐ c) “o dia do Senhor”.
☐ d) Todas as alternativas estão corretas.

II. Marque "C" para certo e "E" para errado.

- ___ 10.05 Na Grande Tribulação, o falso profeta é o principal associado do Anticristo.
- ___ 10.06 De acordo com a Lição estudada, *Armagedom* significa *Monte de Megido*.
- ___ 10.07 Jesus ao retornar à Terra e julgar as nações, sua população estará muito maior em consequência dos cataclismos sobrenaturais, inevitáveis e incontroláveis.
- ___ 10.08 O Milênio é uma época áurea aguardada pelo povo israelita.
- ___ 10.09 Durante o Milênio, os mortos salvos certamente ressurgirão e serão recompensados.
- ___ 10.10 Jesus, em Seu ministério terreno, fez menção de uma nova era que há de vir na consumação do atual sistema mundial.

ANOTAÇÕES

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines, typical of notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

GABARITO – QUESTIONÁRIO DAS LIÇÕES

LIÇÃO 01

1.01 – b
1.02 – b
1.03 – d
1.04 – a
1.05 – C
1.06 – E
1.07 – C
1.08 – C
1.09 – C
1.10 – C

LIÇÃO 02

2.01 – C
2.02 – C
2.03 – C
2.04 – C
2.05 – E
2.06 – C
2.07 – d
2.08 – b
2.09 – d
2.10 – b

LIÇÃO 03

3.01 – d
3.02 – d
3.03 – d
3.04 – a
3.05 – E
3.06 – E
3.07 – C
3.08 – C
3.09 – C
3.10 – E

LIÇÃO 04

4.01 – d
4.02 – b
4.03 – C
4.04 – C
4.05 – C
4.06 – C
4.07 – C
4.08 – C
4.09 – C
4.10 – E

LIÇÃO 05

5.01 – a
5.02 – a
5.03 – C
5.04 – C
5.05 – C
5.06 – C
5.07 – E
5.08 – C
5.09 – C
5.10 – C

LIÇÃO 06

6.01 – c
6.02 – c
6.03 – C
6.04 – C
6.05 – E
6.06 – C
6.07 – E
6.08 – E
6.09 – E
6.10 – C

LIÇÃO 07

7.01 – C
7.02 – E
7.03 – C
7.04 – C
7.05 – E
7.06 – C
7.07 – D
7.08 – A
7.09 – C
7.10 – B

LIÇÃO 08

8.01 – D
8.02 – A
8.03 – B
8.04 – C
8.05 – C
8.06 – C
8.07 – C
8.08 – C
8.09 – C
8.10 – E

LIÇÃO 09

9.01 – C
9.02 – E
9.03 – C
9.04 – E
9.05 – C
9.06 – E
9.07 – C
9.08 – E
9.09 – C
9.10 – C

LIÇÃO 10

10.01 – c
10.02 – d
10.03 – c
10.04 – d
10.05 – C
10.06 – C
10.07 – E
10.08 – C
10.09 – C
10.10 – C

BIBLIOGRAFIA INDICADA

ALMEIDA, Abraão de. *Há Uma Luz no Caminho*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Betel, 1998.

_____. *Manual da Profecia Bíblica*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1999.

ANDRADE, Claudionor Correia de. *Dicionário Teológico*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1996.

CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo, SP: Liber, 2001.

DEERE, Jack. *Surpreendido pelo Poder do Espírito*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1995.

DUFFIELD, Guy P.; CLEAVE, Nathaniel M. Van. *Fundamentos da Teologia Pentecostal – V. 1*. São Paulo, SP: Editora Quadrangular, 1987.

_____. *Fundamentos da Teologia Pentecostal – V. 2*. São Paulo, SP: Editora Quadrangular, 1987.

FERREIRA, Julio A. *Antologia Teológica*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2005.

GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução Bíblica*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vida, 1997.

GRUDEN, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1999.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1996.

HUTCHINS, N. W. *Arrebatamento e Ressurreição*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Betel, 1996.

LAW, Terry. *A Verdade Acerca dos Anjos*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Betel, 1997.

LAWSON, Steven J. *Alerta Final*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1996.

MCDOWELL, Josh. *Josh McDowell Responde 5 Perguntas*. São Paulo, SP: Editora Candeia, 2001.

MELO, João Leitão de. *Sombras, Tipos e Mistérios da Bíblia*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1989.

-
- MENZIES, William W.; HORTON Stanley M. ***Doutrinas Bíblicas***. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1995.
- PENTECOST, J. Dwight. ***Manual de Escatologia***. São Paulo, SP: Editora Vida, 1998.
- POHL, Adolf. ***Apocalipse de João I***. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2001.
- _____. ***Apocalipse de João II***. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2001.
- STOTT, John. ***O Que Cristo Pensa da Igreja***. Campinas, SP: Ed. United Press, 1999.
- STRONG, Augustus H. ***Teologia Sistemática V. I***. São Paulo, SP: Ed. Hagnos, 2003.
- _____. ***Teologia Sistemática V. II***. S. Paulo, SP: Ed. Hagnos, 2003.
- SZCZERBACKI, Rubens. ***Revelando os Mistérios do Apocalipse***. Rio de Janeiro, RJ: Editora Betel, 1999.
- WILLMINGTON, H. L. ***Dicionário de Referências Bíblicas***. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2003.

BIBLIOGRAFIA

BANCROFT, E. H. *Teologia Elementar*. São Paulo, SP: Imprensa Batista Regular, 1960.

BERKHOF, L. *Teologia Sistemática T. E. L. L.* MI (EUA), Grand Rapids, 1979.

BERNARDES, A. *Resumo Teológico para Leigos*. Rio de Janeiro, RJ: Juerp, 1969.

BINNY, A. R. *Compêndio de Teologia*. Campinas, SP: Editora Nazarena, s/d.

BOYER, O. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. Miami, FL (EUA): Editora Vida, 1978.

GIBBS, Carl B. *A Doutrina da Salvação*. Campinas, SP: EETAD, 2007.

GILBERTO, Antonio. *Calendário da Profecia*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2003

_____. *Manual da Escola Dominical*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2002.

_____. *Escatologia Bíblica*. Campinas, SP: EETAD, 2005.

GRAHAM, B. *Anjos, Agentes Secretos de Deus*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1975.

LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro, RJ: Juerp, 1977.

OLIVEIRA, Raimundo F. de *A Doutrina de Deus*. Campinas, SP: EETAD, 2005.

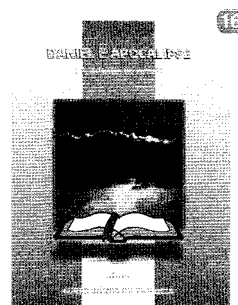
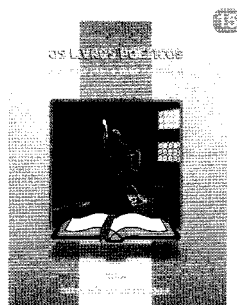
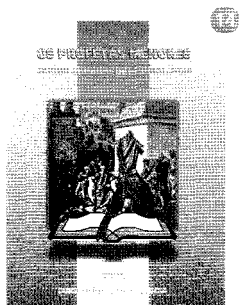
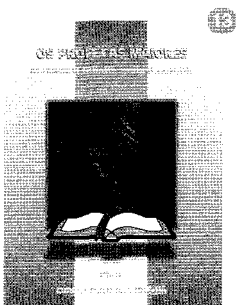
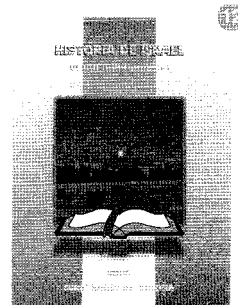
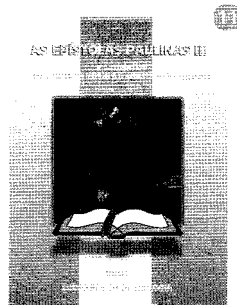
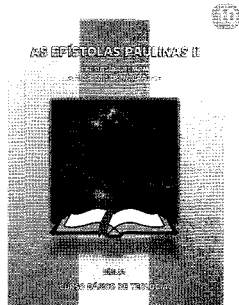
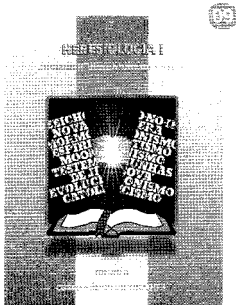
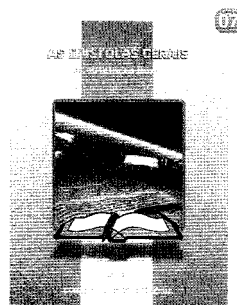
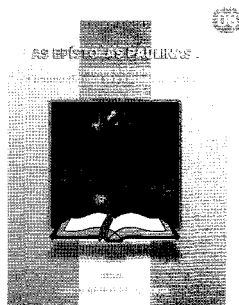
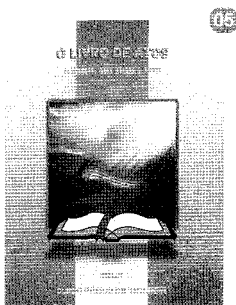
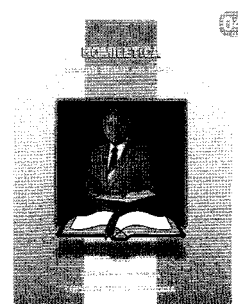
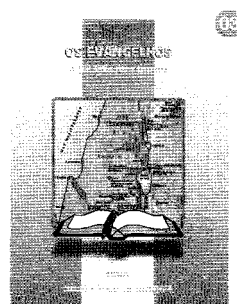
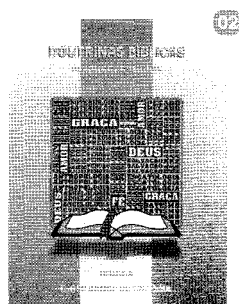
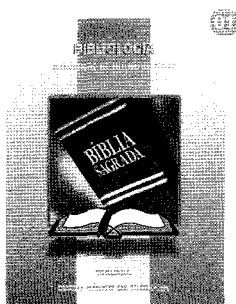
_____. *Anjos Homem e Pecado*. Campinas, SP: EETAD, 2005.

PEARLMAN, M. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*. Miami, FL (EUA): Editora Vida, 1978.

ROYER, Gary L. *Cristologia*. Campinas, SP: EETAD, 2005.

SOUZA, Estêvam Â. de *O Espírito Santo*. Campinas, SP: EETAD, 2004.

CURRÍCULO – NÍVEL BÁSICO



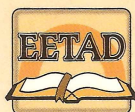
CURRÍCULO — NÍVEL MÉDIO



Este livro resume as Doutrinas Cardeais da Fé Cristã, aumentando a visão da grandeza e da importância dos elementos essenciais da nossa fé.

O estudo capacita o aluno a:

- Falar sobre a existência e a natureza de Deus;
- Expor a humanidade e a deidade de Cristo;
- Salientar a obra do Espírito Santo;
- Distinguir a natureza dos anjos e a do homem.
- Discernir entre pecado original e pecado atual;
- Identificar os elementos operantes na salvação;
- Discorrer sobre a doutrina da Igreja;
- Descrever os principais eventos escatológicos.



**Escola de Educação Teológica
das Assembleias de Deus**

Caixa Postal 1031 • Campinas - SP • 13012-970
www.eetad.com.br



Printed in Brazil